



SEVERINO PEDRO DA SILVA

Os
Amigos
sua natureza e ofício

SEVERINO PEDRO DA SILVA

Os
Anjos
sua natureza e ofício



Roberto José
E-Books Digital



Todos os Direitos Reservados. Copyright 1987 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

235.3	Silva, Severino Pedro da
SILa	Os Anjos, sua natureza e ofício. Rio de Janeiro, CPAD, 1987
	1v.
	1. Anjos. 2. Angelologia. 3. Arcanjos
	I. Título

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331 ,
20001, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
10.000/1987

8º EDIÇÃO 1997

Índice

Apresentação.....	5
Prefácio.....	6
Introdução.....	7
1. Os Anjos.....	8
2. A natureza geral dos Anjos.....	29
3. Seres magníficos em poder.....	39
4. A hierarquia angelical.....	49
5. O Arcanjo Miguel.....	53
6. O Anjo Gabriel.....	57
7. Os Querubins.....	61
8. Os Serafins.....	67
9. Outros Anjos em funções especiais.....	71
10. O Ministério Angelical no Antigo Testamento.....	77
11. O Ministério Angelical no Novo Testamento.....	81
12. Os Anjos na Evangelização	87
13. O Reino dos Anjos Maus.....	91
14. A Queda do Mundo Angelical.....	103
15. Os Demônios.....	109
16. Os Anjos na Vida Diária.....	149
Bibliografia	159

Apresentação

É com prazer que apresentamos ao público evangélico da língua portuguesa e a todos os que desejarem conhecer melhor angelologia o livro do escritor evangélico Severino Pedro da Silva - OS ANJOS - SUA NATUREZA E OFICIO.

O Livro é bom: leitura leve e agradável, apresenta, provoca interesse, instrui, satisfaz - dá vontade de ler e ler...

Certamente o autor não esgota o assunto, mas acrescenta muito em seu livro o que no Idioma Nacional tínhamos para consultar sobre os anjos em todas as suas classes, e espíritos.

Sem dúvida, a obra mostra erudição.

Severino Pedro da Silva é um autor novo que começa a subir: Apocalipse versículo por versículo; Daniel versículo por versículo e, agora, o presente livro.

Se o conteúdo é bom, o final é ótimo. Leiam!

Parabéns, irmão Severino Pedro da Silva.

Nemuel Kessler

Prefácio

É com singular prazer que, segundo a graça de Deus, prefacio mais um livro do destro e conhecido escritor evangélico SEVERINO PEDRO DA SILVA.

Seus livros, conforme conhecemos, são escritos com uma visível unção de Deus; suas teses são claras como a luz do dia; suas palavras são penetrantes como o calor do sol.

Os Anjos - sua Natureza e Ofício, de acordo com o que sugere o título, tudo apresenta à luz de cada contexto sobre o assunto. No livro, o escritor focaliza estes seres, suas funções, sua natureza, seus princípios e sua destinação.

Os anjos são seres espirituais bastante conhecidos na Bíblia. Suas funções e mensagens específicas são conhecidas em ambos os Testamentos. A Angelologia (doutrina dos anjos) neste livro, é, a meu ver, muito bem apresentada.

Sendo os anjos seres celestiais, todos nós desejamos saber quem os criou? quando foram criados? como foram criados? quem são eles - seres mortais ou imortais? o que fazem, a que ordem pertencem, etc.

Neste compêndio, portanto, iremos encontrar todas essas respostas e certamente aquelas que surgirão no decorrer de estudo tão importante. Recomendamos a todos os evangélicos e aos leitores da literatura sagrada - Os Anjos - sua Natureza e Ofício.

São Paulo, 1987
José Wellington Bezerra da Costa

Introdução

Quando consideramos os anjos, como nas outras divisões da Teologia Sistemática, existe um vastíssimo campo para o uso da razão. Por quê? porque desde que o Universo foi ordenado, esses seres entram em foco: Eles estiveram presentes ali! e, continuarão presentes pela eternidade.

A Angelologia (doutrina dos anjos) sempre foi proeminente em ambos os Testamentos. Muitas passagens das Escrituras ensinam que há uma ordem de seres celestes totalmente distintos da humanidade e da Divindade, que ocupam uma posição exaltada acima da atual posição do homem. Nem sempre podemos ter consciência da presença dos anjos. A Bíblia, porém, nos garante que, um dia, será removido de nossos olhos "o véu da separação" entre o visível e o invisível. Então, a partir daí, poderemos ver e conhecer em toda a plenitude a atenção que os anjos nos dedicaram em cada passo de nossa vida (1 Co 13.12). A crença em tais mensageiros angelicais é de caráter universal! Filósofos, poetas, historiadores, teólogos, etc, freqüentemente falaram no ministério de anjos. Muitas experiências do povo de Deus indicam que os anjos o tem auxiliado. Muitas pessoas poderão não ter sabido que estavam sendo ajudadas, porém a visita era real. A Bíblia nos diz que Deus ordenou aos anjos que auxiliassem o seu povo - a todos os que foram redimidos pelo poder do sangue de Cristo.

Negar esta verdade é negar a própria Bíblia.

São Paulo, Capital, 1987
Severino Pedro da Silva

1

Os Anjos

Sua existência

"Não são porventura todos eles espíritos ministrado-res, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" (Hb 1.14). O vocábulo "anjo" tal qual aparece nas versões correntes, vem de uma raiz hebraica "mal'âkh" (Lê-se malaque). No grego da Septuaginta (LXX), porém, os tradutores traduziram por "angellos" e, com tal sentido, o vocábulo aparece em ambos os testamentos.

Para o povo da Aliança (os judeus) e até fora dele, ambos os termos, designam um "mensageiro de Deus", familiarizado com Ele face a face, e por isso pertence a uma ordem de seres superiores aos homens (SI 8.3; Hb 2.7,9; 2 Pe 2.11).

Em alguns casos, aplica-se também o vocábulo "mensageiro de Deus" para uma pessoa humana, dependendo apenas, do contexto (2 Sm 14.17; Mt 11.10; Ap 1.20; 2.1,8,12,18; 3.1,7,14, etc).

Essas criaturas angelicais são mencionadas em ambos os Testamentos e em todas as épocas da história humana e sagrada. Vejamos:

a) No Antigo Testamento eles são mencionados textualmente por 108 vezes e sempre em missões específicas. Veja! Gênesis 16.7,9-11; 19.1,15; 22. 11,15; 24.7,40; 28.12; 31.10,11; 32.1; 48; Êxodo 3.2; 14.9; 23.20,23; 32.34; 33.2; Números 20.16; 22.22-27, 31,32,34,35; Juízes 2.1,4; 5.23; 6.11,12,20-22; 13.3,6,13,15-17,19,20; 1 Samuel 29.9; 2 Samuel 14.17; 19.27; 1 Reis 13.18; 19.5,7; 2 Reis 1.3,15; 19.35; 1 Crônicas 21.12,15,16,18,20,27,30; 2 Crônicas 32.21; Jó 4.18; Salmo 8.5; 34.7; 35.5,6; 91.11; 103.20; 148.2; Eclesiastes 5.6; Isaías 37.36; 63.9; Daniel 3.28; 6.22; Oséias 12.4; Zacarias 1.9, 11-14,19; 2.3; 3.3,5,6; 4.1,4,5; 5.10; 6.4,5; 12.8; Malaquias 2.7; 3.1.

b) No Novo Testamento essas criaturas são mencionadas sempre servindo aos santos, por 175 vezes. Observemos cada texto e contexto onde a palavra está presente:

Mateus 1.20,24; 2.13,19; 4.6,11; 11.10; 13. 39,41,49; 16.27; 18.10; 22.30; 24.31,36; 25.31,41; 26.53; 28.2,5; Marcos 1.2,13; 8.38; 12.25; 13.27,32; Lucas 1.11,13,18,19,26,28,30,34,35,38; 2.9,10,13,15; 4.10; 7.27; 9.26; 15.10; 16.22; 20.36; 22.43; 24.23; João 1.51; 5.4; 12.29; 20.12; Atos 5.19; 6.15; 7.35,53; 8.26; 10.3,7,22; 12.7-11,15,23; 23.8,9; 27.23; Romanos 8.38; 1Coríntios 4.9; 6.3; 11.14; Gálatas 1.8; 3.19; 4.14; Colossenses 2.18; 2 Tessalonicenses 1.7; 1 Timóteo 3.16; 5.21; Hebreus 1.47,13; 2.2,7,9,16; 12.22; 13.2; 1 Pedro 1.12; 3.22; 2 Pedro 2.4,11; Judas v.6; Apocalipse 1.1,20; 2.1,8,12,18; 3.1,7,14; 5.1,11; 7.1,2,11; 8.2-8,10,12,13; 9.1,11,13,14,15; 10.1,5,7-10; 11.1,15; 12.7; 14.6,8-10,15,17-19; 15.1,6,8; 16.1,3-5,8,10,12,17; 17.1,7; 18.1,21; 19.17; 20.1; 21.9,12,17; 22.6,8,16⁽⁴⁾. No Apocalipse de João, existem apenas três capítulos (4,6,13) onde o vocábulo está ausente, mas nos demais ele ocorre 71 vezes. Na esfera celeste, porém, este número angelical é elevado a um grau supremo. A Bíblia afirma existir "...milhares de milhares "e" milhões de milhões" (Ap 5.11). Existem muitas outras citações similares com outros apelativos que expressam o mesmo significado do pensamento, a saber: "arcanjo" (Jd 9). "varões" (Gn 18.2), "homens" (Js 5.13), "intérpretes" (Jó 33.23), "sacerdotes" (Ml 2.7), "ministros" (SI 104.4), "espíritos" (Hb 1.14), "ventos" (SI 104.4), "mancebos" (Mc 16.5). "água = ARA" (Ap 8.13), "estrelas" (Ap 1.20; 12.4), "deuses = LXX" (SI 97.7), "Labaredas de fogo" (Hb 1.7), "filhos de Deus" (Jó 1.6 e 2.1), "filhos dos poderosos" = referência à Trindade, LXX (SI 29.1), "hostes" (SL 103.20 - LXX), "querubins" (Gn 3.24), "serafins"

(Is 6.2-6), "criaturas viventes" (Ap 4.6), "principados" (Ef 1.21), "potestades" (Ef 1.21), "poderes" (1 Pe 3.22 = ARA), "domínios" (Ef 1.21), "santos" (Dn 4.13), "mensageiros" (Jó 33.23), "vigias" (Dn 4.13), "Príncipes" (Js 5.13,14), etc.

A alusão ao número destes ministros de Deus é um dos superlativos da Bíblia. Eles foram descritos em multidões que ultrapassam nossa imaginação. Temos razões para concluir que há tantos seres espirituais em existência no Universo quantos seres humanos vão existir em toda a história da Terra.

É significativo que a frase "o exército do céu" descreve tanto as estrelas materiais quanto os anjos, sendo que ambos não podem ser contados (Gn 15.5; Ap 5.11; 12.4).

c) O doutor William Cooke, observa esta enumeração em cada contexto dos exércitos celestiais. Vejamos:

"E foi também Jacó o seu caminho, e encontraram-no os anjos de Deus. E Jacó disse, quando os viu: Este é o exército de Deus. E chamou o nome daquele lugar Maa-naim" (Gn 32.1,2). O presente texto, conforme seu original, diz que Jacó viu-se cercado ali de dois exércitos angelicais: "Maanaim" - dois bandos!

Micaías, profeta da corte acabiana, afirma ter visto o contingente celestial à "mão direita e à esquerda de Deus".

Veja! "... Vi ao Senhor assentado sobre o seu trono, e todo o exército do céu estava junto a ele, à sua mão direita e à sua esquerda" (1 Rs 22.19b).

O salmista Davi faz também similar declaração na poesia inusitada: "Os carros [de combate] de Deus são vinte milhares, milhares de milhares. O Senhor está entre eles, como em Sinai, no lugar santo" (SI 68.17).

O profeta Eliseu viu um destacamento de anjos que foram enviados para sua proteção pessoal: "...Eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu" (2 Rs 6.17b).

Daniel, um dos profetas do cativeiro babilônico, teve uma visão futurística e nela contemplou um exército de anjos que serviam e adoravam a Deus, tudo ao mesmo tempo. Observe:

"Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante dele..." (Dn 7.10a).

Os pastores belemitas viram e ouviram uma multidão destes agentes de Deus cantando quando Jesus nasceu. Ouça!

"No mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens" (Lc 2.13,14).

Nosso Senhor falou que o Pai poderia mandar mais de "doze legiões de anjos" (72 mil) e chegar até Ele para defesa numa fração de segundos "Ou pensas tu [falou a Pedro] que eu não poderia agora orar a meu Pai, e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?" (Mt 26.53).

O escritor da carta aos hebreus fala destas hostes espirituais, quando diz: "Mas chegastes ao monte de Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos" (Hb 12.22).

Finalmente, no Apocalipse de João, há anjos por todas as partes: do começo ao fim! Ele inicia sua missão já falando em anjos. Veja! "...pelo seu anjo" (1.1) e fecha: "Eu, Jesus, enviei o meu anjo..." (22.16a). E no remate, escreve João: "E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos... e era o número deles milhões de milhões e milhares de milhares" (Ap 5.11). Na passagem de Hebreus 12.22, os anjos são indicados como uma companhia inumerável, literalmente, miríades. Isso expressa o pensamento do doutor A. C. Gae-belein: "Quão vasto é o número deles, somente o sabe Aquele cujo nome é Jeová-Sabaote, o Senhor dos Exércitos".

d) A angelologia do Antigo Testamento atingiu seu alto desenvolvimento no livro de Daniel. Ali os anjos são pela primeira vez, em toda a extensão das Escrituras -pelo menos em referência especificada - dotados de nomes (Dn 8.16; 10.21). Num conceito geral dos escritores sagrados, o anjo é um "mensageiro" ou segundo conceito comum um "enviado", pouco importa sua natureza boa ou má, dependendo do contexto.

São enviados por Deus para missões específicas e, dependendo do ofício do mensageiro, são chamados por vários títulos.

Vejamos!

Sacerdotes (Mt 2.7); Intérpretes (Jó 33.23); Mancebos (Mc 16.5); Homens (Gn 18.2,16 - ARA); Varões (Lc 24.4); Mensageiros (Jó 33.23); Anjos (Gn 16.7 - pela primeira vez); Na poesia são chamados de "deuses" (SI 97.7-LXX). E assim aparecem também no texto original da Epístola aos Hebreus.

Sua origem

Os anjos são filhos de Deus numa condição original. Visto que Deus os criou (Gn 1.31; 2.1; Ne 9.6; Jó 1.6; 2.1; 38.7; SI 29.1-LXX; 89.6-LXX; Cl 1.16). Os anjos são chamados "filhos de Deus" porque são uma criação separada ou distinta de todas as outras criaturas.

O primeiro homem, Adão, podia também ser chamado de "filho de Deus" no mesmo sentido que foram chamados os anjos, porque Deus o criou numa condição original (Lc 3.38). Observe bem a frase na genealogia do Senhor onde expressa o significado do pensamento: "E o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos, sendo (como se cuidava) filho de..." e ss. "...E Enos de Sete, e Sete de Adão, e Adão [filho a continuação] de Deus" (Lc 3.23,38). Em Gênesis 6.2,4 ocorre a expressão enigmática "filhos de Deus" que o doutor Bullinger em seu *How to Enjoy the Bible* traduz por "anjos de Deus". Porém para nós, de acordo com o que falou o Senhor Jesus em Mateus 22.30 e Lucas 20.35,36, respectivamente, esta maneira de interpretação do doutor Bullinger não se coaduna com o argumento e pensamento principal das Escrituras. A Bíblia afirma que os anjos, como os homens, foram criados por Deus. Por cuja razão é evidente que tenham em Deus a sua origem. Houve um tempo em que não existiam; na verdade, havia unicamente o Deus Trino e Uno: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Na terminologia do Antigo Testamento, às vezes os anjos são chamados de "filhos de Deus"; enquanto que os homens foram chamados de "servos de Deus". No Novo Testamento, porém, isto foi invertido. Os anjos são chamados de "servos" ou "conservos" dependendo do contexto e os cristãos de "filhos" (Jó 1.6; 2.1; 38.7; Jo 1.12; Ap 22.9).

Mas, evidentemente, este título de "servo" e "filho" pode ser aplicado aos homens e aos anjos em qualquer época, passada, atual ou futura. Em várias partes das Escrituras os anjos são apresentados como coparticipantes da adoração, do louvor e do serviço prestado a Deus. Ver ilustração disso

em Daniel 7.10, onde miríades de anjos se encontram na presença de Deus, para cultuá-lo e servi-lo; e nos Salmos, onde o Espírito Santo os conclama para que prorrompam em louvores (SI 103.20; 148.2).

O ministério dos anjos bons é variado; diz respeito à santa obra e à adoração de Deus, bem como ao serviço de ajuda a favor dos homens.

Com respeito à sua filiação, alguns expositores defendem que a expressão Gênesis 6.2, que se encontra comentada no capítulo 2 (p.5 deste livro), com o título "Filhos de Deus", é explicada em todo o Antigo Testamento apenas para os anjos, mas a declaração de Jesus, em Mateus 22.30 e ss, afasta esta forma restrita de interpretação.

Mas adiante, no mesmo livro (How to Enjoy the Bible), numa exposição detalhada de 1 Pedro 3.19, o doutor Bullinger diz o seguinte em referência a Gênesis 6.2: "O propósito de Satanás era frustrar o conselho de Deus predito em Gênesis 3.15, degenerando a raça humana, pela qual 'a semente da mulher' (Cristo) havia de vir ao mundo. Assim essa tentativa foi corromper e destruir a humanidade. Esta destruição, seria segundo ele, através do ajuntamento ilícito dos seres angélicos com as filhas dos homens". Mas é evidente que, na passagem de 1 Pedro 3.19 e ss; 4.6, os personagens ali não devem ser anjos, e, sim, homens. Portanto, não foram os anjos!

Sua criação

De Colossenses 1.16,17, deduzimos que todos os anjos foram criados simultaneamente. Igualmente, deduzimos que a criação dos anjos foi completa naquela ocasião e que nenhum outro anjo foi acrescentado depois ao seu número.

Em Gênesis 2.1, a criação dos anjos é atual e completa: "Assim os céus, e a Terra e todo o seu exército foram acabados". Eles não estão sujeitos à morte ou qualquer forma de extinção; portanto eles não diminuem nem aumentam de número.

O plano pelo qual a família humana tem garantia de propagação da espécie não tem o seu correlativo entre os anjos; cada anjo, sendo uma criação direta de Deus, tem um relacionamento imediato e pessoal com o

Criador. Da família humana no mundo vindouro, disse nosso Senhor Jesus Cristo: "...Os filhos deste mundo casam-se, e dão-se em casamento. Mas os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dos mortos nem hão de casar, nem ser dados em casamento. Porque já não podem mais morrer; pois são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição" (Lc 20.34b-36).

Os anjos foram criados, no que diz respeito ao tempo, quando Deus criou os céus (o imaterial); criou os anjos (o espiritual). As citações depreendidas do livro de Gênesis 1.1; 2.1; Neemias 9.6; Colossenses 1.16 e outras passagens similares, nos afirmam isso.

"A criação, tanto de céus e Terra e do mundo espiritual é atual também no primeiro capítulo da Bíblia, Deus criou: 'Céus e Terra'. O céu e a Terra com todo o seu exército é mencionado em Gênesis 2.1 - Exército aqui, é 'tsebaam', de 'tsaba', significa 'avançar como soldado' (Gesenius, erudito hebreu do século dezenove), andar juntos para serviço (Fürst); o termo é usado, portanto, acerca dos anjos, 1 Reis 22.19; 2 Crônicas 18.18; Salmo 148.2; Lucas 2.13. Refere-se também aos corpos celestes e aos poderes do Céu (Is 34.4; Dn 8.10; Mt 24.29). Na criação original de Gênesis 1 a 2, está incluído o 'Céu e a Terra', o espiritual com seus anjos. São eles as personalidades criadas no mundo espiritual (Ne 9.6), e a raça humana no mundo material (Mc 10.6)".

c) O doutor Arno Clemens Gaebelein, no seu livro "The Angels of God (Os anjos de Deus), descreve o que segue: "Nas belas e sublimes palavras com as quais Deus respondeu a Jó, do meio do redemoinho, encontramos uma indicação quanto ao tempo em que os anjos vieram à existência: 'Onde estavas tu, quando eu fundava a Terra? Faze-mo saber, se tens inteligência... quando as estrelas [anjos] da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus [os anjos] rejubilavam?' (Jó 38.4,7). Que Deus se refere aqui à criação está perfeitamente claro. Portanto, já existiam os anjos quando Deus lançou os fundamentos da Terra, quando Ele a criou no princípio. E, fica claro que os anjos já tinham sido criados. E, ao contemplarem a obra da criação, clamaram eles de júbilo".

Sua natureza

"Não são porventura todos eles espíritos ministradores..." (Hb 1.14a). O doutor William Cooke investigou o vasto campo da verdade relativa à natureza e corporalidade dos anjos:

"No Antigo Testamento o Salmista os chama de espíritos: 'Fazes a teus anjos ventos [espíritos], e a teus ministros, labaredas de fogo' (SI 104.4). E no Novo Testamento eles são chamados pelo mesmo termo: 'Não são porventura todos eles [anjos] espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?'" (Hb 1.14).

Alguns escritores renomados, especialmente da Idade Média, discutiram bastante quanto à corporalidade dos anjos. Chegaram até a fazer perguntas entre si: "Os anjos são espirituais a ponto de serem absolutamente imateriais como Deus? ou estarão revestidos de uma refinada estrutura material?" As opiniões, tanto dos antigos como dos modernos comentadores, estão muito divididas neste assunto, porém as Escrituras mostram à luz de cada contexto, que os anjos são de fato, seres espirituais. Este fato, entretanto, não impede sua transfiguração quando se fizer necessária; pois os espíritos humanos no estado eterno, embora desincorporados, têm seu relacionamento com o homem aparecido em forma humana material: Moisés, no monte Santo, também Elias, foram vistos assim. Os anciãos que apareceram a João no Apocalipse, tinham também forma humana (Ap 5.5 e ss).

O termo "anjo", em seu sentido literal sugere a ideia de ofício - o ofício do mensageiro, e não a natureza do mensageiro. Por isso é que lemos em Lucas 2.15: "E, aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para os céus, disseram os pastores uns aos outros: Vamos pois até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fez saber". Ora, na frase "os anjos", lê-se no original: "os mensageiros". Porém, com esse sentido, o termo "anjo" tornou-se familiarizado entre o povo da aliança e até fora dele para designar um "espírito imortal" que leva uma mensagem. Eles são vistos por toda a história humana e divina com tal objetivo.

Suas atividades no Céu e sobre a Terra, no passado, são registradas em ambos os Testamentos, como mensageiros "enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação".

Martinho Lutero (o grande reformador alemão) define tais seres da seguinte maneira: "O anjo é uma criatura espiritual sem corpo (físico) criada por Deus para o serviço da cristandade e da Igreja".

A mitologia de quase todas as nações antigas fala em tais seres. O doutor Arno Clemens Gaebelein, já citado noutras ocasiões, diz: "A mitologia babilônica pintava-os como deuses que transmitiam mensagens dos deuses aos homens em ocasiões difíceis". A mitologia grega e romana tinha seus gênios, semideuses, faunos, ninfas e náiades, que segundo sua crença visitavam a Terra. Hesídio, depois de Homero, o poeta cego da mitologia grega, assim escreveu: "Milhões de criaturas espirituais andavam pela Terra". No Egito e nas nações orientais, os antigos povos acreditavam em tais criaturas sobrenaturais e invisíveis. Essa crença nos anjos é universal.

As mitologias são ecos débeis e distorcidos de um conhecimento verdadeiro possuído pela raça humana. Para o povo da aliança (os hebreus) tanto a existência como a natureza destes seres eram reais. O Antigo Testamento subentende que os anjos foram testemunhas alegres do ato criativo de Deus, embora não necessariamente participantes. No Novo Testamento, aparecem intimamente associados com a transmissão da Lei (At 7.53; Gl 3.19; Hb 2.2), e não é incoerente que apareçam frequentemente ligados com o julgamento.

Seu caráter

"Porque, qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos" (Lc 9.26). As Escrituras nos dão a entender que, antes da queda dos anjos, em um passado remoto, eles eram santos apenas no seu caráter, mas não o eram no seu ser. Porém, aqueles anjos que se mantiveram fiéis a Deus durante a grande revolta de Satanás, guardando seu estado original, Deus os confirmou em santidade tanto no seu caráter como em seu ser. Declarando-os "...santos anjos".

As Escrituras não usam termo atual sobre o pecado dos anjos, tais como: "aos anjos que pecam" ou "anjos que estão pecando, etc". Mas, usam sim, "aos anjos que pecaram" (2 Pedro 2.4; Judas v.6.) A partir desta época, que marcou uma "cisão" na companhia angelical, evidentemente o Criador declarou por seus "santos anjos" aqueles que escaparam ilesos da sedução

de Satanás. A partir daí, sua santidade, à semelhança da santidade de Deus, não é apenas uma isenção de toda impureza moral, mas antes, o conjunto de todas as excelências morais. Eles são exatamente na era atual aquilo que Deus deseja que eles sejam. Eles possuem um senso de apreciação da santidade do Criador; sentem, por essa santidade, intensa admiração, e assim, são seres santos em qualquer significado do pensamento.

a) No que tange à disciplina angelical, as Escrituras dão também, de igual modo, testemunho abundante. Elas revelam que os anjos estão aprendendo muito com a observação dos homens na Terra, especialmente na obra da Redenção.

O apóstolo Pedro (1 Pe 1.12) exemplifica no sentido do argumento: "Aos quais [os profetas] foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, pregaram o evangelho; para as quais coisas os anjos desejam bem atentar". Ora, é significativo que estas "coisas" para as quais os anjos desejam bem atentar, referem-se ao programa de Deus no primeiro e segundo adventos de Cristo e o evangelho da graça divina que está agora sendo pregado no mundo. Com o mesmo fim, a Igreja na Terra é uma revelação aos anjos, da sabedoria de Deus. Assim está escrito: "Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus" (Ef 3.10). E o apóstolo Pedro um pouco mais na frente declara: "O qual [Jesus] está à destra de Deus, tendo subido ao céu: havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades e as potências" (1 Pe 3.22). Falando sobre isso, declara o doutor Otto Von Gerlach: "Pela revelação de si mesmo em Cristo, pela instituição da Igreja Cristã na Terra, Deus de um modo até agora desconhecido pela imaginação humana glorifica a si mesmo diante dos principados e potestades celestiais. Os anjos até agora, estão cheios de respeito e louvam a Deus pela maravilha da criação; agora veem a sua sabedoria glorificada em uma nova obra: a da redenção. Esta em si mesma, transmite aos homens e aos anjos uma nova forma de comunhão..." (Mas isso não dá base para a crença de que a redenção mediante a morte de Cristo se estendeu aos anjos caídos). "...Deus não perdoou aos anjos que pecaram..." está declarado (2 Pe 2.4). Mas os santos anjos evidentemente foram beneficiados e passaram a esferas mais elevadas de conhecimento e, conseqüentemente de sabedoria e santidade, através do que viram o amor

do Criador demonstrado na redenção feita por Cristo. Assim, Cristo tornou-se para eles um aperfeiçoador. Ora, isso não deve ser entendido no plano da salvação para os anjos e, sim, no plano da adoração.

A adoração foi invertida no pensamento gnóstico, isto é, eles, ao invés de dedicarem a Cristo a adoração angelical, fizeram dos anjos seus objetos de adoração (Cl 2.18). Os gnósticos davam excessivo valor aos poderes angelicais, ao mesmo tempo que rebaixavam a posição de Cristo, o único que deveria ser por eles adorado. Outrossim, segundo sua doutrina, Deus estaria distante demais, talvez fosse o motivo por que adoravam os anjos, como se Deus não desse atenção aos homens, por ser inabordável.

Para os gnósticos, os "aeons" ou poderes angelicais emanados, deveriam ser adorados, porquanto ajudariam no processo da redenção humana. Paulo mostrara, em Colossenses 2.18, que uma das superioridades de Jesus Cristo é que somente nele e por Ele será efetuada a redenção humana. Muitos eruditos creem que a forma particular de "pretexto de humildade", exibida pelos mestres gnósticos, envolvia a adoração aos anjos. Enquanto que do lado angélico vem a exortação sincera e verdadeira: "Adora a Deus!"

Os anjos e a eternidade

"E, entrando no sepulcro, viram um mancebo assentado à direita, vestido de uma roupa comprida, branca..." (Mc 16.5a). **Duas características primordiais são inerentes a estas criaturas espirituais: a primeira delas é sua juventude e a segunda, sua beleza.** Acreditamos que, na passagem de Jó 38.7, os anjos são reputados ali como sendo "as estrelas da alva", isto é, são comparados com a alvorada! Eles não têm a eternidade na mão como Deus, mas quanto ao tempo e ao espaço, são seres eternos. Maria Madalena afirma ter visto um anjo que ainda era "mancebo". Este anjo possuía, evidentemente, uma eternidade de anos! Mas observe bem: ainda era mancebo!

A eternidade é um atributo que decorre da imortalidade. O eterno é, com efeito, aquilo que não muda e não pode mudar de maneira alguma, por conseguinte, aquilo que não começa nem termina e que possui na atualidade pura, exclusiva de qualquer sucessão ou modificação, a plenitude de seu ser. Mas a eternidade assim definida, prende-se exclusivamente à

pessoa de Deus. Os anjos tiveram princípios, embora não tenham mais extinção de existência. Deles disse Jesus: "...não podem mais morrer".

Quando nos deparamos com a seguinte expressão "...dos anjos eleitos", em 1 Timóteo 5.21, devemos ter em mente duas formas de interpretação, a primeira delas prende-se ao fato de "eleitos para a eternidade", e a segunda, "eleitos como juízes" para os julgamentos.

Um outro ponto de suma importância no presente argumento, prende-se à "beleza angelical". Alguns textos e contextos das Escrituras falam muito bem disso. Vejamos! Da passagem de Gênesis 19.5, infere-se que estes seres apresentam um porte impressionante! Há passagens similares, tais como Juízes 13.6; 2 Samuel 14.17; Jó 38.7; Atos 6.15, etc. Nesta última passagem é esboçado o significado do pensamento. Vejamos! "Então todos os que estavam assentados no conselho, fixando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo". **Acreditamos que nenhum galã, nenhuma Misse Universo traduza em si a beleza de Adão e Eva antes de pecarem. O pecado deforma. Mas os anjos fiéis não sofreram esta deformação, e, portanto, são seres de extrema beleza.** Do Apocalipse (por todo o livro), infere-se tal pensamento. E pelo menos até onde entendo e sei não existem provas em contrário.

A natureza geral dos Anjos

Sua aparência

"Então a mulher entrou e falou a seu marido, dizendo: Um homem de Deus veio a mim, cuja vista era semelhante à vista dum anjo de Deus, terribilíssima..." (Jz 13.6). O evangelista Mateus diz que o anjo que presenciou a ressurreição de Nosso Senhor tinha "...o seu aspecto... como um relâmpago..." (Mt 28.3) e, segundo o texto em foco da primeira passagem citada, "uma aparência terribilíssima".

Quanto à sua estatura, a Bíblia não fornece maiores detalhes; mas nos leva a entender que há uma certa categoria "maior" que a estatura humana (SI 8.5) e outra "menor" (Ap 21.17). Billy Graham diz em seu livro *Anjos, os agentes secretos de Deus* que, segundo parece, os anjos têm a capacidade de mudar a aparência e de se transportarem num relâmpago da suprema corte do Céu para a Terra e retornar numa fração de segundo. Intrinsecamente, eles não possuem corpos físicos, conquanto possam assumir formas físicas, quando Deus lhes prescreve missões especiais. Além disso, Deus não lhes concedeu a capacidade de se reproduzirem, e eles nem se casam, nem são dados em casamento (Mc 12.25).

O zoroastrismo, o judaísmo e o islamismo concebiam os anjos como tendo gentil aspecto (At 6.15). No judaísmo pós-bíblico sete anjos são mencionados pelo nome. Segundo estas concepções: o anjo Custódio ou da

Guarda é o anjo guardião de cada ser humano. Miguel é Mikal, no Islam, Gabriel é Jibril. Juntamente com Izrail e Israfil, guardam o trono de Alá.

Por exemplo, quem visita o Irã pode contemplar uma linda figura de "anjo" (segundo a imaginação artística) na Catedral Armênia de Isfahan, no Irã. No catolicismo conservador a ideia angélica é também difundida. Benedito XV (1921) determinou que a Festa de Todos os Anjos fosse celebrada a 2 de outubro.

Sua categoria

No tocante à categoria ou a classificação angelical, as Escrituras dão um testemunho mais abundante, citando seus postos e até funções: embora seu serviço e dignidade possam variar, não há nenhuma implicação na Bíblia que alguns anjos são mais inteligentes e poderosos que outros. Cada aspecto da personalidade dos anjos foi criado e estabelecido pelo Criador. Isto é, cada anjo em si mesmo se contenta com aquilo que é.

No que tange a seus ofícios, as Escrituras apresentam-nos assim:

Anjo (Lc 2.9-15); arcanjo (Jd v. 6); querubim (Gn 3.24); serafim (Is 6.2-6); hoste (Ef 6.12); principado (Ef 6.12); potestade (Ef 6.12); príncipe (Ef 6.12), etc. Eles são seres individuais e, embora espíritos, experimentam emoções. Eles prestam culto inteligente ao Criador (SI 148.2); contemplam com o devido respeito a face de Deus (Mt 18.10); conhecem suas limitações: não são oniscientes (Gn 19.12; Mt 24.36); em relação ao Senhor Jesus, conhecem a inferioridade deles (Hb 1.4-14); e, no caso dos anjos rebeldes, eles conhecem a sua capacidade de fazer o mal. Os anjos são individuais, mas, embora às vezes apareça em multidões elevadas, estão sujeitos, portanto, a classificações e a variedades de categorias e de importância.

A revelação específica dos anjos determina certos grupos de anjos como também, segundo se depreende em alguns textos, diversas importâncias individuais entre os anjos. Vejamos, pois:

Mencionam-se cinco representações principais de supremacia entre estes seres, tais como: "tronos", "domínios", "principados", "autoridades" e "poderes". Além das citações já mencionadas, a Bíblia fala também no "trono de Satanás" onde ele exerce autoridade, como se fora rei.

A palavra "trono" (no grego do Novo Testamento, "thronos"), é usada no Novo Testamento com o sentido de "trono real", ou com o sentido de "tribunal judicial" (Mt 19.28). Há também alusão aos "tronos" de elevados poderes angelicais ou de governantes humanos (Cl 1.16; 1 Pe 3.22). É evidente que, no mundo angelical, nesse vasto reino de luz e glória, há diferentes categorias e posições. Deus distribuiu entre eles, domínios e poderes, nos lugares celestiais, que existem nesse mundo invisível.

Assim, a verdade revelada sobre isso deve ser: "tronos" refere-se àqueles que estão sentados sobre eles, participando do governo divino; "domínios", aqueles que dominam determinada área celestial ou terrena; "principados", aqueles que governam reinos espirituais; "poderes", aqueles que exercem poderes sobre qualquer resistência boa ou má; "e autoridade", aqueles que estão investidos de responsabilidade imperial.

Seus nomes

Talvez na esfera celeste, os nomes dos anjos sejam abundantes; porém, na esfera terrena, ou pelo menos aqueles que chegaram até nós através de seu serviço ou revelação, seus nomes não são tão abundantes, apenas conhecemos por nomes estes:

Gabriel (Dn 8.16; Lc 1.26), Miguel (Dn 8.13; 12.1), Maravilhoso? (Jz 13.6,17,18). Os livros não-canônicos citam estes: Uriel, Rafael, Saracael, Raquel e Remuel. Quanto aos anjos maus, seus nomes são também citados com escassez excessiva. Apenas estes: Apoliom, Abadom, Diabo, Legião, etc. (Lc 8.30; Ap 9.11; 12.9). Entre o povo de Deus, o nome não era apenas uma simples etiqueta, ou pura descrição externa, o nome no Antigo Testamento exprime a realidade profunda do ser que o carrega. Assim sendo, os nomes dos anjos bons, como Miguel e Gabriel, exprimem sua natureza e seu ofício; enquanto que, os nomes dos anjos maus, tais como Diabo, Demônios, Abadom e Apoliom, exprimem suas disposições hostis, opondo-se a Deus e aos homens. Portanto, por causa da natureza, é graças ao nome que se conhece o ser bom ou mau dependendo do contexto (Êx 33.12; 1 Cr 4.41; Ed 10.16; SI 9.11; 91.14; Is 52.6; Jr 48.17) e pelo nome se dá a conhecer (Is 64.2), tanto que não se conhecendo o nome não se conhece a pessoa que o leva (Jz 13.6).

Certos anjos só ficaram conhecidos pelo serviço que prestaram na história humana. Destes, temos aqueles que serviram como anjos executadores de juízos especiais (Gn 18.13; 2 Sm 24.16; 2 Rs 19.35; SI 78.49; Ez 9.1,5,7). Fala-se também de "vigilantes" (Dn 4.13,23); o anjo das águas (Ap 16.5); fala-se daquele que tem autoridade sobre o fogo (Ap 14.18), mas este anjo não é tão difícil sua identificação! A pessoa do Pai deve estar em foco nesta passagem. Os sete juízes que tocaram suas trombetas e taças respectivamente (Ap 8.2 e ss; 16.1 e ss).

Sua realidade

A palavra "anjo", como já tivemos ocasião de verificar, tem vários significados e aplicações. Dependendo do contexto; pode referir-se a Deus (Gn 18.1-13; 22.11-17); a Cristo (Mt 3.1; Ap 8.3-5; 10.1 e ss); aos homens (Mt 2.7; Mt 11.10; Ap 1.20; 2.1,8,12,18; 3.1,7,14), e a seres espirituais como está em foco no presente livro.

Para alguns teólogos, a passagem de Mateus 18.10, onde lemos: "Vede, não desprezeis algum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre veem a face de meu Pai que está nos céus", refere-se ao espírito humano, no primeiro caso, e ao anjo guardião de cada crente, no segundo. Para nós esta última maneira de interpretar o texto se coaduna bem com a tese principal. Os anjos, de fato, nos guardam e protegem nossos passos.

O Salmista declara: "O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra" (SI 34.7). E Billy Graham declara: "Não estamos sós neste mundo. Os anjos são reais. Eles são enviados por Deus para proteger e auxiliar o seu povo. Seus poderes estão acima da imaginação humana. Sua presença pode tranquilizar e confortar em tempos de crise". João Calvino (Preceitos da Religião Cristã, primeiro volume) declara: "Os anjos são os distribuidores e administradores da beneficência divina com relação a nós. Eles dão atenção à nossa segurança, encarregam-se da nossa defesa, dirigem nossos caminhos e exercem uma solicitude constante no sentido de que nenhum mal nos atinja". Os anjos têm um lugar muito mais importante na Bíblia do que o Diabo e os seus demônios. Estes últimos nos atacam. Os primeiros nos defendem. A Bíblia ensina que os anjos intervêm nos assuntos das nações (Dn 9.13-21; 11.1 e ss; 12.1). Deus os utiliza com frequência, a fim de exercer julgamento sobre as nações. Eles guiam,

consolam e cuidam do povo de Deus em meio ao sofrimento e perseguição. Billy Graham diz em um trecho de seu livro: "Em meio à crise mundial que estamos destinados a atravessar nos anos vindouros, esse tema, sobre os anjos, será de grande conforto e inspiração para os que creem em Deus - e um desafio aos incrédulos para que acreditem".

Este ministério dos anjos quanto à nossa segurança e bem-estar, parece que começa logo na infância e continua durante a vida toda. Os anjos nos observam (1 Co 4.9); um fato que deve influenciar a nossa conduta (Nm 22.34). Eles recebem os espíritos dos cristãos quando partem desta vida para a eternidade (Lc 16.22). O apóstolo Paulo alude aos "anjos" como espectadores, e interessados na conduta dos servos de Deus; em 1 Coríntios 6.3, o apóstolo refere-se a certos "anjos" que serão julgados pelos santos. E, evidentemente, isso se dará por ocasião do Grande Trono Branco, quando "grandes" (os anjos) e "pequenos" (os homens) ali serão julgados (1 Co 6.3; Jd v.6).

"A casa de oração é uma corte adornada com a presença de poderes angelicais. Ali estamos nós, cantando e entoando hinos a Deus, contando com os anjos entre nós, como nossos associados; e foi com alusão a eles que Paulo requereu tão grande cuidado, com relação à decência, e acrescentou: "por causa dos anjos". A.M. Stibbs observa: "No pensamento judaico, os anjos mantinham um importante lugar como mediadores da revelação de Deus ao seu povo e, por conseguinte, o escritor da carta aos Hebreus passa a demonstrar a superioridade de Cristo sobre os anjos.

Além do que já ficou demonstrado, lemos em seis exemplos que os anjos foram e são espectadores:

Em Lucas 15.10 (na parábola da dracma perdida) eles observam a alegria do Senhor por um pecador que se arrepende. O texto em si não diz que a alegria é dos anjos como em outras passagens (Jó 38.7; Lc 2.13,14), e, sim, a alegria do Senhor Jesus Cristo. Observe bem a frase "...há alegria diante dos anjos" (Lc 15.10; Jd v. 24).

Em Lucas 12.8,9, Cristo diz: "E digo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens também o filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus. Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus".

Em 1 Timóteo 3.16, diz que a vida terrena do Filho de Deus foi observada pelos anjos: "E sem dúvida alguma grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória".

Em 1 Coríntios 11.10 diz que a conduta da mulher cristã é observada pelos anjos. Vejamos, pois: "Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, por causa dos anjos".

Em 1 Coríntios 4.9, é dito que os anjos observam nosso ministério. Veja!"Porque tenho para mim,que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculos ao mundo, e aos anjos".

E em Apocalipse 14.10, é retratado o sofrimento dos perdidos, na presença dos anjos: "Também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos..." Ora, segundo se depreende em cada significado do pensamento, a presença dos anjos percorre a Bíblia por todas as partes: Na criação das coisas materiais (Jó 38.7); na doação da Lei (At 7.53; Gl 3.19; Hb 2.2); no nascimento de Cristo (Lc 2.13); na tentação do Senhor (Mt 4.11); na sua agonia (Lc 22.43); na sua ressurreição (Mt 28.2); na sua ascensão (Cf At 1.10,11); na sua parousia (Mt 24.31; 2 Ts 1.7). Podemos, portanto, ter consciência da realidade das vastas hostes dos maus, apenas através da meditação das Escrituras que registram essas verdades, e através da oração.

Ora, o argumento das Escrituras, no que diz respeito à realidade dos anjos, põe por terra as especulações do gnosticismo em relação a estes seres. Os anjos são seres reais! Viventes da mais alta posição e importância do Universo. São mais do que simples poderes emanantes de Deus, o Pai.

Não são uma raça

"Porque na ressurreição nem casam nem são dados em casamento; mas serão como os anjos de Deus no céu" (Mt 22.30). Os anjos em sentido algum compõem uma raça, mas, antes, uma companhia ou diversas companhias. Cada anjo é uma criação original. Por esta causa não propagam a sua espécie; eles não têm sexo, ainda que citados no sentido

masculino, porém neste campo são neutros. As Escrituras, jamais, infere aos anjos pronomes do gênero feminino como: "angélica, etc". Seus nomes são poucos e limitados nas Escrituras, mas os que são dados são nomes masculinos. Observemos, pois-

Miguel, Gabriel, Maravilhoso, entre os bons; e Satanás, Abadom e Apoliom, entre os maus. Na Bíblia sempre lemos frases assim: "filhos de Deus" (Gn 6.2), "filhos dos homens" (SI 11.4), "filha das mulheres" (Dn 11.17), mas nunca lemos "filhos dos anjos". Deve ser observado que, apesar de serem os anjos chamados de "filhos de Deus", nunca são chamados de "filhos do Senhor". O título "filhos de Deus" se restringe a anjos, no Antigo Testamento, nas seguintes passagens: Jó 1.6; 2.1; 38.7; SI 29.1 (LXX); 89.6 (LXX); Dn 3.25 (LXX). A Septuaginta, e todos os manuscritos traduzem o hebraico destas passagens por "anjos de Deus", por "meus anjos", especialmente a passagem de Jó 38.7. No livro de Gênesis 6.2 encontramos a enigmática expressão: "filhos de Deus", que o doutor Bullinger traduz por "anjos de Deus". Para nós esta maneira de traduzir o texto não se coaduna com o argumento principal das Escrituras por vários motivos.

Os anjos diferem dos homens tanto em relação ao casamento quanto a várias outras necessidades humanas. Também diferem dos homens no que tange à limitação da vida. Deste modo, como já tivemos ocasião de expor em outras notas, os anjos fiéis a Deus não morrem. Os decaídos serão submetidos a julgamento final quando Deus acabar sua história em relação aos homens e aos anjos, mas mesmo assim, eles continuarão sua existência. Não terão vida; mas terão existência.

Para nós, é inadmissível pensar ou ensinar que esta passagem de Gênesis 6.2, refere-se aos anjos, seres que "...nem casam nem são dados em casamento" (Mt 22.30) refere-se sim, à violação da separação entre a descendência piedosa de Sete e a descendência iníqua de Caim. Vejamos mais um argumento para melhor compreensão do significado do pensamento:

Clarence Larkin, em seu livro, *The Spirit World* (O Mundo dos Espíritos), tece um longo comentário sobre "os filhos de Deus" e as "filhas dos homens", porém, sua tese embora brilhante, não se harmoniza com a

declaração de Jesus em Mateus 22.30 e Marcos 12.13 e Lucas 20.36, respectivamente. Vejamos!

"Quatro nomes foram usados em Gênesis 6.1-4: 'Bne-ha-Elohim', traduzido para 'filhos de Deus'; 'Bnoth-Ha-Adam', 'filhas dos homens'; 'Hans-nephilim', 'gigantes'; 'Hig-Gibborim', 'varões de renomes'. O título 'Bne-Ha-Elohim', 'filhos de Deus', no conceito de Larkin, não tem o mesmo significado no Antigo e no Novo Testamento. No Novo Testamento se aplica àqueles que se tornaram 'filhos de Deus' através do novo nascimento (Jo 1.12; Rm 8.14-17; Gl 4.6; 1 Jo 3.1-3). No Antigo Testamento ele se aplica aos anjos e foi dessa forma usado cinco vezes. Duas em Gênesis (segundo Larkin) e três vezes em Jó (cf. Gn 6.2-4; Jó 1.6; 2.1; 38.7)". Larkin porém, não cita Mateus 22.30 e, portanto, seu argumento de que "os filhos de Deus" ali são os anjos não tem aceitação dentro do conceito geral do pensamento restante da Bíblia.

São seres visíveis?

Existe grande discrepância entre os pensadores da Bíblia no que diz respeito à corporação ou à incorporação angelical. Há quem sugira que tais seres são visíveis, mas que nossos olhos não foram feitos para vê-los. A visão humana foi ajustada apenas para uma pequena porção das ondas luminosas e está longe de ser perfeita ou completa. Porém mesmo havendo certa percepção de que os anjos sejam seres visíveis, isso deve-se prender apenas, dentro dos limites do campo espiritual ou metafísico. Mas embora sejam tais como acabamos de descrevê-los, isto é, invisíveis aos olhos humanos, os anjos em certas ocasiões têm aparecido com forma humana (Hb 13.2). Isto prende-se exclusivamente às ordens de Deus que, segundo se diz, permitiu que os olhos humanos focalizassem os raios de luz celeste para realmente ver os corpos celestiais dos anjos tais como eles são.

Leslie Miller (Tudo Sobre Anjos), diz: "Em certas ocasiões os anjos tomaram forma humana e foram vistos com aparência física e roupas de acordo com a civilização da época que era objeto da divina visitação. Isto não se limitou ao passado. O mesmo acontece hoje em dia!

Observemos aqui alguns pontos importantes sobre isso e depois façamos um julgamento do significado do pensamento:

Comparados com a existência humana e animal, os anjos podem se dizer incorpóreos, mas apenas no sentido de que não têm uma organização mortal. As Escrituras dão a entender que os anjos têm uma corporificação. Deus é Espírito, mas quando Cristo se dirigiu aos judeus, Ele disse do Pai: "...Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer" (Jo 5.37). É essencial que um espírito tenha forma localizada, determinada e espiritual (Jó 4.15,16).

Isso parece dar a entender que os anjos são revestidos de corpos espirituais, como os que nos são prometidos. Portanto, talvez se possa entender que, apesar de os anjos serem espíritos, possuindo corpos espirituais, nem todos os espíritos são anjos. Os judeus, por exemplo, faziam essa distinção. Em Atos 23.9 diz: "...nenhum mal achamos neste homem, e se algum espírito ou anjo lhe falou, não resistamos a Deus". Por conseguinte, os demônios já não devem ser concebidos da mesma maneira ou ordem. Eles não possuem corpos de ordem alguma. Eles são espíritos e, como tais, não pertencem portanto, à categoria e ordem angelical. Talvez que num passado remoto, tenham pertencido a tal ordem angelical, mas à semelhança de seu príncipe (Satanás), foram rebaixados para uma categoria inferior, isto é, perderam seu primitivo estado de configuração.

Seres magníficos em poder

Não são oniscientes

"Então disseram aqueles varões a Ló: Tens alguém mais aqui?..." (Gn 19.12; Mt 24.36; Mc 13.32). Em outras passagens tais como 2 Samuel 14.17,20, fica subentendido à luz do contexto, que os anjos de Deus são sábios e dotados de conhecimento superior. Porém, nunca lhes é atribuída a "onisciência". "Os anjos excedem a humanidade no seu conhecimento; quando o rei Davi estava sendo instruído para trazer Absalão de volta a Jerusalém, Joabe pediu a uma mulher de Técoa para falar com o rei. Ela disse: "...Porém sábio é meu senhor, conforme à sabedoria dum anjo de Deus, para entender tudo o que há na terra" (2 Sm 14.20b). Os anjos possuem um conhecimento que os homens não têm; mas, por mais que seja o seu conhecimento, podemos estar certos de que não são oniscientes. Não sabem tudo. Não são como Deus. Jesus forneceu testemunho do conhecimento limitado dos anjos quando falou da sua segunda vinda. Em Marcos 13.32, Ele disse: "Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu...". Os anjos sabem, provavelmente, coisas a nosso respeito que desconhecemos. E devido ao fato de serem espíritos auxiliares, usarão sempre este conhecimento para o nosso bem e não para maus propósitos.

Quanto à sua inteligência, não é de estranhar que a história do povo favorecido por Deus, desde os dias de Abraão, tenha estimulado e confirmado e demonstrado esse ponto de vista. Tem havido freqüentes interpretações feitas por anjos, como são vistas em Apocalipse. O livro de Zacarias, por exemplo, teve um anjo auxiliando na redação.

O conceito portanto, segundo se depreende, faz criar a idéia de que os anjos se sobressaem aos homens não só em poder como também em sabedoria. Porém não são seres de conhecimentos ilimitados.

Sua rapidez

"Estando eu, digo, ainda falando na oração, o varão Gabriel, que eu tinha visto na minha visão ao princípio, veio voando rapidamente..." (Dn 9.21a). A arte medieval apegou-se à narrativa que está em foco, que descreve o anjo Gabriel "...voando rapidamente" como fundamento para a imposição de asas em todos os seres angélicos. É verdade que os querubins (Êx 25.20), os serafins (Is 6.2-6), Gabriel (Dn 9.21), o anjo dos dois ais (Ap 8.13) e o anjo do evangelho eterno (Ap 14.6) foram declarados como tendo asas. Os querubins aparecem nas imagens douradas sobre o propiciatório. E, assim, os serafins de Isaías tinha "seis asas" cada. Os anjos passam de um local para outro com uma rapidez inconcebível e retornam novamente como se não estivessem estado ali! Vejamos pois:

Entre todas as criaturas que estão dentro dos limites de nossa visão, aquelas que possuem asas e voam, exemplificam as dotadas de maior velocidade. As Escrituras e conseqüentemente nossa própria imaginação, nos levam a entender que os anjos são seres velozes além da imaginação humana. Isto é, eles se movimentam dentro do campo da metafísica vão além das leis estabelecidas pela física.

Em nossas dimensões, a capacidade da rapidez angelical é comparada à "rapidez de um relâmpago" (Mt 28.3); 300.000 km por segundo, mas na esfera celeste são rápidos como a imaginação. Observe o que diz o Senhor em Mateus 26.53: "Ou pensas [Pedro] tu que eu não poderia agora orar a meu Pai, e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?" Observe agora! Que distância há entre o trono de Deus e o Jardim do Getsêmani? É inconcebível! Mas "doze legiões" poderiam chegar ali, numa fração de segundo. Isso indica também a idéia de "um momento" (1 Co 15.52). "Momento", em grego, é "átomos". É a única

ocorrência desse termo, em todo o Novo Testamento. De acordo com o doutor R. N. Champlin, Ph. D., esse vocábulo era originalmente usado para denotar uma partícula indivisível, devido à sua pequenez. Literalmente, essa palavra significa "impossível de ser cortada", ou seja, incapaz de sofrer qualquer divisão. ⁽²⁾ Essa idéia o apóstolo Paulo procurou esclarecer ainda mais citando um "...piscar de olhos" (1 Co 15.52).

O pensamento que deve ser destacado, em relação à velocidade angelical é que sua morada é o Céu, mas, mesmo assim, podiam chegar instantaneamente para defesa de seu Senhor. Isso indica velocidade, rapidez verdadeiramente inconcebível. Apenas cinco classes de anjos são apresentados na Bíblia como portando asas:

Os querubins (Êx 25.20; 2 Co 5.7; Ez 1.6; Ap 4.8 e ss).

Os serafins (Is 6.1-6).

O anjo Gabriel (Dn 9.21).

O anjo dos "dois ais" (Ap 8.13).

O anjo do "evangelho eterno" (Ap 14.6).

Seres superiores

"Enquanto os anjos, sendo maiores em força e poder não pronunciam contra eles juízo blasfemo diante do Senhor" (2 Pe 2.11), estes seres celestiais, já contam na presente Era com a felicidade da vida última, isto é, são seres imortais (Lc 20.36). Esta capacidade a eles imposta, lhes dá a condição de serem superiores aos homens que são seres mortais (SI 8.5; Hb 9.27). Porém quanto à pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo, são inferiores a Ele em cinco pontos. "Ainda que por um pouco de tempo, Jesus fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão e morte" (SI 8.5; Hb 2.9). Vejamos:

Os anjos são "criaturas" de Deus, ainda que chamados "filhos de Deus", contudo, não têm em si a condição original peculiar ao Senhor Jesus. O escritor aos Hebreus, salienta: "Feito [Jesus] tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles" (Hb 1.4). Isso se prende ao fato de que eles são chamados de "anjos"; Jesus é chamado de "Filho". Cristo é o "Filho gerado" enquanto que os anjos são seres criados. Embora eles tenham nomes e categorias, o nome do Filho

excede a todos. Miguel, o Arcanjo (Jd v.9), foi mencionado como um "dos primeiros príncipes" da corte celestial (Dn10.13), tanto Daniel como Lucas apresentam Gabriel como "um príncipe embaixador da corte divina" (Dn 8.16; 9.21; Lc 1.19,26). Mas a glória desses nomes angelicais fica empanada a se desvanecer na infalível luminosidade daquele cujo "...nome é sobre todo o nome" (Fl 2.9b).

Em razão da adoração, os anjos são inferiores a Cristo; eles são adoradores, enquanto que Cristo é adorado! Isto é depreendido nas próprias palavras do Criador: "...E todos os anjos de Deus o adorem" (Hb 1.6b). Este direito inerente ao Filho de Deus, o coloca acima deles.

As Escrituras dizem que os anjos são seres superiores aos homens: contudo, jamais em hipótese alguma, eles aceitam adoração; em lugar de os anjos serem objeto de adoração, eles são súditos que adoram Jesus Cristo. O apóstolo Paulo advertiu: "Ninguém vos domine a seu bel-prazer com pretexto de humildade e culto dos anjos..." (Cl 2.18a). E no Apocalipse (19.10; 22.9) João é advertido pelo próprio ser angelical: "...Olha não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus". Portanto, o anjo, ou os anjos não são objetos de adoração como João chegou a supor momentaneamente. Esta rejeição por parte do anjo, foi certamente (além do respeito a Cristo) um golpe mortal, na prática gnóstica da Ásia Menor ao tempo em que João escrevia o livro do Apocalipse.

As Escrituras apresentam os anjos como sendo ministros da salvação; porém, descrevem nosso Senhor Jesus como autor da salvação. Isso certamente coloca Cristo acima de qualquer posição angelical, pois "...em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (At 4.12b). E no contexto do significado do pensamento diz Paulo: "Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos... nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!" (Rm 8.38,39). Ora, isto apresenta Cristo como sendo Senhor dos próprios anjos. E de fato, Ele foi feito mais excelente do que os anjos (Hb 1.4).

Os anjos foram criados; Cristo é Criador: "Porque nele [Jesus] foram criadas todas as coisas que há nos céus e na Terra, visíveis e invisíveis,

sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16; Hb 1.7-12). Como Criador, Jesus é superior aos anjos, pois maior do que a criatura é aquele que a criou (cf. Is 45.9).

Os anjos são súditos; Cristo é o Senhor. Ora, tanto no passado como no presente, e, muito mais no futuro, os anjos foram, são e serão súditos do reino de Deus, porém Cristo, foi, é e será o Soberano Senhor (Hb 2.5-9).

Seu poder

"Bendizei ao Senhor, anjos seus, magníficos em poder, que cumpris as suas ordens, obedecendo à voz da sua palavra" (SI 103.20). O que se aplica a todas as criaturas em relação ao poder que têm, também se aplica aos anjos: seu poder deriva de Deus. O seu poder, embora seja grande, contudo é restrito. Eles não podem fazer aquelas coisas que são peculiares à Trindade: criar, agir sem os meios, ou sondar o coração humano. Eles podem influenciar a mente humana como uma criatura pode influenciar outra. O conhecimento desta vontade é muito importante quando, no sentido inverso, examinamos a ascendência que os maus espíritos podem sobre os seres humanos (1 Cr 21.1; Mt 13.4,19; Jo 13.2; At 5.3). Milton descreve-os arrancando as colinas dos seus fundamentos e arremessando-as contra os seus antagonistas. Isto é poesia - é mitologia.

Mas no registro das Escrituras temos a verdade sem o colorido da ficção; e aí encontramos anjos "...magníficos em poder", como ministros da administração divina que um só deles, destruiu 70 mil soldados valorosos do reino de Israel em três dias (2 Sm 24.12,15); outro elevado poder destruiu em uma noite 185 mil guerreiros do exército armado do monarca assírio (2 Rs 19.35); um outro anjo destruiu todos os primogênitos no Egito em uma noite (Êx 12.19-30; SI 136.10).

No Apocalipse vemos anjos detendo os quatro ventos do céu (7.1), esvaziando taças e controlando os trovões da ira de Deus sobre as nações inquietas e angustiadas; a velha terra treme sob a exibição dos ministros de um Deus vingador do pecado. Mas os anjos são também bons para fazer o bem; e enquanto sua natureza santa faz deles fiéis executadores da justiça,

sua benevolência, como também sua santidade, faz que se deleitem no emprego de suas energias no serviço da misericórdia.

Seu louvor

"Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos (os anjos) de Deus rejubilavam" (Jó 38.7); alguns estudiosos da Bíblia insistem em que os anjos não cantam. Isso porém, não é verdade! Os anjos possuem a suprema aptidão de oferecer louvores, e a sua musica vem sendo desde tempos imemoriais o veículo primordial de louvor ao nosso Deus Todo-poderoso. Jó diz que quando Deus lançava os fundamentos da Terra, os anjos cantavam rejubilando de alegria. A música é a linguagem universal. É possível que João tenha visto um imponente coro celeste (At 5.11,12) de muitos milhões de anjos que expressavam seu louvor ao Cordeiro celeste através de magnífica música. Não é de balde que o Salmista exorta (SI 148.2): "...Louvai-o todos os seus anjos..." Isto é real!

De acordo com Lucas 2.13, multidões de anjos apareceram na noite do nascimento de Cristo, clamando de alegria em vista do início da nova criação, como tinham feito no princípio da primitiva criação. Quão vasto é o número deles, somente o sabe Aquele cujo nome é Jeová-Sabaote, o Senhor dos Exércitos. João, no Apocalipse, contempla um cenário de beleza nunca vista; ele ouviu a voz de muitos anjos. Não está escrito aqui que eles cantavam. Acreditamos que sim! Seu louvor a Deus, diverge um pouco do louvor humano: o dos anjos é o louvor de agradecimento por sua criação; o louvor humano, porém, pela redenção!

Leslie S. M'Caw descreve um poema intitulado "O Trovão de Deus" que se baseia no Salmo 29 da Bíblia.

Este cântico sobre uma tempestade é ouvido no interior do auditório do Céu, e os anjos (filhos de Deus - LXX) são convocados para se ajuntarem ao louvor e à adoração a Jeová, na beleza da sua santidade. Os versículos 3-9, o âmago do poema, descrevem a passagem de uma tempestade vinda das águas do mar Ocidental que atravessou as colinas cobertas de florestas do Norte da Palestina e chegou aos lugares áridos de Cades, nas fronteiras extremas de Edom (Nm 20.16).

Tal acontecimento é apresentado não como demonstração de poder natural, mas como uma sinfonia de louvor ao Criador, que realmente participou com uma voz de trovão (cf. SI 18.13).

A porção do poema se divide em três estrofes iguais que correspondem com a formação, o assalto e a passagem da tempestade; porém, a subordinação dos fenômenos naturais às forças espirituais é constantemente salientada. Vejamos!

Primeiro: A aproximação da tempestade. Esta é apresentada pelas sugestivas repetições, como de murmúrios distantes. Sobre as águas (v 3); isto é, ou o mar ou as águas da enxurrada que já se despejavam; a impressão geral é de pressentimento opressivo, a atividade está oculta, o poder está sendo controlado, o Deus da Glória ainda não se manifestou, e sua voz está abafada.

Segundo: O assalto. O vocábulo "poderoso" contido no versículo 4 anuncia uma nova frase, uma cena de crescente atividade, quando os galhos de grandes árvores são sacudidos e arrancados por violentas rajadas, que deixam os troncos esqueléticos e despedaçados (vv 5,6). Aquele cuja voz produziu a tempestade faz com que fogo saia de lugares ocultos, que são abertos pelo raio (v 7).

Terceiro: Cessa a tempestade, a atividade diminuiu, e agora o deserto distante é abalado. As corças assustadas deram cria prematuramente. A impressão deixada é de perplexidade, como se o templo inteiro da natureza ecoasse com um murmurado "Glória!" ao Senhor. As três cenas sugerem turbulenta energia, pintada em enxurradas alimentadas pela chuva, florestas destruídas, e ventos dançando a distância. Agora, porém, a cena muda de posição, voltando-se para a dignidade do tribunal supremo do Céu, onde os angélicos "filhos de Deus" (v. 1-LXX) se prostram em santa adoração!

No livro do Apocalipse, encontramos o louvor dos anjos quase que por todas as partes! A celebração do fato da redenção convoca a todos em redor do trono. Em primeiro lugar ratificam o cântico de louvor levantado pela multidão dos "...espíritos dos justos aperfeiçoados" (Hb 12.23), com a sua profunda adoração e o seu "Amém". Em seguida também expressam o seu ponto de vista angelical, em contemplação da redenção. Esse é o louvor prestado a Deus, proferido pelos maiores dentre todos os seres criados, em reconhecimento da grandiosidade de Deus.

No capítulo 5 (op. cit), encontramos três doxologias. A primeira delas aqui começa inserida no versículo, e ocorre na cena imediata do trono, sendo proferida pelos elevados poderes angelicais. A segunda (ver versículo 11 e 12) é um eco da primeira, com adições da parte da inumerável hoste de anjos. E a terceira é expressa pela "criação inteira", partindo dos céus, da Terra e até do Hades.

À medida que o Apocalipse se desdobra, esta doxologia aumenta. Nesta passagem (5.9) ela possui duas partes: em 4.11, possui três; em 5.13, possui quatro e em 7.12, sete. O grande "Amém" celestial dos seres espirituais santifica essas três doxologias.

Nos capítulos 4 e 5 (op. cit) revelam várias ordens de seres angelicais, cada qual postado ao redor do trono, em distâncias cada vez maiores. Imediatamente perto do trono há os quatro seres vivos (os querubins); então aparecem os vinte e quatro anciãos; finalmente, figuram os anjos em grande multidão. Supomos que essa ordem também representa diferentes níveis de poder, de inteligência e de tipos variados de utilidades. Cumpre-nos observar que, nesta seção, a enumeração começa por aqueles que estavam mais distantes do trono; agora, porém, aproximam-se cada vez mais do trono. João afirma ter visto "...todos os anjos ao redor do trono", dizendo: "Amém", Louvor... ao nosso Deus, para todo o sempre, Amém (cf. Ap 7.11,12). Portanto estas criaturas cantam e cantam muito bem!

A hierarquia angelical

O anjo do Senhor

"E o anjo do Senhor a achou junto a uma fonte de água no deserto, junto à fonte no caminho de Sur" (Gn 16.7). Sobre este enigmático "anjo do Senhor", veja o que diz o doutor Geo Goodman: "Vamos virar a nossa atenção agora para essa figura gloriosa e única, 'o anjo de Jeová'. Notemos o que se diz dele:

Ele é um homem (Jz 13.6,11). Mas nada se diz de ele possuir aqui características extraordinárias, como asas ou auréolas, como os homens gostam de delinear os anjos de Deus.

Ele é também Deus (Jz 13.22). O versículo 16 de Juízes 13, sugere que ao princípio Manué, o pai de Sansão, não reconheceu que foi o Senhor que falara, mas depois sim (v 21) descobriu que não foi nenhum outro senão o Senhor mesmo.

Ele declara ser seu nome secreto, ou "admirável ser" (Jz 13.18). É a mesma palavra traduzida por "maravilhoso" que aqui está oculto e revelado em Isaías (9.6).

Jacó lutara com esse ser maravilhoso (Gn 32.22 a 32), que Moisés chamou de "um homem" (Gn 32.24) e de "Deus" (Gn 32.28,30) quando

escrevia o Pentateuco. E, a mulher de Manué, queria saber o seu nome, mas o pedido, à semelhança de Jacó, foi negado. Esse nome não foi revelado até muitos anos mais tarde, quando foi anunciado a Maria pelo anjo Gabriel: "...Chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados" (cf. Mt 1.21 e Lc 1.31). Este é o seu nome sobre todo o nome (Fl 2.9). O anjo do Senhor é identificado como sendo o próprio Jesus Cristo (Mt 3.1; Ap 8.3 e ss; 10.1 e ss). Observemos o significado do argumento:

O nome do Deus de Israel estava sobre este anjo para garantir autoridade suprema (Êx 23.21); ele tinha poder para perdoar pecados como o Filho do Homem (Êx 23.21; Mt 9.6); esse anjo representava também a presença de Deus (Êx 23.21 e 33.14). Literalmente, esse anjo representava a face de Deus (cf. Cl 1.15). O anjo do Eterno prefigura, indiscutivelmente, o "mistério da encarnação". Além disso, Ele é o modo "acidental da presença e ação de Deus no meio do seu povo. Fontes eloístas do Pentateuco viram nele a segunda Pessoa da Santíssima Trindade; outros porém, não opinam assim. Mas isso não afasta a força do argumento defendido pelas Escrituras e aceito pelos cristãos de todos os tempos, que sempre pensaram assim.

Para nós o anjo do Eterno ou o anjo de Deus como o traduz o original grego, é o Senhor Jesus Cristo; Deus age desde o Céu; seu anjo aparece e fala diretamente na Terra. Mas isso não afasta a possibilidade de o mesmo agir e falar absolutamente como o próprio Deus. Deus age plenamente por meio dele: "...nele está o meu nome". Em Isaías 63.9 Jesus é chamado de "...o anjo da sua face". Enquanto que, em Malaquias 3.1, onde "dois anjos" são mencionados: o primeiro, refere-se a João Batista; o segundo, porém, à Pessoa de Cristo. Em muitas passagens Ele é virtualmente identificado com Deus, como extensão da personalidade divina, e fala não meramente em nome de Deus, mas fala como o próprio Deus, na primeira pessoa do singular.

Assim falou a Hagar (Gn 16.7-13; 21.17-21), a Abraão (Gn 22.11-17); a Jacó (Gn 31.11-13); a Moisés (Êx 3.2-22); a todo o Israel (Jz 2.1 e ss); a Gedeão (Jz 6.11 e ss); algumas vezes, no entanto, ele é distinguido de Deus, como em 2 Samuel 24.16 e "Zacarias 1.11-13; isso dá maior ênfase a que o identifiquemos diretamente com Cristo.

O anjo do Senhor é a expressão vulgarmente usada no Antigo Testamento, para designar o próprio Cristo em várias de suas manifestações antes da encarnação, e, por conseguinte, estas manifestações foram feitas pelo próprio Cristo. Assim sendo, o anjo do Senhor, que algumas vezes aparece como "o anjo de Deus" ou como "meu anjo" quando Deus fala, é representado como um ser celeste enviado por Deus para tratar com os homens como seu agente ou embaixador pessoal e porta-voz. Em muitas passagens ele é distinto de Deus, mas depois é identificado como sendo de fato uma personalidade divina em sentido Uno.

Quanto à função, o anjo do Senhor aparece algumas vezes como sendo agente da destruição e do julgamento (2 Sm 24.16; 2 Rs 19.35; SI 35.5,6; At 12.23); da proteção e livramento (Êx 14.19; SI 34.7; Is 63.9); em Daniel, Ele aparece também como agente do livramento (3.25,28; 6.22; cf. At 12.11); Ele oferece orientação e fornece instruções (Gn 16.7 e ss; 24.7,40; Êx 23.23; 1 Rs 19.7; 2 Rs 1.3,15; Mt 2.13; At 8.26). Ele não é conhecido imediatamente e nem mesmo quando fala! mas todos o aceitam como sendo de fato um ser divino e também como Deus (Gn 16.13 etc).

O Arcanjo Miguel

"Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o Diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda" (Jd v 9). "Archangelos" (Arcanjos): a expressão é somente usada aqui e em 1 Tessalonicenses 4.16 em todo o Novo Testamento. Designa algum poder altíssimo angelical, dotado de autoridade sobre larga área, celestial ou terrena. O livro de Enoque (considerado apócrifo) dá os nomes de sete arcanjos, a saber: Uriel, Rafael, Raquel, Saracael, Miguel, Gabriel e Remiel. Segundo é dito ali, a cada um deles Deus entregou uma província sobre a qual reina.

A província de Miguel seria autoridade "sobre a melhor porção da humanidade e sobre os caos". Os escritos judaicos fazem assim dele o protetor de Israel como nação.

O Arcanjo. Apesar daquilo que se depreende dos livros não-canônicos, isto é, que há sete arcanjos, as Escrituras Sagradas só designam um, Miguel, como Arcanjo (Jd v 9); talvez antes de sua queda, Lúcifer, (o resplandecente) fosse também um arcanjo, igual a Miguel (Ez 28.1 e ss). Mas por causa do seu pecado, teve seu título cassado por Deus, e agora apenas é tratado assim: "tu eras".

"O prefixo 'are' sugere um anjo-chefe, principal ou poderoso. Assim, Miguel é agora o anjo acima de todos os anjos, reconhecido como sendo o primeiro príncipe do Céu. É o primeiro-ministro da administração divina do Universo, sendo o 'administrador angélico' de Deus para o povo judeu, também o será para o juízo". O arcanjo em foco é sempre representado como um anjo-chefe, o capitão dos exércitos celestiais (Ap 12.7).

No Antigo Testamento, Miguel aparece primordialmente identificado com Israel como nação. Deste modo, Deus fala dele como o príncipe do povo eleito: "Naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levantará pelos filhos do teu povo..." (Dn 12.1a). Ele protege e defende em caráter especial o povo eleito de Deus. Seja como for, ele é sempre visto como o Arcanjo representado.

Os "principados" (Cl 1.16) para os escritos pós-bíblicos são tipos de arcanjos. As explicações judaicas dadas sobre esse tema indicam que tais anjos têm, sob suas ordens, vasto número de seres espirituais. São quais "reis celestiais", com muitíssimos súditos; mas eles mesmos estão, naturalmente, sujeitos a Deus, o Grande Rei.

Estes mesmos escritos defendiam que, talvez o trecho de Atos 7.38, se refira a Miguel como o anjo enviado na doação da Lei. Em qualquer conexão das Escrituras, Miguel é sempre pintado "como um anjo guerreiro". Miguel, em hebraico significa "Quem é semelhante a Deus". Não nos é revelado o porquê deste significado, mas pode ser, em oposição às disposições hostis de Satanás, que disse: "...subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14.14). Assim, nasce o nome "Miguel", acrescentado ao vocábulo "Arcanjo" (chefe), para defender que, nenhum ser criado pode ser "semelhante a Deus". Este deve ser o sentido do pensamento.

Miguel entra em foco nas seguintes passagens (Dn 10.13,21; 12.1; 1 Ts 4.16; Jd v. 9; Ap 12.7). Na passagem de Daniel 10.13,21 e 12.1, ele é pintado como o anjo guardião de Israel. Seu nome: "O arcanjo" (Jd v. 9), deriva-se do vocábulo "arc", que quer dizer "chefe", complementado no sufixo "mensageiro" que quer dizer "anjo". Miguel, portanto, é chefe dos anjos, enquanto que Jesus é o Senhor de Todos (Hb 1.4-6). Ele é chamado em Daniel (10.13,21): "...um dos primeiros príncipes" e "vosso príncipe". Nessa capacidade lhe é peculiarmente apropriada que ele é o Arcanjo

representado. Alguns teólogos o chamam de "O mensageiro da Lei e do juízo" ou do "julgamento" de Deus. Os teólogos medievais concebiam que a Bíblia apresenta a existência do príncipe do mal, a epítome de toda a maldade, uma pessoa real, e que Miguel, seria, segundo este pensamento, o Príncipe do bem, em oposição àquele.

Comandando os exércitos que combateram a Satanás, o grande dragão, e todos os seus sequazes, Miguel, sempre se destaca isolado! De vez que a Bíblia nunca se refere a arcanjos, apenas ao "Arcanjo". Seu nome "Miklâ'el", no hebraico é sinônimo de Micaías e Mica. É nome pessoal de onze personagens mencionados nas Escrituras, apenas uma delas recebe mais do que uma referência passageira. Essa exceção é o Arcanjo Miguel. Sobre o ministério, ou função por ele desempenhada, vejamos:

Em Daniel 10.13,21 e 12.1, sua missão específica é guardar e proteger a nação israelita. Mas é óbvio que suas atividades são as mais variadas, envolvendo até mesmo uma vastíssima área. Isso nos fornece alguns pensamentos quanto à sua piedade, mesmo sendo guerreiro, e poderoso (Jd v 9), e, no tocante ao ministério dos anjos, destaca-se como comandante.

Em 1 Tessalonicenses 4.16, Miguel, o arcanjo, virá aos brados, acompanhando Jesus na sua vinda para o arrebatamento. Não apenas proclamará a nova incomparável e emocionante de que Jesus retorna, como também pronunciará simultaneamente com Cristo a palavra de vida para todos os que "...dormem em Cristo e aguardam a ressurreição: "Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido e com voz de arcanjo... e os que morreram em Cristo ressuscitarão... Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens..."

Em Judas (v 9), ele é visto a contender com o Diabo. A disputa diz respeito ao corpo de Moisés: "Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o Diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés..." Sobre isto, há muitas tradições tais como: "Esta disputa teve lugar com o Diabo reclamando para si 'o corpo de Moisés'". Ele alegara que Moisés pertencia à uma ordem material e que ele fora homicida no passado (Êx 2.11-15), por esse motivo não merecia um sepultamento decente. O segundo ponto desta tradição se prende à resposta de Miguel à Satanás. Vejamos, pois: "Miguel responde a essa primeira acusação, alegando que o Senhor é o Criador e

Governador do mundo material, pelo que Satanás nada tinha a dizer acerca do que ocorresse com o corpo de Moisés". A segunda acusação de Satanás não se prendia tão somente à falha de Moisés, mas era apenas um embuste para poder adquirir seu corpo, para fazer do mesmo um "ídolo" monumental, para com ele corromper a nação israelita.

Miguel, então, solicita a imediata ajuda de Deus, e este guardou o corpo de Moisés da "vista da serpente", e a seguir ordenou a Miguel triunfar sobre ele com um só golpe: "O Senhor te repreenda!" (cf. Zc 3.2; Jd v 9). Assim Miguel, pela razão e ajuda direta de Deus, saiu vencedor. (Citado por Adam and Chrales Black, Londres, 1897, *The Assump of Moses*, pp. 105-110).

Em Apocalipse 12.7, Miguel é visto a combater o Diabo e seus anjos em defesa do Céu. A passagem em foco apresenta um segundo quadro da revolta original de Satanás quando se rebelou contra Deus no passado (Is 14.12-16; Ez 28.1 e ss). Mas em todas as passagens em que Miguel aparece no cenário da História angelical, é sempre em conexão com a guerra; mas sempre triunfante! Até o dia do arrebatamento, Miguel não terminará sua missão. Portanto, poderá nos socorrer quando for necessário! (SI 34.7).

O Anjo Gabriel

"E, respondendo o anjo, disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas" (Lc 1.19). O anjo Gabriel vem citado nas seguintes passagens das Escrituras (Dn 8.16 e ss; 9.21 e ss; Lc 1.19,26), mas como sendo "um anjo do Senhor" ele está em foco, provavelmente, nestas passagens, NT: Mateus 1.20,24; 2.13,19; Lucas 1.11,19,26; Atos 8.26; 12.7,11; 27.23 etc. Seu nome em hebraico é "Gabhri'êm", e significa "o herói de Deus", ou, segundo outros, "varão de Deus". Segundo a tradição judaica, Gabriel era o guardião do tesouro sagrado. Miguel era o destruidor do mal, agente de Deus contra qualquer força contrária à vontade divina. Gabriel é também o mensageiro da paz e da restauração. No livro de Tobias (livro apócrifo), Gabriel é pintado como um dos sete arcanjos que estão na presença de Deus. Nessa qualidade, segundo o conceito judaico, as suas palavras merecem aceitação sem reservas.

Gabriel é primordialmente o mensageiro da misericórdia e da promessa divina. Ele aparece quatro vezes na Bíblia. Nas Escrituras encontramos nosso primeiro toque sobre Gabriel (Dn 8.15,16). Ali ele anuncia a visão de Deus para o "fim dos tempos". Ali fala-se também que ele foi despertado por uma poderosa voz que "gritou". Essa voz, sem dúvida, é a voz de Deus, o Pai. O Deus Eterno está em foco! Jamais um anjo comum falaria ou se dirigiria a tão elevado poder dessa forma. Nas

quatro vezes que ele aparece nas Escrituras, à semelhança de Miguel, é sempre visto em missões específicas.

Os judeus em sua concepção angélica dão os nomes de quatro anjos que supostamente rodeiam o trono de Deus e que são dotados de posição e poderes especiais: Miguel, Gabriel, Uriel e Rafael. "Miguel", segundo eles, põe a sua mão à direita de Deus, e Uriel a sua mão esquerda; Gabriel está em sua presença (conforme ele mesmo diz sobre si mesmo).

Nas quatro ocasiões em que este anjo aparece nas Escrituras, é sempre trazendo boas-novas. Alguns têm pensado que ele seja também um arcanjo, mas as Escrituras não nos revelam isto. A concepção de que Gabriel é "um dos sete arcanjos" prende-se aos livros não-canônicos do pós-exílio; mas escrituristicamente falando, isso não é provável.

Observemos suas aparições e cada uma delas, com sentido especial.

Em Daniel 8.16, ele aparece a Daniel fazendo a interpretação da visão do "bode peludo" que, na sua interpretação representava o império greco-macedônico.

Em Daniel 9.21, há uma nova aparição de Gabriel, para esclarecer a Daniel o segredo das "setenta semanas" escatológicas, nas quais, Jerusalém seria reedificada; o Messias haveria de vir; a cidade depois de sua reedificação e vinda do Messias seria destruída e o santuário profanado (Dn 9.24-27).

Em Lucas 1.11 e seguintes, ele aparece a Zacarias, e pormenorizadamente anuncia o nascimento de João Batista. Ali, então, dada a incredulidade do sacerdote na sua palavra, ele se identifica dizendo: "...Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te estas alegres novas" (Lc 1.19b); e, depois acrescenta: "E eis que ficarás mudo, e não poderás falar até ao dia em que estas coisas aconteçam..." (Lc 1.20a). Em cumprimento à sua expressa ordem, Zacarias ficou mudo e surdo ao mesmo tempo (cf. Lc 1.22,62).

Em Lucas 1.26 e seguintes, Gabriel é novamente enviado por Deus à Virgem Maria para predizer o nascimento de Jesus Cristo. Seu primeiro contato com ela foi "...Salve, agraciada; o Senhor é contigo: bendita és tu entre as mulheres" (Lc 1.28b). Seu nome, Gabriel, é visto também como o

Embaixador de Deus, em razão das suas aparições na Terra terem o caráter especial de um embaixador. Observe, pois:

Primeiro, trouxe a Daniel uma embaixada divina sobre o futuro de Israel por duas vezes (Dn 8.8,16 e ss; 9.21 e ss).

Segundo, avisou a Zacarias o nascimento de João Batista e também deu instrução para serem seguidas por sua esposa Isabel (Lc 1.11 e ss).

Terceiro, trouxe ao mundo (através de Maria) a notícia alvissareira do nascimento de Jesus Cristo (Lc 1.26 e ss).

Josefo nos informa que o povo judeu estava bem familiarizado com este anjo. "Gabriel era o nome do príncipe angélico enviado do Céu, a fim de fazer os preparativos para a chegada do Filho de Deus (Lc 1.19,26). Diz o historiador Lucas que foi ele o anjo que, com a milícia celestial, apareceu aos pastores (Lc 2.9,13). E também o que fora enviado a José (Mt 1.24), e dirigiu a fuga para o Egito (Mt 2.13,19). Dera a Daniel a profecia das setenta semanas (Dn 9.24-27). Como esteve ele interessado na redenção humana! E como apreciaremos conhecê-lo, quando chegarmos no céu!" Seja como for, Gabriel é um elevado poder angelical, da mais alta confiança da corte celestial: Ele assiste diante de Deus.

Os Querubins

"E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do Jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida" (Gn 3.24). As interpretações a respeito destes seres celestiais veriam bastante. O doutor A. H. Strong defende que são apenas "figuras simbólicas temporárias e artificiais que não têm vida ou existência pessoal". Ele tenta comprovar esta idéia afirmando que estas designações específicas não se encontram acopladas aos anjos em nenhuma passagem da Escritura. Já o doutor Smith (Dicionário Bíblico) e o doutor Alford (Testamento Grego) defendem que são apenas símbolos dos atributos de Deus. Outros, porém, opinam que são anjos das mais elevadas posições, e, isto de fato, se coaduna com o argumento e pensamento das Escrituras. Vejamos, pois:

O vocábulo "querubim" (singular) ou "querubins" (plural), acha-se pela primeira vez na passagem de Gênesis 3.24. A palavra tem sua raiz no verbo "querub", que significa "guardar", "cobrir" e "celestial". Estes seres aparecem pela primeira vez junto ao portão oriental do Jardim do Éden, depois que o homem foi expulso e sua função, segundo está registrado ali, é proteger para que o homem não retorne, poluindo a santa presença de Deus. Aparecem novamente como protetores, embora em figuras de ouro, sobre a Arca da Aliança, onde Deus se comprazia em habitar. Ezequiel, profeta do cativeiro babilônico, refere-se a estes seres chamando-os pelo seu título

dezenove vezes e a verdade relacionada com eles deriva destas passagens. João, no Apocalipse, identifica-os como sendo "criaturas viventes". Sendo que ali, se torna mais expresso o sentido do argumento.

Alguns dos escritos paralelos do pós-exílio, concebiam os "querubins" da seguinte forma:

Não são anjos. São animais mitológicos (Ez 1 e 10), importados do ambiente babilónico, que servem de cavalgadura a Jeová (SI 18.11), sentinelas que vedam o acesso dos mortais à divindade (Gn 3.24) e colocados sobre a cobertura da Arca (Êx 25.20), e parece terem função intercessora no lugar santo (Êx 26.1,31). Essa interpretação foi bastante divulgada na Idade Média, mas não foi aceita pela maioria dos cristãos por não se harmonizar com o pensamento das Escrituras. A segunda maneira de interpretação teve mais aceitação sobre o povo de Deus de ambos os Testamentos.

Os querubins são seres reais. São vistos pela primeira vez como "guardiões celestiais" (Gn 3.24). Mas em outras seções da Bíblia, eles figuram simbolicamente as coisas celestiais (cf. Hb 8.5 e 9.23). A palavra "querubim" não ocorre no grego secular; é uma transliteração do hebraico (ou Aramaico), daí a variedade de terminação no plural.

Entre os profetas, somente Ezequiel menciona a palavra. Os querubins de ouro sobre os quais descansava a glória do Deus de Israel estavam abandonados agora (Ez 9.3), e Ele descansa entre os querubins vivos que cumpriam todas a sua vontade (Ez 1.5 e ss; 10.1 e ss).

Os querubins são mencionados em ambos os Testamentos, como seres associados ao trono do Criador. Vejamos:

No Antigo Testamento. O judaísmo meditava consideravelmente acerca do trono-carro descrito em Ezequiel, mas os rabinos não encorajaram tais especulações, e o Mishna proibiu o emprego litúrgico dos capítulos de Ezequiel que faziam esta declaração. Nos rolos de Qunrã, um fragmento, "O Trono-Carro Divino" descreve os querubins, que pronunciavam bênçãos, com o acompanhamento de uma voz calma e baixa ao baterem as asas (1 Rs 19.12).

No Novo Testamento. A palavra ocorre apenas em Hebreus 9.5: "...os querubins da glória". A frase "querubins da glória" é empregada numa

descrição do Santo dos Santos. Os querubins se associam especificamente com o trono de Deus, como já tivemos ocasião de focalizar acima, seja no Céu, seja no seu equivalente terrestre. Ficam de guarda, sustentam o trono, e agem como velozes mensageiros do Senhor dos Exércitos, a quem adoram.

"Sob a direção de Deus, eles foram incorporados ao plano da Arca da Aliança, e do Tabernáculo. O templo de Salomão utilizou-os na sua decoração.

Tinham asas, pés e mãos. Ezequiel capítulo 10, descreve os querubins em detalhes como tendo não apenas asas e mãos, mas sendo também "cheios de olhos", circundados por "rodas dentro de rodas". O profeta então passa a falar de "rodas junto dos querubins" (Ez 1.15). Porém, em Apocalipse 4.8, os olhos que circundavam as rodas são transferidos para os próprios seres viventes, ao invés de estarem associados às rodas que os acompanhavam.

Alguns estudiosos afirmam que os "olhos" representam o governo onisciente da providência divina, imanente na vida do mundo, consciente por todos os lados. À absoluta visão circundante corresponde uma absoluta visão interior, que expressa a concentração contemplativa e a unidade da onisciência divina. Em Apocalipse 4.8, os seres viventes que identificamos com os mesmos querubins de Ezequiel (1 e 10), "...não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor, o Todo-poderoso".

As descobertas arqueológicas na Palestina têm trazido à luz algumas antigas representações de querubins. Em Samaria, certos painéis de marfim apresentam uma figura composta com um rosto humano, corpo de animal quadrúpede, e duas asas elaboradas e conspícuas. A aparência do rosto sugere certo grau de influência hípica. Escavações efetuadas na antiga cidade fenícia de Gebel (em Grego, Biblos), têm revelado uma representação esculpida de dois querubins a sustentar o trono de Deus, rei de Gebel, que reinou cerca de 1200 a.C. Essas figuras concordam em geral com seus paralelos de Samaria. Mas a concepção de que os querubins são animais quadrúpedes, não se prende tanto ao fato bíblico e sim mitológico. A expressão "zoon" - Apocalipse 4.6 e ss - significa, "o que vive". Diferente de "therion", que significa, "uma fera". Evidentemente, os

querubins não devem ser concebidos como sendo "animais", e, sim, "criaturas viventes".

Existe uma característica dupla nestes seres vivos denominados de querubins: Eles são chamados de querubins e como tais desempenham dupla função, isto é, são guardas celestiais (Gn 3.24), e ao mesmo tempo eles desempenham a função de serafins (os componentes do coro angelical) que clamam dia e noite: "Santo, Santo, Santo, é o Senhor dos Exércitos: toda a Terra está cheia da sua glória" (cf Is 6.1-6; Ap 4.8 e ss). Assim, tanto estes seres (os querubins) como os serafins, estão sempre associados com o Tabernáculo e o Templo.

Em Ezequiel 9.3, o Senhor desceu do seu trono acima dos querubins até o limiar do Templo, enquanto em 10, e 11, Ele vem retomar o seu assento acima deles. Ali, o efeito deste padrão simétrico era que, seja qual for a direção da qual olhavam os quatro querubins, um rosto diferente era visto de cada lado, de modo que todos os quatro rostos eram visíveis ao mesmo tempo de qualquer ângulo.

O rosto mais perto de quem olhava seria mostrado como o de um homem (Ez 10.14), o do lado esquerdo ficaria na sua frente como leão, e o ser no fundo estaria revelando sua aparência como águia. O rosto do bezerro não aparece nesta secção como na antevisão (Ez 1.10), e sim, aparece agora "o rosto do próprio querubim" (cf Ez 10.14).

Na calma que precede a tempestade, vemos os querubins estacionados no lado S.ul do santuário. Postados na direção da cidade, eles testemunham o começo da retirada gradual da glória de Jerusalém. O tremular de suas asas indica acontecimentos imensamente importantes que deverão seguir (Ez 10.15). Em seguida, os querubins elevam-se, prontos para a partida, num verdadeiro "Icabô": Foi-se a glória de Israel (1 Sm 4.21). Em outras passagens similares das Escrituras, encontramos os querubins junto ao trono de Deus. É ainda acrescentado que Deus, o Pastor de Israel, está assentado "entre querubins" (SI 80.1) e, em linguagem poética, o salmista contempla o Senhor embarcando numa destas espécies de naves celestiais: "...Montou num querubim, e voou; sim, voou sobre as asas do vento" (SI 18.10). No pensamento cristão, Deus é louvado e revelado por estes seres angelicais: "Ele habita entre eles", pois está "entronizado entre os querubins" (SI 99.1). Sobre o propiciatório (a tampa

da Arca), eram contemplados dois querubins de ouro, que, por expressa ordem de Deus, foram postos ali. Era este o lugar (o propiciatório) o ponto central do encontro de Deus com o homem: "... Ali virei a ti, e falarei contigo de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins" (Êx 25.22). Os querubins ali postos na solidão eram uma figura do Cristo crucificado, o ponto de encontro entre Deus e o homem (cf. Jo 12.32,33; 2 Co 5.19).

As bordaduras das cortinas, que decoravam o tabernáculo, eram figuradas de querubins (Êx 25.18), de igual modo o véu que separava o lugar santo do Santíssimo era bordado com figuras de querubins (Êx 26.31,33). Entre suas faces se podiam ler três palavras de advertência: "Somente até aqui!" (cf. Hb 9.5,8).

No Novo Testamento, em Apocalipse 4.6, eles entram em foco pela primeira vez, e, de agora em diante, aparecem em conjunto com os anciãos, em quase todas as cenas do Apocalipse (Ap 4.4,6,10; 5.5,6,8,11,14; 7.11,13; 11.16; 14.3; 19.4), agora, porém, eles dão o "Amém" final! E não reaparecem mais, a não ser quando nós os encontrarmos na eternidade. Em cada aparição destes seres viventes vem ao nosso entendimento que são, segundo se depreende, "vigias eternos" do trono de Deus, e também alguns expositores têm visto neles algo especial na apresentação dos quatro Evangelhos de nosso Senhor Jesus Cristo. O doutor Ridout, diz:

"Somos de opinião que estas criaturas viventes denominadas de querubins, dependendo do contexto, correspondem a significação dos quatro Evangelhos e a sua apresentação de Cristo. Assim, em Mateus, o primeiro Evangelho, Cristo é ali representado como o poderoso 'Leão da Tribo de Judá' (Ap 5.5), em razão de ser este animal, o mais nobre da Fauna (Pv 30.30); em Marcos, o segundo Evangelho, Cristo é visto aí como o paciente novilho, representando a força divina e sua paciência no holocausto da cruz (Lv 1.3 e ss; Fl 2.8). Em Lucas, o terceiro Evangelho, Cristo é contemplado como 'O Filho do homem' - sua humanidade representada por mais de 40 vezes, e em João, o quarto Evangelho, Cristo é representado como uma Águia voando, em virtude de ser esta ave a mais nobre das aves do céu e Jesus, o nobre Filho de Deus (Hb 1.4 e ss; 7.26)".

Portanto, finalizando nosso argumento no que diz respeito aos "querubins", deduzimos que eles são seres reais, criaturas vivas que,

segundo se diz, atuam permanentemente ao redor daquele cujo nome é:
"Jeová Sabaote", o Senhor dos Exércitos!

Os Serafins

"Os serafins estavam acima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobriam os seus rostos, e com duas cobriam os seus pés e com duas voavam" (Is 6.2). O título "Serafins" fala de adoração incessante, do seu ministério de purificação e de sua humildade. Eles aparecem apenas uma vez nas Escrituras sob esta designação. Os seres celestiais em foco, na visão de Isaías, tinham forma humana, ainda que, segundo é dito ali, dispunham de seis asas cada um.

O vocábulo "serafim" deve vir da raiz hebraica "Saraph", cuja raiz primitiva queria dizer: "consumir com fogo". Porém, alguns hebraístas a traduzem também por "queimadores", "ardentes", "brilhantes", "refulgentes", "amor" e "nobres"; alguns escritores judeus têm procurado derivar o vocábulo de uma raiz hebraica cognata, "saraph" (queimar, sustentando que os serafins são anjos rebrilhantes). Os menos escrupulosos traduzem também o vocábulo por "serpentes ardentes", ou "áspides voadores" (cf. Is 14.29; 30.6 etc). E finalmente, alguns já pensaram também, em "seres exaltados ou nobres".

Já tivemos ocasião de falar sobre o vasto reino de luz dos seres angélicos. As especulações judaicas, e até fora delas, também investigavam a respeito deste mundo invisível. As especulações humanas, porém, nem sempre estão de acordo com o pensamento das Escrituras quanto a este vasto mundo espiritual, onde se movimentam inúmeros exércitos

organizados e preparados, à disposição do seu Criador (SI 103.20). O apóstolo Paulo e outros escritores do Novo Testamento, falam dele como sendo muito vasto e poderoso.

Como no plano terrestre, chamamos "autoridades", "potestades" as pessoas humanas que têm uma responsabilidade, assim também recebem estas denominações os servos imediatos de Deus no mundo invisível e os instrumentos diretos de sua "autoridade". Este uso terminológico é levado mais longe ainda no plano celestial, chegando a designar os próprios "seres" invisíveis sujeitos ao domínio de sua vontade.

A investigação arqueológica de um túmulo da XII Dinastia, em Benihasam, revelou dois grifos alados, conhecidos em egípcio demótico pelo nome de "seref", resguardando um sepulcro. Foi descoberto em Tel Hallf um artefato vindo da Mesopotâmia representando um "serafe" com seis asas. Segundo o achado, tal criatura tinha um corpo humano, em contraste com a combinação águia-leão do Egito, com quatro asas distribuídas abaixo da cintura e as duas restantes entre os ombros. O rosto exibia traços da influência hitita posterior, e o artefato foi datado como pertencente a cerca de 1000 a.C. Estas descobertas arqueológicas sobre possíveis representações de serafins, são muito importantes, porém, longe de traduzir ou representar os verdadeiros serafins componentes do coro angelical.

Os serafins são elevados poderes do mundo angelical que se situam dentro do domínio do Criador. São os possíveis regentes dos grandes corais no interior do Céu. Seu louvor constantemente é dirigido à Trindade (Is 6.3): Santo (Deus), Santo (Jesus), Santo (Espírito Santo). Na passagem de Isaías, a Trindade está em foco! Observe o pronome ("nós") no versículo 8, e deduza o significado do pensamento.

O doutor C.I. Scofield, observa que estas criaturas denominadas de serafins, conforme vemos aqui, contrastam à luz do contexto com os querubins, isto é, não devem ser as mesmas criaturas, ainda que tenham algumas coisas em comum. Vejamos:

"Os querubins contrastam com os serafins. Embora expressem a santidade divina, que requer que o pecador se aproxime de Deus somente por meio de um sacrifício que realmente vindique a santidade de Deus (cf. Rm 3.24-26), e que o crente seja primeiro purificado antes de servir; Gên

nesis 3.22-24, mostra as exigências dos primeiros; e Isaías 1-6 a dos segundos".

O alcance do argumento. Os serafins habitam "acima" do trono de Deus. A expressão "acima" não deve ser entendida "em cima". A gramática semítica parafraseando esta expressão diz: "Os serafins estavam a altura do trono de Deus. No cimo do trono. E ali velavam pela santidade divina". Os serafins cultuam a Deus nos umbrais eternos, porém, como os demais anjos, são sujeitos à autoridade divina de Jesus Cristo (Hb 1.6). A Ele e por Ele, estão sujeitos todas as autoridades, e as potências. Seja como for, os mensageiros de Deus estão por todas as partes!

Outros Anjos em funções especiais

O anjo das águas

"E ouvi o anjo das águas que dizia: Justo és tu, Ó Senhor, que és, e que eras, e santo és, porque julgaste estas coisas" (Ap 16.5). Além daquilo que é depreendido do presente texto havia também entre o povo da aliança a ideia helenista de que certos elementos da natureza são controlados pelos anjos.

Assim, teríamos os anjos dos quatro ventos (Ap 7.1), do fogo (Ap 14.18), do calor, da geada, das águas, e assim, interminavelmente. No texto em foco, o anjo das águas, literalmente falando, tinha a tarefa de guardar e fazer distribuição do suprimento das águas, sendo por assim dizer; o anjo-capitão dessa parte da natureza (cf. Jo 5.4; At 27.23,24).

Na teologia judaica, os judeus e outros escritores de índole proselitada, chegaram até a exagerar nomes de alguns deles, tais como:

Niconias, que estaria encarregado das fontes das águas. Assim, segundo este pensamento, o anjo aqui mencionado seria Niconias.

E Admael seria o anjo da Terra, conforme diziam as ideias da época sobre os anjos. Para nós, porém, o sentido simbólico deve ser aqui

invocado, por estar mais apropriado com a natureza do argumento: "As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas" (Ap 17.15). Na simbologia profética do significado do pensamento, fontes, rios e mares, têm o sentido geral das nações inquietas e desorganizadas (cf. Jr 6.7; Ez 29.3; Dn 7.2,3; Lc 21.25; Tg 1.6; Ap 16.3). Assim, para nós, "o anjo das águas" aqui representado, refere-se, evidentemente, a "um guarda eterno" responsável pela segurança das nações, e também de executar juízos sobre elas. (Cf. Êx 14.19,20; 23.20; Dn 10.13,20,21). O vidente João insere em seu livro tais pensamentos, mas por expressa ordem de Deus. Nada aqui está fora de lugar. Pelo que, aqui, aprendemos a lição de Deus que controla tudo, nada fazendo fora de sua influência, isso pode visar à bênção ou à maldição dos homens, dependendo de como os homens se entregam à impiedade ou à santidade.

A proclamação deste elevado poder angelical é que Deus "é justo" e "santo". As palavras "justo" e "santo" são usadas aqui no julgamento deste anjo-capitão para adjetivar Deus nas suas execuções necessárias. A retribuição é o resultado da santidade e da majestade intensas de Deus, que se impõem em favor do seu povo em autovindicação. Seja como for, diz o "vigia-eterno": Deus julgará quem não lhe obedecer. E para confirmação, o poder angélico invoca a Eternidade e a permanência de Deus. Deus transcende ao tempo, embora, também, quando necessário, se manifesta dentro dele; e se faz sempre presente. Ele é o Deus "...bem presente!" (SI 46.1), cuidando tanto em julgar como em defender aos homens, dependendo apenas do contexto.

O anjo destruidor

"E o Senhor mandou um anjo a Jerusalém para a destruir; e, ao destruí-la ele, o Senhor o viu, e se arrependeu daquele mal, e disse ao anjo destruidor: Basta, agora retira a tua mão, e o anjo do Senhor estava junto à eira de Omã Jebuseu" (1 Cr 21.15).

De todos os anjos que são apresentados nas Escrituras em missões específicas, o "anjo destruidor" é o mais difícil de ser identificado, por vários motivos.

Primeiro, em alguns lugares ele aparece como sendo o "Senhor" (Êx 11.4-7; 12.12,13,23,27,29; SI 136.10) e, segundo, em outros, ele é "o anjo do Senhor" (2 Sm 24.16 e 1 Cr 21.15 e ss). Terceiro, "praga de

mortandade" em Êxodo 12.13. Na passagem de 1 Crônicas 21.15, ele é denominado sem nenhuma reserva de "anjo destruidor", e, segundo se diz, cumpriu ali sua missão: 70 mil súditos do reino de Davi pereceram debaixo de sua execução (cf. 2 Sm 24.1 e ss). Lendo a passagem de Êxodo 12.23, entendemos que "o anjo destruidor" não era o próprio Senhor, mas um mensageiro (mensageiro da morte) que executava o juízo, debaixo ou como diz o original "ancorado na mão de Deus". Deus estava também ali! Mas para proteger: "...vendo eu sangue, passarei por cima de vós" (12.13) e no versículo 23 da mesma seção o Senhor Deus Eterno, também está em foco: "O Senhor passará por aquela porta, e não deixará o destruidor entrar em vossas casas para vos ferir".

A passagem desta seção tem seu paralelo no livro do profeta Isaías, onde Deus aparece como um pássaro que voa sobre seu ninho para o defender. Ouça! "Como as aves voam, assim o Senhor dos Exércitos amparará a Jerusalém: ele a amparará e a livrará, e, passando, a salvará" (31.5). Portanto, segundo se depreende dos textos sagrados, o título pois, deste ser angelical indica nosso Senhor Jesus Cristo em suas aparições pré-encarnatórias, mas quando observamos sua função; a função da morte, não deve ser nosso Senhor, e, sim, um outro mensageiro designado para tal função. Jesus disse durante sua missão terrena: "...eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância" (Jo 10.10b). Na aparição de nosso Senhor a Josué ao pé de Jericó devemos observar vários detalhes importantes:

Primeiro: É um homem (5.13 ERC), mas aceita o culto de adoração devido a Deus (v 15), o que jamais um anjo qualquer aceitaria (Ap 19.10; 22.8,9).

Segundo: Seu ofício é o mesmo do Messias, Guia e Capitão do povo (v 14).

Terceiro: Ele imediatamente assume o comando supremo, e diz como a batalha há de ser.

Quarto: Na pergunta de Josué: "És tu dos nossos, ou dos nossos inimigos?" (v 13b) Josué com a idéia fixa no duelo que ia travar-se entre israelitas e cananeus, interroga um desconhecido. Seria um aliado? Não, não era um aliado! É um "Príncipe do Exército do Senhor", a quem o próprio Josué devia submeter-se. Na resposta salientada pelo ser supremo a Josué, fica subentendido que aquele Capitão não era "um anjo destruidor".

Sua resposta ("NÃO.") expressa o significado do pensamento. Ele era a favor de Israel, mas não era contra os pecadores! É esta portanto, a missão plena do Filho de Deus. "Porque o Filho do homem não veio para destruir..." (Lc 9.56a).

O anjo do altar

"E ouvi outro (anjo) do altar, que dizia: Na verdade, ó Senhor Deus Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos" (Ap 16.7). No Apocalipse o altar celestial é mencionado nas seguintes passagens: 6.9; 8.3,5; 9.13; 11.1; 14.18; 16.7. Em Ap 11.1, o altar deve ser o do sacrifício, que ficava no pátio dos sacerdotes. Em uma outra seção (ao aludir este ao Templo), aparece um único altar, em lugar dos "dois" altares do Templo antigo, na Terra, mas que incorporava as funções do "Altar do Sacrifício" (o do cobre), que ficava fora do santuário, e as funções do altar do incenso, perante o véu do Santo dos Santos, pelo lado desse véu. O altar do presente texto, pode ser, literalmente, aquele que fica diante da face do Cordeiro, onde os mártires da Grande Tribulação estão a repousar (Ap 6.9 e 7.9-17). Ali, portanto, conforme veremos, está posicionado um "anjo-sacerdote", guardando as pequenas e grandes orações de todos os tempos e de todos os santos.

Em Apocalipse 6.9 as almas dos mártires cristãos, clamavam debaixo do altar, por vingança. O altar do presente versículo, é o mesmo altar visto por João na visão anterior do seu livro, e o "outro do altar", que se traduz também no original grego por "o anjo do altar", é sem dúvida um elevado poder angelical revestido de uma "função sacerdotal", responsável em guardar "...as orações dos santos". A voz deste ser celestial assinala o cumprimento e resposta as orações dos santos de 6.10 do Apocalipse. O apóstolo João ouviu a poderosa voz do anjo intercessor justificando o julgamento de Deus. Como exemplo disso, encontramos o sangue de Abel falando desde a terra, clamando por justiça (Gn 4.10; Hb 11.4), e o altar é a base dos juízos de Deus, que nos fala da morte de Cristo. Deus ouvirá também, a voz dos santos mártires, desde Abel até os da Grande Tribulação (Ap 8.5) e, como certeza disso, destina um ser de sua mais alta corte celeste, que durante todos os Milênios, está velando sobre isso. A implacável ira de Deus, santo e justo em juízos, finalmente cairá sobre os homens culpados, porque acima da morte de todos os santos e profetas de ambos os Testamentos, está a morte de Cristo (Hb 12.24), requerendo do

Trono uma resposta segura e firme, e como resposta disso, nele está posto "um vigia eterno!" O anjo do altar!

O anjo da igreja

"Escreve ao anjo da igreja que está em Éfeso: Isto diz aquele que tem na sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro" (Ap 2.1). Sobre "o anjo" da igreja, têm havido várias opiniões, sendo que, apenas uma (a de que são os pastores) predominou. Vejamos, pois:

Há grandes poderes espirituais que exercem controle sobre as nações, sobre os indivíduos e sobre a Igreja - talvez até sobre as igrejas locais - de tal modo que, sob hipótese alguma, estamos sozinhos. Contamos com a presença e assistência de elevados poderes, e nossos melhores homens são aliados deles.

As sete estrelas são os sete anjos da Igreja (Ap 1.20). Não são homens. São seres angelicais. Contudo (diz esta interpretação), mantêm íntima associação com os líderes das igrejas, pois orientam as comunidades cristãs. Mui provavelmente servem de mediadores dos dons espirituais, pelo menos em alguns casos. Desse modo, estão intimamente relacionados com o crescimento e a expansão da Igreja, usando homens como instrumentos.

São os anjos protetores de cada igreja. É uma terceira interpretação. Sendo, porém, o guardião invisível (cf. SI 34.7). Para nós todas estas interpretações, não estão de todo, rejeitadas, pois, pode e deve, haver nelas algo que seja verdadeiro. Mas no que diz respeito ao "anjo da igreja" como já ficou demonstrado, tais opiniões não combinam com o sentimento natural do pensamento das Escrituras, pois ali, encontramos "anjos mortos" que podiam ser restaurados e, evidentemente, isso não poderá acontecer com "anjos" no sentido de seres espirituais. Pedro diz: "...Deus não perdoou aos anjos" (2 Pe 2.4). E acrescenta: "...que pecaram". Ele não diz que "pecam" (atual) e sim: "que pecaram" (passado). Portanto, está fora de cogitação que, o anjo da igreja, seja de fato, na expressão da palavra, "um ser angelical" (Ap 3.1,15-19).

A interpretação natural do "anjo da Igreja", deve ser e é de fato, a mais aceita: "sete pastores das sete igrejas da Ásia Menor (hoje, atual porção da Turquia Asiática) que foram enviados pelas referidas igrejas para

saberem do estado do velho apóstolo, então um exilado em Patmos (compare-se Filipenses 4.18). Mas sendo na sua volta portadores das Sete Cartas. Este deve ser, portanto, o verdadeiro sentido do "anjo da igreja" (Ap 1.20; 2.1,8,12,18; 3.1,7,14).

O Ministério Angelical no Antigo Testamento

"Vós, que recebestes a lei por ordenação dos anjos, e não a guardastes" (At 7.53). Veje-se o contexto de Gálatas 3.19: "...a lei... foi posta pelos anjos na mão de um medianoiteiro". Não só as Escrituras, mas também a teologia judaica helenista desenvolve uma elaborada noção sobre como Deus faz os anjos servirem aos seus filhos no plano da salvação, protegendo-os, ajudando-os, de inúmeras maneiras. "Testemunhem o aparato sem precedente e não mais repetido do Monte Sinai quando Deus se dirigiu ao povo; trata-se de um acontecimento de primeira magnitude e nele se pode incluir a visitação de hostes angelicais. Em meio às nuvens crescentes que cobriam o Sinai um anjo anunciou a presença de Deus. ("E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. E todo o monte de Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo: e o seu fumo subiu como o fumo dum forno, e todo o monte tremia grandemente. E o somido da buzina ia crescendo em grande maneira: Moisés falava, e Deus respondia em voz alta"). Agora com a presença de Deus na montanha, tudo mudou de aspecto. A montanha inteira pareceu pulsar de vida. O terror se apoderou do povo embaixo. A terra pareceu abalada por meio obscuro. Quando Deus veio ao topo da montanha, estava acompanhado de milhares de anjos (SI 68.8,17). Moisés, testemunha silenciosa e solitária deveria ter sido dominado por uma visão ainda que limitada das forças de Deus. Abala a imaginação pensar que

espécie de manchete teria ocorrido ali. "E tão terrível era a visão que Moisés disse: Estou todo assombrado, e tremendo" (Hb 12.21a).

O comentador Matthew Henry observa que a aparição de Deus cercada de seres angélicos foi gloriosa. Ele resplandeceu como o sol quando ganha força no firmamento. Mesmo Seir e Parã, duas montanhas a alguma distância, foram iluminadas pela glória divina que apareceu no monte Sinai, refletindo alguns de seus raios; tão brilhante foi a aparição de Deus e seus ministros e tanto empenho de relatar as maravilhas da providência divina, que até "...raios brilhantes saíam da sua mão" (Cf. SI 18.7,8; Hc 3.3).

Além desta aparição de anjos ao lado do seu Criador, o ministério angelical é proeminentemente desenvolvido no Antigo Testamento. H. Halley observa que os anjos estão presentes em quase todos os acontecimentos tanto do Antigo como do Novo Testamento. Eles afloram por toda a Bíblia! Um apareceu no deserto de Sur, à escrava egípcia, Hagar a fim de lhe socorrer e foi identificado como sendo "O Anjo do Senhor" (Gn 16.7-12); anjos anunciaram o nascimento de ísaque ao Patriarca Abraão na tenda em que residia (Gn 18.1 e ss); anunciaram também a destruição das cidades de campina: Sodoma, Gomorra, Admar e Zeboim (Gn 18.16-29; Dt 29.23); anjos salvaram Ló do meio da destruição quando Deus derribava Sodoma e Gomorra por meio do fogo (Gn 19.1 e ss). Um anjo impediu que Abraão matasse Isaque na montanha de Moriá (Gn 22.11,12), anjos guardaram Jacó durante sua vida de peregrinação (Gn 28.12; 32.1; 49.16); um anjo comissionou Moisés a libertar a Israel do Egito (Êx 33.2); um anjo guiou Israel no deserto (Êx 14.19; 23.20); um anjo dirigiu Eliézer, o damasceno, para Arã (Gn 24.7); a Lei foi dada por intermédio dos anjos (At 7.53; Gl 3.19); um repreendeu Balaão, um profeta moabita (Nm 22.31-35); o Anjo do Senhor Príncipe do Exército do Senhor falou a Josué quando se encontrava ao pé de Jericó (Js 5.13-15); um anjo subiu de Boquim e repreendeu os israelitas (Jz 2.1-5); um anjo amaldiçoou a Meroz (Jz 5.23); um anjo comissionou Gideão a libertar o povo de Israel do jugo dos midianitas (Jz 6.11 e ss); um anjo anunciou o nascimento de Salsão a Manué e sua esposa (Jz 13.1 e ss).

Durante o tempo que se seguiu à monarquia judaica, os anjos tornam-se também eminentes na história do povo escolhido: algumas vezes livrando-os e outras castigando-os.

Um anjo feriu a 70 mil escolhidos de Israel no tempo de Davi (2 Sm 24.14 e ss); um anjo acudiu Elias quando fugia da fúria de Jezabel (1 Rs 19.5-8); Eliseu, certa manhã, viu-se cercado de anjos invisíveis aos olhos de seu criado e visíveis aos seus (2 Rs 6.14-17). Durante o cativeiro babilônico, um anjo livrou o profeta Daniel da cova dos leões (Dn 6.22); um anjo ajudou a Zacarias na redação de seu livro (Zc 1.9; 2.3 e 4.5).

Durante todo o período da Antiga Aliança os anjos estiveram presentes na vida de muitos personagens da Bíblia. Vejamos pois!

Hagar (Gn 16.7,8); Abraão (Gn 22.1,12); Ló (Gn 19.1); suas filhas e esposa (Gn 19.16); Eliézer (Gn 22.7); Jacó (Gn 28.12; 31.11,12; 32.1,2; 48.16); Moisés (Êx 3.2 e ss); Balaão (Nm 22.22-35); Josué (Js 5.13-15); a todo o Israel (Jz 2.1-4); Gideão (Jz 6.11); Manué e sua mulher (Jz 13.1,9,13); Davi (Sm 24.17); Araúna (1 Cr 21.20); Gade (1 Cr 21.18); Isaías (Is 6.2-7); Ezequiel (Ez 1.2-10); Sadraque, Mesaque e Abednego (Dn 3.25,28); Daniel (Dn 6.22); Dario (Dn 10.5-21; 11.1 e ss); Zacarias (Zc 1.9 e ss). Podemos fazer outras citações, tais como; 1 Reis 13.18; Jó 4.15,16; Salmo 34.7; Zacarias 3.3, etc. Ora, estas aparições ou intervenções angélicas na vida destas pessoas, são apenas manifestações típicas, pois em outras ocasiões os anjos estiveram presentes, porém invisíveis aos olhos humanos.

O Ministério Angelical no Novo Testamento

"Não são porventura todos eles espíritos ministrado-res, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" (Hb 1.14). Observem-se os contextos de Lucas 15.10; Atos 8.26; 10.3-5; Apocalipse 14.6,7.

Em toda a extensão do Novo Testamento, o testemunho dos anjos como nossos conservos é abundante;

Um anjo anunciou o nascimento de João Batista (Lc 1.11-14) e lhe deu o nome (Lc 1.13); semelhantemente, o mesmo mensageiro anunciou a Maria o nascimento de Jesus Cristo (Lc 1.26-37) e lhe deu o nome (Lc 1.31); um anjo anunciou a José o mesmo acontecimento (Mt 1.20,21). Os anjos anunciaram aos pastores belemitas o nascimento de Jesus (Lc 2.8-15); foi visto também naquela mesma noite um coral de anjos que cantavam dizendo: "Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens".

O nascimento, a vida, a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus foram pontilhados pelos anjos. Não foi por menos que diz Paulo a respeito de Cristo: "...contemplado pelos anjos" (1 Tm 3.16) - (Edição Revista e Atualizada no Brasil). Seu interesse e devoção ao Senhor da glória são medidos até certo ponto pela adoração que eles lhe oferecem desde a

criação até o presente momento. Portanto, se ouve tanto na "estrofe" como no "estribilho": "Todos os anjos de Deus o adorem" (Hb 1.6).

Um anjo dirigiu sua fuga para o Egito (e o regresso) através de sonhos (Mt 2.13-20). O doutor William Cooke, observa cuidadosamente como foi constante a assistência angelical ao Salvador Encarnado durante a sua vida e ministério entre os homens!

No seu nascimento foram seus arautos e com hinos exultantes anunciaram as boas-novas à humanidade. Na tentação, eles o serviram; em sua agonia o socorreram; na sua ressurreição foram os primeiros a proclamar o seu triunfo; na sua ascensão o escoltaram até o trono; e, quando Ele voltar para julgar o mundo da presente Era, eles formarão o seu séquito! No seu estado glorioso, eles lhe rendem homenagem suprema de seu Senhor. Que pensamentos sublimes não foram sugeridos, que emoções de espanto e alegria não foram despertadas pelas cenas que eles testemunharam na Terra e ainda testemunha no céu, com referência a Cristo, sua natureza dupla e sua grande obra redentora.

Vejam o que eles sentiram quando presenciavam cada detalhe da vida terrena e celestial do Salvador.

Deus encarnado! Coisa nova para eles. Eles viram o Filho em sua Divindade; mas nunca o tinham visto envolto em humanidade. Que condescendência espantosa! Obedecendo às próprias leis como se fosse uma simples criatura e na atitude de um servo.

Deus como servo! Coisa nova para eles. Eles o tinham visto como Governador do Universo; mas nunca como um súdito! Enfrentando Satanás em conflito e prolongada tentação.

Deus sendo tentado! Coisa nova para eles. Eles o tinham visto expulsando o arqui-rebelde da sua presença, atirando-o para a perdição; mas nunca se submetendo para ser tentado por ele cuja sutileza e poder reduzira as miríades à ruína eterna, nem podiam imaginá-lo sofrendo o escárnio e o descrédito dos homens pecadores!

Deus sofrendo escárnio! Coisa nova para eles. Eles viram miríades de espíritos felizes adorando-o e amando-o; mas nunca o tinham visto pessoalmente insultado e maltratado por criaturas finitas. Gemendo no

Getsêmane e crucificado entre dois ladrões, morrendo como uma vítima sacrificada!

Deus crucificado! Coisa nova para eles. Eles o viram supremamente feliz e glorioso; mas vê-lo agonizando, ouvir aquele gemido agonizante: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46b) e contemplar aquele corpo sangrando tudo para salvar o mundo que revoltara-se contra ele! Que amor misterioso! Vê-lo, depois de tudo isto entronizado e glorificado em sua forma suprema, era um fato novo na história moral do Universo. Todas as cenas eram cheias de interesse, de maravilhas e de mistério; uma gradação de maravilhas se sucedendo, até que culminaram na presença permanente do Deus-homem, resplandecente com uma glória que enche o Céu dos céus.

Foram capítulos de instruções para as mentes angélicas ponderarem; foram revelações de verdades ocultas; foram descobertas de perfeições divinas antes não conhecidas; e que continuam se revelando da maneira mais refulgente, enquanto os séculos se sucederem!

O próprio Jesus falou abundantemente sobre estes seres em muito de seus elementos doutrinários e, de igual modo, os apóstolos nos Atos, nas Epístolas e no Apocalipse. Vejamos!

Nos Evangelhos: Jesus falou de anjos que subiam e desciam sobre Ele (Jo 1.51); disse poder contar com mais de 12 legiões de anjos em prol de sua defesa (Mt 26.53); os anjos estarão com ele no julgamento das nações vivas por ocasião da sua Parousia (Mt 25.31); os anjos serão os ceifeiros no fim da presente era (Mt 24.39); os anjos ajuntarão os eleitos no retorno de Cristo à Terra com poder e grande glória (Mt 24.31); os anjos conduziram Lázaro para o Seio de Abraão (Lc 16.22); os anjos separarão os ímpios dos justos por ocasião da ceifa (Mt 13.41-49); os anjos no Céu contemplam a face de Deus (Mt 18.10); anjos contemplam a alegria do Senhor no Céu por um pecador que se arrepende (Lc 15.10; Jd v 24); Jesus disse confessar o nosso nome perante seus anjos (Lc 12.8); Jesus falou sobre a imortalidade dos anjos (Mt 22.30); falou também no Diabo e seus anjos maus (Mt 25.41).

Nos Atos dos Apóstolos: A Igreja Primitiva teve seu princípio de formação auxiliada e protegida por estes seres celestiais. Vejamos: dois anjos foram testemunhas da ascensão de Cristo (At 1.10,11); um anjo abriu

as portas da prisão e soltou os apóstolos Pedro e João (At 5.19); um anjo encaminhou Filipe, o Evangelista, ao eunuco etíope (At 8.28); um anjo soltou Pedro da prisão (At 12.7-9) e por conseguinte foi chamado "...seu anjo" (At 12.15); um anjo orientou o Centurião Cornélio, a chamar a Pedro (At 10.3); um anjo feriu Herodes e ele morreu comido de bichos (At 12.23); um anjo esteve com Paulo no caminho de Roma (At 27.23).

Nas Epístolas: Os anjos estão também em foco nas epístolas em muitas de suas seções. Paulo falou de "anjos eleitos" (1 Tm 5.21); disse que nós, isto é, os ministros, somos "...feitos espetáculo ao mundo, aos anjos" (1 Co 4.9); falou de anjos que virão com Jesus na sua vinda (2 Ts 1.7); falou de anjos que nos observam (1 Co 6.3). Falou de um "possível anjo descendo do céu" (Gl 1.8), e que as mulheres deviam se portar decentemente por causa dos anjos (1 Co 11.10). A Epístola aos Hebreus é marcada ao redor por estes seres celestiais (Hb 1.4,5,6,7,13; 2.2,5,7,9,16; 12.22; 13.2).

No Apocalipse: Os anjos neste livro são proeminentes. Um anjo dirigiu a redação do livro para João (1.1; 22.6,16). Cada igreja tem seu anjo (2.1,8,12,18; 3.7,14). Cerca de 71 vezes, os anjos são nele mencionados com missão especial.

Não é imaginação, mas realidade, que os anjos são nossos conservos de mil maneiras. Nenhuma verdade está mais estabelecida pelas Escrituras do que a declaração de Hebreus 1.14, que diz serem estes seres enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação. Em relação aos ministérios específicos dos anjos da Terra e em benefício da humanidade, especialmente dos santos, os detalhes formam um campo muito aberto à investigação de modo que não podem, ser extensamente enumerados aqui. Embora os anjos estivessem presentes na criação, nenhuma referência foi feita ao ministério deles até os dias de Abraão. Só depois eles aparecem (Gn 16.7 e ss) e a partir daí, eles estão presentes até no último capítulo da Bíblia (Ap 22.16).

Os Anjos na Evangelização

"E, projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo; E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque Ele *salvará* o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.20,21). Ora, a partir desta passagem até Apocalipse 22.16, vamos encontrar a grande e eficaz missão angelical na pregação e ensino concernente à salvação da humanidade. Vejamos pois:

1. Encontramos os anjos anunciando as "boas-novas". As boas-novas eram que o Salvador chegara. Eles precisavam de alguém que os pudesse trazer de volta à associação com Deus. Os anjos, mesmo dentro ainda dos limites do evangelho do reino, já traziam consigo uma mensagem universal: "...Eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo" (Lc 2.10). Que testemunho para o evangelho! E foi em seguida confirmada a mensagem pela milícia celestial que o acompanhava. Eles disseram: "Boa vontade para com os homens!"

2. No livro de Atos encontramos alguns exemplos magníficos do interesse dos anjos na pregação do evangelho.

O primeiro deles se prende à orientação angelical a Filipe, o Evangelista. Ouça! "E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te, e vai para a banda do sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserta" (At 8.26). Filipe obedeceu ao mensageiro celestial e o resultado foi a conversão do ministro eunuco.

O segundo deles (retroativo) encontramos em Atos 5.19,20: "Mas de noite um anjo do Senhor abriu as portas da prisão, e, tirando-os para fora, disse: Ide e apresentai-vos no templo, e dizei ao povo todas as palavras desta vida".

O terceiro, encontramos em Atos 10.3-6, que fala de Cornélio, centurião da coorte chamada italiana. "Este quase à hora nona (15.00 horas em nosso calendário) do dia, viu claramente numa visão um anjo de Deus"; então, este lhe dizia: "...envia homens a Jope, e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro... Ele te dirá o que deves fazer". Billy Graham observa um detalhe interessante nas duas passagens de Atos 8.26 e 10.3-6. Neste caso a situação está invertida. O anjo dissera a Filipe o que fazer, a fim de que o etíope pudesse ser salvo. E foi! Aqui, ele não disse a Pedro o que fazer, mas antes ordenou a Cornélio que procurasse Pedro, o qual então iria falar-lhe sobre o evangelho, a fim de que ele pudesse ser salvo.

O quarto, encontramos ainda em Atos 27.24, quando um anjo diz a Paulo que tome ânimo, e em seguida acrescenta: "Deus te deu todos quantos navegam contigo". Evidentemente a missão da evangelização do mundo será completada por homens e mulheres usadas pelo Espírito Santo. Mas, onde quer que vejamos o evangelho operando com o seu poder de transformar, existe uma possibilidade de que de alguma maneira os anjos estejam envolvidos.

3. No fim da presente Era, Deus mandará um anjo para completar a pregação do "evangelho do reino". Na passagem de Apocalipse 14.6, está pintado literalmente a missão deste mensageiro. Ouça! "E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a Terra, e a toda a nação, e trino, e língua, e povo". Duas pregações deste evangelho são mencionadas nas Escrituras, uma passada, começando com o ministério de João Batista e terminando com a rejeição do seu Rei pelos judeus. A outra ainda é futura (Mt 24.14), durante a Grande Tribulação, e imediatamente antes da vinda em glória de Cristo.

Isso será feito pelo anjo do presente texto. Este evangelho será pregado logo no fim da Grande Tribulação e imediatamente como já dissemos acima antes do julgamento das nações vivas (Mt 25.31-46).

Estas "boas-novas", pregadas pelo "anjo" são universais e abrangem a "toda a criatura".

4. Uma outra cooperação angelical no que diz respeito à pessoa humana, prende-se ao fato de cura divina. Embora um pouco escasso, a passagem de João 5.4 ilustra o significado do pensamento. Ali um anjo de Deus trazendo cura para os enfermos, "...descia em certo tempo, ao tanque, e agitava a água; e o primeiro que ali descia, depois do movimento da água, sarava de qualquer enfermidade que tivesse". Em muitas outras passagens tanto do Antigo como do Novo Testamento, observamos os anjos cooperando com Deus e os homens no plano da redenção (Êx 23.20,23; Jó 33.23; Dn 9.24-27; Hb 1.14; 1 Pe 1.12, etc).

5. Esta cooperação angelical, prende-se ao ministério da "consolação" e do "conforto".

Sua presença pode tranquilizar e confortar em tempos de crise, argumenta Billy Graham (Anjos, Os Agentes Secretos de Deus). Daniel também afirma isto no capítulo 10.19 do seu livro. Veja!

"...E, falando ele [o anjo] comigo, esforcei-me, e disse: Fala, meu senhor, porque me *confortaste*". Nosso amado Salvador, apesar de ser Senhor dos anjos, foi também certa vez confortado por um deles. Ouça! "E apareceu-lhe um anjo[Gabriel?] do Céu, que o confortava" (Lc 22.43; Hb 5.7). O profeta Zacarias teve também similar experiência quando Deus pôs na boca do anjo intérprete palavras "...boas, palavras consoladoras", as quais foram transmitidas para o profeta (Zc 1.13b). Outras passagens similares, tanto do Antigo como do Novo Testamento, poderiam ser aqui anotadas, mas somente catalogamos estas para expressar o significado do pensamento.

O Reino dos Anjos maus

Satanás

"E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na Terra, e os seus anjos foram lançados com ele" (Ap 12.9). No estudo da Angelologia não só as Escrituras focalizam os anjos do bem que, segundo se diz, se movimentam neste vasto reino de luz, mas elas também de igual modo, nos informam sobre o vasto reino de seres tenebrosos, isto é, o mundo dos espíritos malignos, que se opõem tanto a Deus como à sua obra. Eles são chamados tanto no Antigo como no Novo Testamento, por vários nomes e títulos que representam suas disposições hostis a Deus e aos homens. Um destes seres é Satanás que iremos observar à luz de cada contexto. Vejamos!

Diabo. Esse nome, que no grego é "diabollos", significa "acusador", aparece no grego da Septuaginta passado para o Novo Testamento, para indicar Satanás, o arquimaligno poder espiritual do grande inimigo de todo o bem. Tanto nosso Senhor Jesus" Cristo como os escritores do Novo Testamento, usaram este nome empregado à pessoa de Satanás por 38 vezes.

Satanás é uma palavra de origem hebraica que é "sātan". No Antigo Testamento, a palavra "satanás" ou seu equivalente é usada como nome próprio somente em três livros, a saber: 1 Crônicas 21.1; Jó 1.6,7,8,9,12; 2.1,2,3,4,6,7, etc; Zacarias 3.1 e ss. Em Apocalipse, porém, ele é sempre chamado o "Dragão".

O vocábulo grego aqui usado, "dragão", que no original é "draken", significa "serpente", "crocodilo" ou "leviatã" (Jó 41.1). O doutor R. N. Champlin, Ph. D., nos informa que os antigos cananeus, conforme a descrição existente nos tabletes de Ras Shamra, tinham uma terrível serpente de sete cabeças. O leviatã (Is 27.1) era considerado uma horrível e "rápida serpente". No presente estudo, porém, está em foco "...a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo". Na mitologia grega esta figura sombria já era bastante conhecida, e em alguns lugares é a conhecida "serpente sedutora, mãe das trevas, que é um cão de fogo horrível". Foi este terrível ser que, personificado numa serpente, enganou a pobre mulher (Gn 3.1 e ss; 2 Co 11.3; 1 Tm 2.14; Ap 12.9).

O doutor Matthew Pool, eminente comentador da antiguidade, diz que o artigo definido em Gênesis 3.1, é enfático para exemplificar o significado do pensamento, e por isso se refere a uma "serpente especial". E, no hebraico é: "hannachash". Esta serpente, ou essa serpente, indicando que não era uma serpente qualquer, ou um simples animal, mas uma personificação do próprio Satanás.

Em sete livros do Antigo Testamento e em dezenove do Novo, encontramos esta horrível serpente chamada o Diabo. Ocorre apenas uma vez no plural na Edição Revista e Corrigida (Dt 32.17): "...Sacrifícios ofereceram aos diabos". Seu nome é a transliteração do vocábulo grego da Septuaginta (LXX) "diabollos", expressão usada no singular, que significa "acusador" ou "caluniador" dependendo apenas do contexto (Ap 12.10); é aplicado nas Escrituras, exclusivamente a Satanás.

Ele é assim chamado em virtude de suas disposições hostis... opondo-se a Deus e aos homens. No sentido profundo da palavra, significa "caluniador" ou "difamador", porque tanto calunia a Deus (Gn 3.2), como aos homens (Jó 1.9; Ap 12.10). Ele, além de ser acusador dos irmãos, é também a "serpente sedutora", que primeiramente usou sua sabedoria

perversa para arrastar uma terça parte dos poderes angelicais para dentro de sua órbita (Ap 12.4). Em João 6.70, ele tem o sentido de um traidor.

A causa de sua queda. A causa principal da queda deste terrível ser, foi "orgulho", mas o ponto marcante no momento fatal, foi a "violência". Só Deus conhece e pode explicar a contento a origem do mal, e é ele que diz quando teve início o primeiro pecado na vida deste anjo das trevas: "...se encheu o teu interior de violência, (ouça agora!) e pecaste!" (Ez 28.16b). A partir deste momento ele faz cinco declarações oponentes contra a pessoa de Deus. Vejamos:

"...eu subirei ao céu" (Is 14.13). Nisto, que é o primeiro aspecto do pecado de Satanás, ele se propunha aparentemente a fazer sua habitação como ele mesmo declarou "...acima das estrelas (anjos) de Deus". Isto visava, não somente a uma oposição a Deus mas também a Jesus que, segundo nos é dito em Efésios 1.20,21, Deus ressuscitou a seu Filho, "...e pondo-o à sua direita nos céus. Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio...".

"...exaltarei o meu trono" (Is 14.13). Em Ezequiel 28.2, diz que ele queria se "assentar sobre a cadeira de Deus" e depois equiparar seu coração "...como se fora o coração de Deus" (Ez 28.6b). Era uma aspiração completamente errada, pois Deus lhe diz: "...tu és homem, e não Deus" (Ez 28.9). O leitor deve observar cuidadosamente cada detalhe e depois ver como as Escrituras são proféticas e se combinam entre si! Todas as declarações e ofensas deste inimigo, visavam também à pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo; ele queria por meio da força, se assentar no trono de Deus. Lugar este, reservado para seu amado Filho (cf. Ap 3.21; 12.5).

"...no monte da congregação [angelical?] me assentarei" (Is 14.13). Os eruditos divergem um pouco no que diz respeito aos dois vocábulos usados aqui: *monte e congregação*. O doutor L. S. Chafer, acha que, "o monte" é uma frase que evidentemente se refere ao lugar do governo divino na Terra (Is 2.1-4), e a referência à "congregação" é claramente a Israel. Para nós esta maneira de interpretação é bastante lógica, mas não se coaduna com a natureza do pensamento aqui esboçado, visto que, na possível data deste acontecimento, Israel nem sequer existia.

A maneira mais lógica de interpretar o texto deve ser, segundo o significado do pensamento: que o *monte* refere-se ao alto e sublime lugar

da habitação de Deus no Terceiro Céu (Ap 21.10) e a *congregação* sem dúvida, à assembleia dos seres angelicais (cf. Ec 3.15; Hb 8.5; 9.23; 12.22,23; Jd v.6).

"...subirei acima das mais altas nuvens" (Is 14.14a). O doutor F. C. Jennings acha que o significado desta arrogante declaração provavelmente se descobrirá no uso da palavra nuvens. Das mais de 150 referências às nuvens na Bíblia, 100 se relacionam com a presença e a glória divina. Portanto, com esta sua arrogância Satanás está procurando assegurar-se de algo que pertence a Deus somente. A glória de se assentar sobre uma nuvem. O Pai tem reservado exclusivamente para seu Filho e não para ele, o tentador (cf. Dn 7.13; Mt 24.30; At 1.9; 1 Ts 4.17; Ap 1.7; 14.14, etc).

"...serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14.14b). Esta, foi a quinta e última declaração arrogante do grande inimigo de Deus. Ela feria também, como já tivemos ocasião de ver nas outras declarações, a santidade e a posição elevada do Filho de Deus, que disse "ser igual ao Pai" (Jo 5.18). Deus agora responde. Vejamos no tópico seguinte deste argumento:

A resposta divina; tudo no passado: "fazia", "punha", "assolava", "deixava", "destruíste", "mataste", "e-ra", "foste", "estavas", "tu eras", etc. (Is 14.16,17; Ez 28.13-15). Esse terrível ser foi criado aparentemente, um dos querubins (Ez 28.14), e ungido para uma posição de grande autoridade, talvez sobre a primitiva criação de Deus, que incluía o Éden Mineral. (Cf. Gn 2.10-12; Ez 28.11-15), mas tornou-se em um grande dragão vermelho após a queda.

O quadro de Apocalipse 12.3, o descreve como tendo "sete cabeças e dez chifres". Isto pode ser já uma antecipação do que lemos em 13.2 do mesmo livro citado, onde o dragão deu à Besta, e aos dez reis escatológicos, seu poder, e seu trono, e grande poderio; é evidente, portanto, que a Besta e os dez reis, serão agentes do próprio Satanás durante o tempo sombrio da Grande Tribulação.

No capítulo 12 do Apocalipse, João descreve duas revoltas de Satanás: uma passada, outra futura. A primeira, deve estar em consonância com sua queda original, e a segunda, se dará durante o período da Grande Tribulação. Observemos, pois:

a) Em 12.4, João o descreve apresentando seu baixo caráter, isto é, ele o viu usando sua "cauda" para derribar com ela seus sequazes, e os lançou sobre a Terra. Assim, esta seção, apresenta um "segundo quadro" da revolta original de Satanás quando se rebelou contra Deus, porém, segundo se depreende, com as mesmas características do passado (Is 14.12 e ss; Ez 28.2 e ss). A causa de sua queda (pecado), foi a "violência" ocasionada pelo "orgulho" (Ez 28.15,16), quando ele disse em "seu coração": "Eu Subirei", então o pecado teve início!

Mas como "um abismo chama outro abismo" (SI 42.7), ele queria se assentar "sobre a cadeira de Deus" (Ez 28.2), e ser "semelhante ao Altíssimo" (Is 14.14). Chegou até a dizer: "Eu sou Deus" (Ez 28.2); seu desejo mortífero, era como ele mesmo disse: estabelecer seu trono na região setentrional (região norte) do céu (Is 14.13), mas foi frustrado o seu plano e ele com "grande ira" abriu uma "cisão" no exército celeste e, conquistou a "terça parte" dos anjos. Possivelmente, essa revolta original teve lugar na "região norte do céu" onde existe um "vazio" (cf. Jó 26.7 e Hb 8.5 e 9.23).

b) O outro quadro (escatológico), João o descreve como tendo lugar durante o tempo da angústia. Na primeira revolta, ele conseguiu conquistar os anjos "que não guardaram o seu principado" (Jd v.6), e os lançou no "espaço" (Ef 6.12). Nesta segunda investida, ele desejava reconquistar "seu lugar nos céus" (Ap 12.8), mas novamente é frustrado em seu plano e ele com "grande ira" usou novamente a sua "cauda". Esta é a parte mais perigosa do dragão, é como um grande cometa neste monstro (cf. Dn 8.10).

Assim Isaías 9.15 assemelha o profeta mentiroso a uma cauda, o poder e influência maligna de Satanás como mentiroso e enganador são semelhantemente descritos. Na simbologia profética das Escrituras Sagradas, isso também aponta seu "baixo caráter" (Dt 28.13; Is 9.15), sua influência daninha - "derribou um terço das estrelas do céu". Multidões que brilhavam no ordenado firmamento de Deus se tornam meteoritos carbonizados por causa do dragão. ('O Estas forças angelicais da maldade, agem atualmente na Terra e no espaço; porém, segundo se depreende de textos e contextos, durante o tempo sombrio da Grande Tribulação, eles passarão a agir diretamente na Terra e no mar (Ap 12.12 e ss).

O Dragão e seus nomes

O grande inimigo de Deus é visto por toda a Bíblia, e nos escritos judaicos, só em conexão com o mal. Os 25 (alguns acham que existem 40) nomes que lhe são atribuídos, representam em si mesmos, a personificação da maldade sempre em caráter supremo. Vejamos:

Diabo (Ap 12.9). Satanás (Ap 20.2). Dragão (Ap 12.3). O príncipe deste mundo (Jo 12.31). O príncipe das potestades do ar (Ef 2.2). O príncipe dos demônios (Mt 12.24). O rei dos terrores (Jó 18.14). O deus deste século (2 Co 4.4). De "ave do céu" no sentido enigmático (Mt 13.4,19). O tentador (Mt 4.3). O inimigo (Mt 13.39). O adversário (1 Pe 5.8). O anjo do abismo (Ap 9.11). A antiga serpente (Ap 12.9). Apoliom (Ap 9.11). Abadom (Ap 9.11). Estrela da manhã (Is 14.12). Esta palavra chegou até nós através da Vulgata Latina que traduziu o hebraico "hêbêl" (LXX -"heōsphoros") em Isaías 14.12 por "Lúcifer", literalmente este vocábulo significa "aquele que brilha" ou o "resplandecente". Então a ARA traduziu por a "estrela da manhã". A referência é aplicada ao rei de Babilônia e da inferência a Satanás (Is 14.12; Ez 28.13). O pai da mentira (Jo 8.44). O homicida (Jo 8.44). A mortalha (Is 14.19). O espanto (Ez 28.19). Belial (2 Co 6.15). Beelzebu (Mt 12.24). Querubim ungido (Ez 28.14). Querubim protetor (Ez 28.16). Estes dois títulos ele perdeu automaticamente após sua queda: observe a sentença: "tu eras" e não "tu és", como se ele ainda fosse (Ez 28.14). O leão rugidor (1 Pe 5.8). O anjo de luz (2 Co 11.14). O aferidor (Ez 28.12), etc.

O substantivo "diabollos" (formado de *dia*, "através de", e *ballōs*, "jogar") significa "jogar por cima ou através de". Então segue-se o significado de cada pensamento: "dividir", "semear contenda", "acusar", "fazer acusações", "caluniar", "informar", "rejeitar", "descrever".

Em Apocalipse 2.13, fala-se dele como contendo um trono no qual exerce poder, como se fora rei. Em seu centro de atividade nos mundos espirituais, ele é reconhecido como "potestade", "príncipe e hoste", isto é, chefe dos anjos maus.

Alguns comentaristas opinam que o personagem de Ezequiel 28 não é o próprio Satanás, e sim, o rei de Tiro. Literalmente falando: o monarca Itobal II.

Mas as evidências mostram que, não é Itobal II que aqui está em foco, e sim, o próprio Satanás. Vejamos:

Literalmente falando, nunca este monarca (Itobal II), de Tiro esteve no Éden, Jardim de Deus. Este monarca viveu no VI século a.C, e evidentemente, ele não podia estar no Éden mais de 3400 anos atrás. E além disso, parece que o "Éden, Jardim de Deus" mencionado em Ezequiel 28.13, era formoso por sua beleza mineral, ao passo que o de Adão, por sua beleza vegetal (cf. Gn 2.8-12; Ez 28.13-16). Na presente era ele é "príncipe das potestades (anjos do ar) (Ef 2.2); Seu trono, pode ser armado tanto na Terra (Ap 2.13), como no espaço (Ef 2.2; 6.12; Ap 12.7); ele exerce suas atividades em três esferas do Universo: na Terra (Ap 12.12), no espaço (Ef 2.2; Ap 12.7); e também no Mar (Ap 12.12 e 13.1). Seus agentes podem ser tanto humanos como anjos, dependendo do contexto!

Em Apocalipse 20.2-7, fala-se dele como sendo aprisionado, durante mil anos. Ele então, conforme descreve ali o texto, será agrilhado por expressa ordem de Deus, e lançado no abismo; ali ficará durante todo o governo de Cristo na Terra, e só depois será solto da sua prisão (Ap 20.7). O texto em foco claramente diz: "E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão". Dois pontos importantes devem ser aqui observados:

Primeiro: Muitos eruditos têm dificuldades em aceitar a prisão de Satanás no sentido literal; mas nós temos na Bíblia outras passagens falando de "...espíritos em prisão" (1 Pe 3.19; 2 Pe 2.4; Jd v.6; Ap 9.2,3,14). As algemas que o agrilhoarão são de fabricação divina. Não há, pois, razão para recusar o sentido literal da "cadeia" e "prisão" de Satanás, pois a palavra grega usada para *cadeia*, "hálu-sis", é a mesma usada nas passagens de Atos 12.7; 28.20; 2 Timóteo 1.16 (Nestle). Em todas estas passagens a significação é literal.

Segundo: Devemos observar que, além da chave e da corrente, haverá também alguma "espécie de selo" posto sobre ele, impedindo-o de encontrar espaço para qualquer movimento ou ação maléfica de sua pessoa. Este selo posto sobre Satanás o colocará como uma "múmia", o qual como "sombra" apenas em seu sentimento perverso se revolverá ao redor da prisão. Ele não comparecerá diante do Grande Trono Branco; talvez os seus sim (cf. 1 Co 6.3; Jd v.6; Ap 20.12). Jesus disse em seu imortal ensino: "Já o príncipe deste mundo está julgado" (Jo 16.11); após passar mil anos de prisão, depois "importa que seja solto, por um pouco de tempo", e como tentador, "...sairá" pelo mundo inteiro tentando, os convertidos da Era Milenar, alguns deles se tornarão suas presas. Assim, ele formará um

grande exército composto de anjos maus e homens pecadores, e seguirão em direção ao arraial dos santos e da cidade amada (Ap 20.7-9). No sentido profundo, a derrota das forças do mal é um ato divino. Eles terão (o diabo e seus súditos) armas suficientemente poderosas para aquela batalha final. Mas Deus mandará fogo destruidor dos céus, que os devorará) E a seguir vem a sentença divina sobre o grande inimigo: "E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre..." Este, será portanto, seu destino final!

O Diabo em relação ao mundo

"Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo" (Jo 12.31). Este vocábulo "mundo" ou seu equivalente, tem tanto no Antigo como no Novo Testamento, diversos significados e diferentes aplicações. Por exemplo: Em o Novo Testamento, a palavra ocorre por cerca de 187 vezes; destas, 41 vezes, querem dizer tempo e 14, um distrito habitado. Os lexicógrafos, porém, fazem distinção em cada significado do pensamento, tais como:

Primeiro: (Referindo-se à pessoa humana); "...Deus amou o mundo" (Jo 3.16); "...quando ele vier, convencerá o mundo" (Jo 16.8a), "...o mundo não te conheceu" (Jo 17.25); "...e todo o mundo seja condenável diante de Deus" (Rm 3.19b) e outras citações similares.

Segundo: (Referindo-se ao mundo físico): "...pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados" (Hb 11.3a); "...estando eu com eles no mundo" (Jo 17.12); "...Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo" (Ap 11.15) e outras citações similares.

Terceiro: (Referindo-se ao mundo espiritual das trevas): "...Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele" (1 Jo 2.15b); "...Sabemos que somos de Deus,e que todo o mundo está no maligno" (1 Jo 5.19); "...Já não falarei muito convosco; porque se aproxima o príncipe deste mundo" (Jo 14.30 e ss) e outras citações similares. Ora, isso significa que, existem três mundos: o de Deus (físico); o dos homens (humano) e o do Diabo (das trevas). Das 187 vezes que esta palavra ocorre no Novo Testamento, Cristo empregou o termo mais do que todos os outros juntos. A palavra aparece 68 vezes no Evangelho de João e 23 vezes na sua primeira Epístola. Cristo usou a

palavra "mundo" 41 vezes em seu Sermão do Cenáculo e 19 vezes em sua Oração sacerdotal.

Ora, em cada passagem do Evangelho de João, das 68 vezes onde a palavra ocorre, cerca de 50 vezes refere-se a um sistema de "ordens" onde, segundo se diz, Satanás exerce autoridade como se fora rei. Jesus por três vezes se refere a ele como "príncipe deste mundo". Também o reconheceu como tal, na tentação do deserto (Lc 4.5-7), onde Satanás lhe ofereceu "...todos os reinos do mundo", com a condição de que Jesus se prostrasse e o adorasse. Porém as Escrituras no que diz respeito a essa autoridade de Satanás, limita-o quanto ao "tempo e ao espaço". Vejamos:

Apenas: "...o príncipe 'deste' mundo" (Jo 14.30); "...o deus 'deste' século" (2 Co 4.4); "...Ai dos que habitam na Terra e no mar; porque o Diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que tem 'pouco' tempo" (Ap 12.12b, etc.) Isto significa que seu governo e autoridade um dia terminarão, e só continuará existindo o governo e autoridade divina. Eis a razão por que João escreve: "O mundo passa..." (1 Jo 2.17). É evidente também que com ele passará aquilo que nele é "aparente".

O Diabo possui um reino organizado

Este vasto reino das trevas centraliza sua estratégia contra a humanidade. Exitem algumas razões teológicas óbvias por que isto acontece assim. Partindo do sutil ataque a Adão e sua mulher onde sua forma sedutora aparece em cada detalhe. Observemos isso:

A tentação ocasionou o pecado. Essa tentação é também vista na face da sedução. A sedução é sempre querida e determinada por um inimigo que deseja o mal. Eva declara ter sido seduzida pela serpente maldita: ela então declara: "...A serpente me enganou" (Gn 3.13; 1 Tm 2.14). Primeiro a serpente fala para despertar o diálogo e depois vai induzindo à tentação por condições preliminares:

O primeiro passo - dado pela serpente. Primeiro ela lembra o fruto dizendo: "É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?". A pergunta lançou a mulher no campo da dúvida quanto ao amor de Deus e sua justiça, ampliando a proibição única e reduzindo as extensas permissões.

O segundo passo - dado pela mulher. A mulher replicou e debateu com o caluniador. Ela demonstrou haver compreendido as palavras de seu Criador em Gênesis 2.16,17; mesmo assim, ela foi enganada pela insinuante e sombria serpente (Gn 3.13; 2 Co 11.3; 1 Tm 2.14).

O terceiro passo - dado pela mulher. Ela falsificou um pouco a palavra de Deus, quando deixou de lado ("todas") e ("livremente"), substituindo-as com a frase "nem nele tocareis". Porém quanto a isso, ela não pecou, pois até então, não existia nenhuma lei que proibisse tal expressão, e, se a lei não existe também não existe a transgressão (Rm 4.15). A mulher também abrandou as palavras "certamente morrerás", para "que não morrais".

O quarto passo - dado pela serpente. Este consistiu em uma aberta negação do castigo devido ao pecado, e de acusar Deus de haver proferido mentira (Deus disse "certamente morrereis" - ela então modificou: "para que não morrais"). Também paralela a esta havia outra acusação. O caluniador acusou Deus de egoísmo, inveja e a firme resolução de degradar suas criaturas e dominá-las, quando usa as expressões: "Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal".

O quinto passo - dado pela mulher. Ela creu nas palavras do tentador. Ela viu que a árvore era boa, e cedeu à guisa de uma nova conquista (2 Co 11.3; 1 Tm 2.14). Ela bem podia ter resistido à sombria serpente "firme na fé". E, evidentemente ela teria fugido para seu reino de trevas (Tg 4.7).

O sexto passo - dado pela mulher. Obedecendo à voz do tentador, ela "tomou do seu fruto, e comeu" (Gn 3.6). A mulher cedeu, sendo enganada, e assim caiu em transgressão.

O sétimo passo - dado pela mulher. Ela agora segundo a narrativa, assume a "posição de tentadora". Ela "deu também a seu marido, e ele comeu com ela" (Gn 3.6). Adão porém, desobedeceu de olhos abertos. Ele não foi enganado (1 Tm 2.14); ele bem podia tê-lo recusado e ter procurado ajuda para si e para sua mulher. Isto é, perdão para ela e proteção para si mesmo. Ele, cabeça da raça, evitaria tamanha catástrofe sobre a humanidade (Rm 5.12,16 e ss).

Mas o objetivo de Satanás não terminou aí. A Bíblia diz que ele continua "enganando todo o mundo" (Ap 12.9; 20.3,8,10). E além disso, ele tem um reino organizado, onde seus agentes (os anjos maus) executam suas disposições hostis contra Deus e os homens. Estes seres espirituais também são muito estruturados, organizados e disciplinados. Ganhamos discernimento do fato pela menção desses inimigos que servem sob o controle de Satanás em vários dos elementos doutrinários das Escrituras.

No primeiro grupo sob suas ordens está o grupo dos comandantes chamados de principados ou príncipes. Eu 'creio como já tivemos ocasião de expor em outras notas que há diferentes níveis de autoridade entre esses príncipes. Somos esclarecidos quanto à sua operação e poder no incidente em Daniel 10.12-21, entre o mensageiro angélico de Deus enviado a falar a Daniel e o príncipe da Pérsia. Quando o mensageiro angelical finalmente chegou depois de um atraso de três semanas (21 dias), explicou que seu atraso fora devido à oposição do príncipe da Pérsia. Só depois que Miguel, o Arcanjo, veio lutar contra este príncipe opositor, o especial mensageiro da corte divina pôde completar sua viagem em missão até Daniel. Isto nos leva a entender que, a oração de Daniel subiu e Deus mandou a resposta imediatamente, mas foi interceptada no espaço por agentes de Satanás. Então foi necessário uma intervenção direta de Miguel, pois em qualquer circunstâncias é sempre ele que triunfa!

A Queda do Mundo Angelical

"Porque, se Deus não perdoou aos *anjos que pecaram*, mas havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo" (2 Pe 2.4). Sumariamente houve duas grandes quedas: a dos anjos e a do homem (Gn 3.1 e ss; 2 Pe 2.4; Jd v.6). Os anjos foram criados com a responsabilidade da determinação. Este foi o ideal divino representado por eles na criação. A possibilidade do mal não estava neles de maneira nenhuma como necessidade.

Afirmar que Deus poderia ter evitado a sua queda uma vez que tinha poder para fazê-lo, é dispor a vontade divina no governo contra a vontade divina na criação; contra a vontade divina representada na criação dos anjos. Eles foram feitos como deviam ter sido.

O pecado dos anjos. Para a imaginação humana, o presente assunto é difícil de ser elucidado, a não ser aquilo que se pode depreender dos textos e contextos que focalizam o significado do pensamento.

Billy Graham observa que a questão importante, porém, não é "Quando foram criados os anjos", mas "Quando caíram os anjos?" O Doutor Gerhart, citando Santo Agostinho, em seu *Institutes*, I, 670, diz: "Embora os anjos quando criados despertassem para a consciência em esta-

do de santidade e sem tentação alguma por solicitação externa, não obstante, receberam a incumbência de querer e fazer aquilo que faz parte da santidade. Como no caso do homem, Adão, parece que os anjos passaram por um período de prova.

"O amor de Deus por eles era o do Criador por sua criatura; mas eles tinham aquela liberdade de ação que é natural à responsabilidade angélica. Essa liberdade foi concedida ao primeiro homem mas com esta exceção importante: já havia em existência um reino do mal com suas solicitações externas e forçosas para o mal. Os anjos não foram desafiados por tal influência externa quando começaram a sua existência consciente. A multidão de anjos que pecaram sob a influência do primeiro anjo pecador fica imediatamente eliminada do problema. Eles caíram, cada um individualmente, mas pela força das influências que surgiram depois que experimentaram seu estado de santidade".

Quanto ao primeiro pecado cometido pelo primeiro anjo, seria bom notar que o aspecto metafísico da origem do mal é um problema em que os teólogos encontram certos pontos difíceis de entender e, com referência a ele, apenas certos aspectos dedutivos podem ser captados pela mente finita.

Mas segundo se depreende, há uma imaginação a ser seguida: Sob as condições existentes ali, qualquer caminho pelo qual o pecado avança era inexistente. Agressividade contra Deus era a única direção na qual tal ser poderia pecar. E, sem dúvida alguma, ela viria por meio do orgulho. Sobre esta verdade óbvia Hooker escreveu o que segue: "Parece, portanto, que não havia outro caminho para os anjos pecarem, a não ser pelo reflexo do seu entendimento de si mesmos; tomados de admiração de sua própria sublimidade e honra, a lembrança de sua subordinação a Deus e sua dependência dele ficou afogada em sua presunção; consequentemente, a adoração, o amor e a imitação de Deus, não puderam continuar existindo". Devemos ter em mente três pontos importantes no que diz respeito ao pecado original destes seres espirituais:

1. Muitos eruditos supõem que o pecado original dos anjos foi terem seguido a Satanás, em sua revolta quando tentou derrubar a Deus no passado (Is 14.12 e ss; Ez 28.2 e ss; Ap 2.4,7-9). Nesta interpretação não existe previsão de tempo e espaço; foi na eternidade. O poeta Dante calculou que a queda dos anjos rebeldes teve lugar vinte segundo após a

sua criação, originando-se do orgulho que tornou Lúcifer pouco disposto a esperar a época em que teria conhecimento. Mas isso é um tanto imaginário.

2. Os judeus tinham uma tradição da queda dos anjos com base no trecho de Gênesis 6.2, supondo que os espíritos angelicais desejaram mulheres humanas, e que lhes nasceram filhos (os tais gigantes da Terra). Assim, pois, o pecado dos anjos teria sido a "concupiscência" (1 Jo 2.16). Isto colocaria o pecado original dos anjos depois da queda do homem. Mas isso é um tanto improvável.

3. Outra possibilidade defendida por alguns se baseia no terceiro capítulo de Gênesis, onde se narra a história da tentação. Supostamente, os anjos, vinculados a Satanás, tornando-se corrompidos assim, por haver ele tentado o homem e sua mulher, e eles se tornaram subsequentemente, agentes da corrupção humana. Isso se prende, segundo este conceito, ao fato de que os anjos habitavam a esfera terrestre e, por causa do pecado de Adão que, como diz Paulo: "Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo..." (Rm 5.12a), evidentemente, esse pecado indiretamente atingiu os seres angélicos. A verdade da questão provavelmente, se assemelha à da primeira posição. Quanto ao tempo em que ocorreu a queda angelical, é difícil de ser analisado. Alguns acham que esta queda ocorreu muitíssimo tempo atrás, na eternidade. Outros opinam que se deu em Gênesis 1.8,31; 2.1-3; para isso invocam o fato de que, no segundo dia da criação, Deus não pronunciou a palavra "bom": exatamente no dia em que criou os ares (cf. Ef 2.2; Ap 16.17).

Os anjos dividem-se em dois grupos

Os anjos decaídos se dividem em dois grupos distintos: O primeiro grupo é composto daqueles que aderiram a Satanás quando se rebelou contra Deus (Is 14.12 e ss; Ez 28.2 e ss); esses anjos estão sob a esfera de seu domínio e conseqüentemente, não estão aprisionados (Ef 2.2; 6.12; Ap 12.7). Muitos e importantes textos paulinos falam dessas organizações do mundo angelical, usando as palavras: "autoridade", "potestades", "tronos", "principados" no sentido invisível específico de entes invisíveis. São tão numerosos que tornam o poder de Satanás muito extenso. Paulo diz em Colossenses 2.15, que nosso Senhor triunfou sobre estas hostes por meio de

sua morte e ressurreição. Veja: "E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo"; quando se faz necessário para distinção do significado do pensamento, a Bíblia distingue os anjos maus dos anjos bons da seguinte forma: "potestades do ar" (anjos decaídos) e "potestades nos céus" (anjos bons). Isto é muito interessante! (Ef 2.2; 3.10). Os tais anjos maus, são agentes maléficos e anjos guerreiros da ordem dos "principados".

O segundo grupo, prende-se aqueles anjos mais ferozes. Esses seres não pecaram por serem induzidos ou tentados, mas voluntariamente. Vejamos: "E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão, e em prisões eternas até o juízo daquele dia" (Jd v.6). O autor sagrado e outras fontes paralelas, dizem que algumas ordens angelicais caíram. Eles abandonaram o seu estado original. O lugar de honra, de bem-estar e do domínio que eles possuíam nos lugares celestiais, nas esferas espirituais da existência. Antes, tais anjos contavam com o favor divino, pois eram espiritualmente puros e tinham um poder inconcebível. Mas caíram. Isso sucedeu propositadamente. Fizeram uma louca escolha e má decisão. A sua má escolha pode-se ver em inferência nas palavras de Elifaz, o Tamanita, o amigo de Jó, "...e nos seus anjos encontra loucura" (Jó 4.18b). Esses não estão presentemente a serviço de Satanás, e sim, aprisionados por expressa ordem de Deus, em cadeias eternas, na escuridão exterior, esperando pelo julgamento do grande dia.

Só unicamente durante a Grande Tribulação, durante o toque da 5ª trombeta, eles ficarão por cinco meses sob o domínio total de Satanás, depois, certamente, voltarão a ser aprisionados e evidentemente comparecerão a Juízo (1 Co 6.3; 2 Pe 2.4; Jd v.6; Ap 20.12). Em Apocalipse 20.12 na palavra "grandes" e (anjos) e "pequenos" (homens) fica subentendido isso.

Em 1 Pedro 3.19, fala-se de "espíritos em prisão", os quais na época do dilúvio ouviram uma espécie de "evangelho da justiça", pregado por Noé, mas que não ouviram o "evangelho da graça de Deus" (1 Pe 3.20 e 4.6). Os poderosos de Assur (Assíria) com todo o seu ajuntamento (sete nações) também deviam estar ali, pois foram colocados "no mais interior da cova" (Ez 32.22 e ss). O lugar habitado por esses espíritos rebeldes, é chamado de "região tenebrosa e melancólica, onde se passa uma experiência consciente, porém triste e inativa" (2 Sm 22.6; SI 9.17).

Existe uma tradição entre os judeus que diz: "Originalmente, o poço do abismo era reputado como o lugar que abrigava 'os espíritos em prisão'; mas ali viviam apenas como sombras a vaguearem ao redor".

Alguns eruditos pensam que esses "espíritos" das passagens de Pedro (1 Pe 3.19 e 4.6) são anjos caídos, que são seres espirituais. O termo grego "pneuma" pode significar qualquer tipo de "espírito", ou a porção não-material do homem. Mas isso se prende, segundo se diz, na literatura judaica-helenista, que até advogavam a restauração de anjos caídos. Mas tanto o texto como o contexto de ambas as passagens, dizem respeito aos "espíritos humanos desen-corporados", e, especialmente, àqueles que foram rebeldes nos dias de Noé. Portanto, não devem ser anjos que estão em foco nestas passagens.

Os Demônios

Sua existência

Tanto o Antigo como o Novo Testamento falam na existência dos demônios. São outros seres espirituais do mundo tenebroso. No Antigo Testamento há referência aos demônios sob o nome "sã'ir" (Lv 17.7; 2 Cr 11.15) ou "shêdh" e seu equivalente (Dt 32.17; SI 106.37). O primeiro termo, "sã'ir" significa *cabeludo*, e aponta para o demônio como sátiro. O Senhor Jesus em vários de seus elementos doutrinários, falou da existência deles. Os profetas do Antigo Testamento e os escritores do Novo, comprovam a mesma realidade (Lv 17.7; SI 106.37; Mt 4.22; 8.16,28,33; 12.22; Mc 1.32; 5.15,16,18; Lc 6.18; 9.39; At 8.7; 16.16; 1 Co 10.20; Tg 2.19; Ap 16.14).

O significado do termo. Entre os gregos, a partir de Pitágoras (500 a.C.) tinha vários significados a palavra "demônios"; às vezes era considerado um deus, ou uma divindade no sentido geral; o gênio ou a fortuna. A alma de alguém que pertenceu à Idade de Ouro e que se tornara agora em divindade tutelar. Um deus de categoria inferior. A etimologia da Palavra "daimôn" se deriva de "doiomai", que traz a ideia de "dividir",

"partilhar". Pode haver alguma conexão com a ideia do deus dos mortos como sendo aquele que dividia os cadáveres, etc.

Sócrates, segundo Platão, tinha um espírito como seu mensageiro, que ele reputava como sendo um demônio. Dissuadia-o, mas nunca o aconselhava. Filo pensava que demônios tinham a mesma natureza que os anjos, só que os anjos se conservavam a certa distância da Terra e eram empregados de Deus como mensageiros. Evidentemente, Filo conservou isso do pensamento grego. Já F. Josefo empregava demônio, "daimonia", especialmente só para espíritos malignos.

Sua origem. Os demônios têm quádrupla origem nas interpretações bíblicas e judaicas:

Primeiro: espíritos da natureza, remanescentes da chamada concepção animista do mundo. A Bíblia só menciona os espíritos maus que povoam de preferência as regiões e lugares mal afamados, como os desertos, ruínas, e cemitérios (comparáveis a certos "djinnns" árabes); isso faz que sua natureza não se coadune com nenhuma outra natureza do mundo angelical: santo ou decaído.

Segundo: divindades pagãs rebaixadas ao nível de demônios, como Beelzebu ou como deuses do helenismo, que Paulo e os pais da Igreja comparam aos demônios.

Terceiro: espíritos maus de Satanás que, segundo esta interpretação, teriam sido rebaixados de anjos para demônios.

Quarto: anjos caídos num grande cataclismo, em Gênesis 1.2. Na passagem de Isaías 34.11-15, menciona-se uma espécie de sátiros peludos ("bodes"), em companhia de "lilit": (demônios femininos da noite) mochos, dragões, ou ouriços e corvos (Is 13.20 e ss) para pintar a desolação na qual Deus mergulhou a Babilônia. Mas isso, pelo menos não indica claramente a origem primeira dos demônios. Positivamente falando, só se conhece dos demônios, aquilo que é depreendido dos textos sagrados. Alguns comentadores os identificam com os anjos caídos, e por cuja razão fica esclarecido sua origem. Porém, outros defendem que apesar deles serem "espíritos", contudo, passagens como Atos 23.8,9, nos levam a entender que não são anjos. Para aqueles que defendem sua origem em Gênesis 1.1,2, deve-se ter em mente que, lendo 1.8 e 2.1-3, cai por terra a

hipótese da queda dos anjos em Gênesis 1.1,2; e também dos anjos terem sido os primitivos habitantes da Terra (2 Pe 2.4; Jd v.6). A palavra "habitação" ou "domicílio" (Edição Revista e Atualizada), não se refere à Terra quando se prende ao campo metafísico, e, sim, aos céus (Dt 26.15; 1 Rs 8.39,43,49; 2 Cr 5.2; Ap 14.4,8). Portanto, a origem dos demônios, fica quase que envolvida no mistério do mal (Dt 29.29). Porém isto não afasta a possibilidade de sua existência e realidade.

Sua natureza. Do princípio ao fim, as Escrituras comprovam a realidade do mundo dos espíritos, que tanto podem ser maus como bons. Os espíritos malignos têm influência sobre os homens, e procuram ocupar os seus corpos (cf. Mt 12.43,44; Mc 5.8). No que diz respeito à sua natureza são imundos (o que significa que tornam o indivíduo incapaz de entrar em contato com Deus, com o culto ao Senhor e com a adoração). Algumas vezes obstinados; com frequência são maldosos e violentos, e também perniciosos. O vocábulo grego que traduz seu nome, "daimôn", sempre se refere a seres espirituais hostis a Deus e aos homens. Sua inspiração sempre se limita a atos vis.

As passagens de Mateus 8.28,34; Marcos 5.2-13; Lucas 8.26-33 ilustram o significado do pensamento. Ali, os demônios usaram a voz do homem e o homem, tão identificado com a poderosa presença interior que lhe enchia o ser, falou por si mesmo diante da autoridade suprema do Filho de Deus e pelos demônios que o dominavam, incapaz de distinguir entre a sua própria personalidade e a personalidade e influência dos demônios.

Seu caráter. São seres imundos por natureza, violentos: nenhuma força humana os pode amansar (Mc 5.4). Seus lugares prediletos são os despenhadeiros, cemitérios, desertos, barrancos, etc. Infestam também os lugares sombrios da Terra (SI 68.6; Mc 5.5,13; Lc 11.4). Segundo a crença antiga, os sepulcros eram esconderijos de espíritos maus e os endemoninhados tinham uma tendência natural de ocupar esses lugares, uma vez que fossem expelidos da sociedade. Existem várias categorias entre eles; há uma casta semelhante a serpentes que se rastejam pelo chão (Mc 9.20), há uma outra casta que são "mudos e surdos" (Mc 9.25). Certamente eram tão maus e obstinados, que Deus lhes tirou o direito de ouvirem e falarem.

Há uma espécie "semelhante a rãs" (Ap. 16.13). Os de tal aparência, infestam os lugares "úmidos e enlameados" como poços, lagos e rios (Mt 8.32; Ap 9.2,3; 16.13). Essa espécie procura destruir suas vítimas pelo processo de afogamento (Mc 9.25). Mas também são seres rebeldes e revoltados, capazes de incitar à guerra. Em Apocalipse 16.13,14, encontramos o caráter destas hordas do mal! Veja o que descreve João:

"E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Porque são espíritos de *demônios*, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso". Três pontos importantes devem ser anotados aqui e cada um com significação especial.

Definição natural, definição específica e definição escatológica. Vejamos!

1. *Definição natural*. Para os especialistas, a rã é um animal "gnathostomata" - "tetrapoda" - "anphibia" - "batrachia" - "anura" - "faneroglosso" - da família "rani-dae". Cada um desses nomes arrevezados explica uma coisa.

Por exemplo: "gnathostomata" quer dizer que a rã tem mandíbula unida ao tórax; "tetrapoda", refere-se à que tem quatro patas; "anphibia", que leva duas vidas, uma aquática e outra terrestre; "batrachia", que possui brônquias no primeiro estágio da respiração aquática; "anura", que é sem rabo (rabo mesmo); "faneroglosso", que tem língua visível; e "ranidae", que é da família das rãs. A tou-ro-gigante (o nome vem do coaxar, que lembra o berro de um touro), a mais conhecida dos brasileiros e a única bem estudada nos Estados Unidos da América do Norte, é um animal de comportamento bastante estranho, como explica o ranicultor ALCIR D. LONGO: "ela tem sangue frio, quer dizer, não é como a gente; a temperatura do nosso corpo é constante (36 graus). A da rã (como de outros ani-112 mais de sangue frio) segue a do ambiente, estando sempre um grau positivo acima. Assim, num dia frio de 10 graus o corpo da rã estará com 11, num dia quente, de 35 graus, ela estará com 36. Quanto mais quente, melhor.

A rã se dá muito bem com o calor; quase tudo na rã (ou com a rã) é estranho! A rã depende vitalmente de água mas não bebe água. Veja!

Absorve a água e o oxigênio pela pele, de tal maneira que, se ficar exposta cinco horas seguidas ao sol, ela morre.

2. *Definição específica.* No frio intenso ela "hiberna"(entorpecimento ou sono letárgico de certos animais e vegetais, durante o inverno), reduz o metabolismo a quase "zero", só ficando aceso o coração.

Nesse tempo ela não dá as caras, não come, não cresce. Igual às cobras, a rã troca de pele; come seu próprio couro e como este é rico em ação antibiótica, garante-lhe muita resistência a doenças.

Existe mais um detalhe curioso na rã. Quando girino (forma larvas pisciformes, os anfíbios anuros), a rã não tem boca, só um biquinho sugador. Estranho! Ao ficar adulta, sua boca "vai de tímpano a tímpano" e lhe permite abocanhar de um golpe presas desproporcionais, como pinto de um dia de nascido, camundongo, peixe, pequenas cobras (ela come até cobra) e lagartos e até outra rã, às vezes quase do seu tamanho.

Ela não mastiga o alimento, engole-o direto. E usa a dentição rudimentar do maxilar superior somente para segurar mais firme a presa. A língua (nem se fala!) é um azougue, rapidíssima, principalmente para apanhar insetos em voo. Normalmente, a rã só se interessa por alimento vivo ou em movimento. A rã-touro, não tem instinto natural. Ela devora tanto girinos quanto rãs formadas, bastando apenas que não veja resistência.

Ainda duas outras curiosidades nestes seres estranhos e misteriosos: Parece que as rãs definem cores, e teriam mais preferência pelo azul (cor da bandeira nacional de Israel) do que pelo vermelho (cor da bandeira nacional das hordas asiáticas).

3. *Definição escatológica:* "...três espíritos imundos, semelhantes a rãs" (Ap 16.13). Esse elemento, envolve uma certa aparência daquilo que foi visto no Egito, em sua segunda praga: a das rãs (Ex 8.1 e ss). Vemos apenas três espíritos, mas demoníacos; eles explicam as grandes hordas de "rãs naturais", como equivalentes. A rã é um animal imundo conforme a lei cerimonial; é sinal de maldade!

O doutor Wim Malgo, declara o que segue: "Rãs, são estranhos seres anfíbios. Elas vivem tanto nas escuras e enlameadas profundezas, como em solo firme sob o sol. Elas podem ocultar a fantasia dos homens. Elas têm

membros semelhantes a eles. O que chama a atenção são seus olhos extremamente grandes e o volume desproporcional. Apenas os machos possuem instrumento vocal, e usam-no unicamente no famoso coaxar". A diferença entre o macho e a fêmea, para quem olha, está no tamanho do ouvido: no macho, é equivalente ao dobro do tamanho do olho; na fêmea, ouvido e olho são do mesmo tamanho. Muitas vezes elas surgem repentinamente das profundezas. Uma rã tem algo de misterioso e sinistro. Vejamos agora o alcance do argumento.

O zoroastrismo dividia os animais em duas categorias, bons e maus, mais ou menos como faziam os judeus, em limpos e imundos. A rã era um animal imundo. Portanto, estes três espíritos imundos que, são retratados aqui como sendo "espíritos de demônios", tal como suas fontes originais: o dragão e as suas duas Bestas, exemplificam sumariamente, o caráter dos espíritos imundos denominados demônios.

Os demônios são seres reais. Nisso se dá o fato de poderem ser contados (Lc 8.3); não gostam de andar só, mas em bandos e, às vezes, muitas companhias (Mc 16.9; Lc 11.26). Eles mesmos disseram: "Legião é o meu nome, porque somos muitos" (Mc 5.9b). Eles têm personalidade: falam, gritam, etc (Mt 8.31; Lc 8.28). Eles conhecem o Senhor Jesus e reconhecem a sua autoridade suprema (Mt 8.31,32), este fato nos faz lembrar a interessante passagem de Tiago 2.19: "...também os demônios creem, e estremecem". Eles reconheceram que Jesus era realmente aquilo que dizia ser (Mc 1.24; 3.11); mas isso quando aplicado na crença demoníaca não se define como reverenciando o caráter da santidade divina, mas, sim, eles reconheceram seu supremo poder pessoal. Por isso estremecem ! Rogaram a Jesus que os não enviassem para fora daquela província (Mc 5.10) que segundo o contexto de Lucas 8.31, isso queria dizer: não irem para o abismo. Têm pavor espantoso ao nome JESUS, pois para eles, quer dizer autoridade em grau supremo (Mc 16.17); são seres corrompedores da sã doutrina (1 Tm 4.1); seu líder espiritual é "um príncipe chamado Belzebu" (Lc 11.15).

Tornam as pessoas possesas. Mas isso não quer dizer que todas as perturbações psicossomáticas ou mentais sejam perturbações demoníacas. Há doenças que são meramente patológicas e psicossomáticas e, em algumas das vezes, por falta de discernimento e maturidade divina, se atribui a um demônio como seu equivalente. Jesus curou uma "...mulher

que tinha um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos" (Lc 13.11) que não era endemoninhada por três razões:

a) Jesus se dirigiu à mulher e não ao demônio como sempre fez em outras oportunidades (Mt 17.18; Mc 5.8, etc).

b) Jesus "...pôs as mãos sobre ela..." (v 13). O que nunca fez durante seu ministério terreno com endemoninhado algum. Uma única vez após curar um jovem endemoninhado, Jesus "...tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou" (Mc 9.27b). Mas no versículo 26 da mesma seção diz: "E ele (o demônio), clamando, e agitando-o com violência, saiu..." Isto, portanto, mostra que o moço já tinha sido liberto.

c) Jesus disse: "...esta filha de Abraão..." (Lc 13.16). Isto é, ela não era uma pecadora, e sim, uma crente conforme o padrão divino (Gl 3.7,9,29). Ora, segundo nos é dito e tem sido presenciado por nós na prática, quando o indivíduo se torna escravo do demônio, isso atinge sua vida e seus atos e mente. O doutor Nevius diz que existem cinco aspectos ou fases nas relações dos demônios com os homens. Mais na frente num trecho de seu livro: "Possessão Demoníaca e Temas Conexos" ele descreve estes aspectos. Vejamos:

Primeiro: Tentação, na forma de sugestão espiritual. Essa misteriosa influência, vinda de um mundo invisível, à qual tanto incrédulos como crentes estão continuamente expostos, é referida muitas vezes na Bíblia, especialmente no Novo Testamento (Ef 6.11,12; 1 Jo 4.1).

Segundo: Obsessão, que alguns consideram como a primeira fase da possessão demoníaca. Trata-se de domínio demoníaco que é resultado da entrega voluntária e habitual à tentação ou às tendências pecaminosas (Ef 4.17-19). Nesse caso, embora os indivíduos já estejam sob um horrendo domínio demoníaco, contudo são perfeitamente livres, seguem os ditames de suas próprias vontades, e retêm suas próprias personalidades.

Terceiro: Crise ou transição, a fase caracterizada por uma luta em torno da posse, quando o indivíduo resiste, algumas vezes é bem sucedido (Mt 15.22-28; Tg 4.7).

Quarto: Possessão, que com referência à pessoa, pode ser designada como sujeição e subserviência, e, com referência ao demônio, treinamento e desenvolvimento. Uma das principais características dessas fases é a

adição de uma nova personalidade. Somente às pessoas que chegaram a essa fase é que se aplica, apropriadamente, o termo "possessão" (Mc 9.17-27).

Quinto: Capacidade demoníaca, quando a pessoa já desenvolveu capacidades para ser usada, e se dispõe para isso. Já é escravo do demônio, treinado, acostumado, voluntário - na linguagem moderna, um "médium desenvolvido". Os demônios, em harmonia com sua natureza e seu caráter, estão continuamente ocupados em sua obra de subjugar homens para o serviço de Satanás, e de propagar tanto as enfermidades como a contaminação espiritual (1 Tm 4.1). Seu destino final: O Lago de Fogo.

Belzebu

"Mas alguns deles diziam: ele expulsa os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios" (Lc 11.15). Belzebu, príncipe dos demônios, é também um dos nomes de Satanás, mas, restritamente falando, o vocábulo significa "senhor das moscas" (2 Rs 1.2,3 e 6.16); mas aí aparece sob a forma substantiva indeclinável "ba'al zebüb": senhor deus de Ecrom. No sentido profundo, Bee zeboul deriva-se de ba'al zibbül, do Hebraico pós AT "zebel", '*estercó*', '*estrumes*.' Portanto, um nome, completamente desprezível. Os arameus, porém, o concebiam como sendo "o senhor da inimizade". No Novo Testamento, esta palavra ocorre 7 vezes com o sentido de um demônio principal. No Antigo Testamento, Belzebu é apresentado como sendo um deus filisteu que, segundo se diz, trouxe também influência no reino de Israel (cf. 2 Rs 1.2 e ss).

No Novo Testamento ele aparece como sendo "o príncipe dos demônios", cuja realidade os judeus conheciam. A sede do seu governo, centraliza-se na esfera onde habitam os demônios. Paulo fala em Efésios 6.12, em "príncipes" (plural); talvez ele seja um dos tais: sendo um elevado poder espiritual, é denominado chefe destas hostes demoníacas "semelhantes a rãs", que são espíritos raquíticos que se vão "secando" e pousando nos lugares imundos da Terra como fazem as moscas (Mc 9.18; Ap 16.13,14).

No Antigo Testamento, são chamados de demônios todos os deuses de Canaã. De igual modo são chamados ídolos no Novo Testamento (1 Co 10.14-21), por cuja razão Baal, sendo um ídolo principal, foi incorporado no Novo Testamento como nome profético de Belzebu. Na concepção dos

judeus desviados, o poder desse personagem podia ser invocado na cura da pessoa humana (2 Rs 1.3; Mc 3.22; Lc 11.15).

Belial

"E que concórdia há entre Cristo e Belial?..." (2 Co 6.15a). Esse vocábulo "Belial", é também um dos nomes de Satanás, mas em sua aplicação profética; o nome em hebraico é "beli ya'al", que significa "senhor da noite", enquanto que no campo moral, traz a idéia de "sem valor". Assim filhos de Belial seriam, pois, "homens levianos, de baixo caráter".

Nos escritos de Qunrã, Belial aparece com o nome do espírito maligno. Deus criou dois espíritos, segundo este conceito, o espírito da luz e o espírito ou anjo (o mensageiro) das trevas (Belial), sendo que os dois exercem seu poder no presente. Belial é o anjo da malevolência, que vive no coração dos seus seguidores, os "filhos das trevas". A Septuaginta (LXX) traduz a palavra "belial" como "inutilidade", "ímpio", "transgressor", "peste", etc. "Mas na literatura judaica pós-bíblica belial (em grego, "beliar") é o nome de um personagem, precisamente o Anticristo ou a encarnação do mal." Outros rabinos atribuem-lhe o significado: "mundo dos mortos" (1 Sm 22.5; SI 18.4), ou seja, local donde não se pode voltar, ou ainda como no contexto do argumento: "senhor da noite".

No Novo Testamento, este personagem era conhecido. Paulo, diz ser ele um "antagonista" de Cristo que, queria arrogar para si uma "comunhão paralela" com seus santos (2 Co 6.15); precisamente, ele ali é retratado como "um espírito de baixo caráter, infiltrador de vilania" (Jz 19.22-26). Os dois homens que acusaram Nabote, eram filhos de Belial (1 Rs 21.10,13). Aplica-se também este capítulo aos duzentos guerreiros de Davi (1 Sm 30.22); mas anteriormente, eles já tinham zombado de Saul (1 Sm 10.27). A arma mortal usada por Belial, parece ser o "desprezo".

A forma Belial aparece somente em alguns poucos manuscritos posteriores e nos manuscritos gregos. Não obstante, "Belial" é o texto grego original neste ponto, conforme lemos em P. 46, BCPL. Nos MSS latinos, da Vulgata, etc, Belial é a forma hebraica, ao passo que Beliar é a forma grega. O intercâmbio entre o ("L") e o ("R") é bastante comum em qualquer idioma, podendo ser ilustrado na língua portuguesa, em vários

países, onde o mesmo intercâmbio tem lugar. Talvez fosse mais fácil para os gregos pronunciarem a palavra com o "R" final do que o "L" final ou talvez tudo, pensam alguns, não tivesse passado de um desenvolvimento ao acaso no emprego dessa palavra.

Muitos eruditos veem neste personagem "Belial" uma reprodução do "Azazel" do livro de Levítico 16.8,10,26, etc.

Vem do termo "ãzâzel" (em nossa versão corrente, "bode emissário"), vocábulo que ocorre somente duas vezes na descrição sobre o dia da Expição (Lv 16.8,10,26). O doutor F. W. Grant discute o assunto em seu "The Numerical Bible" da seguinte forma: "Para o povo há dois bodes, e aqui também há diversidade, pois servem a fins distintos. Isto é dado detalhadamente, e carece de alguma explicação.

"Lançam-se sortes sobre os dois bodes para determinar seu destino. Um é 'para o Senhor', o outro 'para bode emissário'. Neste último a Versão Revisada, põe "para Azazel", invocando assim sua forma hebraica primitiva".!

O doutor A. Van Selme, D. D., Professor de Línguas Semíticas da Universidade de Pretória, faz quatro interpretações aqui:

1. A palavra denota o "bode emissário", e pode ser explicado como o bode 'êz' que se vai de 'azai'. Esta forma, na realidade é a mais antiga e a mais corrente, por ser também adotada pela LXX e pela VG Latina, que supõe o vocábulo "azazel" derivado da raiz azai, com o sentido de "afastar".

2. É usada como infinitivo, "a fim de remover": o árabe "azala" - *remover*. Isto segundo Van Selms, trazia a idéia do Salmo 103.12: "Quanto está longe o oriente do ocidente, assim afasta (remove) de nós as nossas transgressões".

3. A palavra "Azazel" significa então uma região solitária ou como dizem certas versões, "desolada" (cf. Lv 26.22). "Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitária; e enviará o bode ao deserto".

4. É o nome de um demônio solitário que vagava naquela região, derivado de "ãzaz", *ser forte*, e de "el", *deus*. No livro apócrifo de Enoque,

frequentemente, Azazel é mencionado como sendo um anjo caído. Mas essa idéia deve ter sido incorporada nele do próprio livro de Levítico.

Finalmente, a possível interpretação para Azazel do ritual, deve ser que o pecado, de maneira simbólica, foi removida do meio do arraial de Israel e levado para a região da morte (cf. Mq 7.19). Pois é impossível que um demônio cooperasse na remoção dos pecados de alguém. Isso contraria todo o argumento e natureza das Escrituras. E ainda mais, para aqueles que fazem um paralelismo entre Azazel e Belial, fica mais distante tal pensamento: "...que concórdia há entre Cristo e Belial?" Nenhuma! A possível interpretação natural é que as duas primeiras letras da palavra significam "bode" (êz), e que é um bode sobre o qual cai a sorte. O restante da palavra significa "ir embora" ou "partir" (azai), e isso é exatamente o que faz o bode. Ele realmente traz a idéia em si: "bode emissário".

Os Terafins

"Porque os terafins têm falado vaidade..." (Zc 10.2a). Além da presente citação, o vocábulo "terafim" ocorre nas seguintes passagens: Gênesis 31.19,30,32,34; 35.4, período patriarcal; Juízes 17.3,4,5; 18.14,17,18,20, período dos juízes; 1 Samuel 19.13,16; 2 Reis 23.24, período da monarquia e Oséias 3.4; Zacarias 10.2, período pós-exílio. A palavra tem sua origem na palavra hebraica "râphâ" que significa *curar* e seu cognato "târâph" que quer dizer *descompor*, trazendo o nosso sentido de "descompostos".

Quando estes seres são mencionados em contextos israelitas são quase sempre condenados (1 Sm 15.23; 2 Rs 23.24) ou indiretamente (Jz 17.6; Zc 10.2). Seu emprego, segundo se depreende, é mais comumente associado com a adivinhação: note-se o uso na estola sacerdotal e terafins na religião idólatra de Mica (Jz 17.5 e ss).

Os terafins, apesar de alguns comentaristas os terem identificado como sendo seres espirituais, as Escrituras, pelo menos não ensinam assim. Eles são portanto, seres inanimados. Houve, contudo, outros ídolos, que poderiam chamar-se de "deusinhos domésticos" e eles devem, portanto, ser identificados como sendo os tais terafins. A Arqueologia tem trazido duas importantes revelações sobre tais seres:

Primeiro: Por que Labão, o arameu (Gn 31.19 e ss) teria ficado tão ansioso acerca de seus deuses? "Na Lei (de Nuzu) a posseção de tais ídolos, pelo marido da mulher, assegurava-lhe a sucessão da propriedade de seu sogro". Evidentemente foi esta a causa da pressa de Labão quando não pôde recuperar os terafins assegurar os direitos de seus filhos mediante um novo acordo com Jacó (Gn 31.48-55).

Segundo: As escavações na Palestina nos revelam grande número de estatuetas de mulheres nuas e outras, o que nos faz crer terem sido esses "deuses domésticos" adorados por muito tempo pelos israelitas. Fica, portanto, esclarecido que os terafins não são seres vivos, mas uma espécie de imagem, que ora são chamados: "...de imagens" (Jz 17.5; 18.14); "...de fantasmas" (Ez 21.21 e ss) invocando o verbo "rephã" como o sufixo "im". No que diz respeito à sua forma exata, há no Antigo Testamento indicações sobre seu tamanho. Os ídolos (heb. terafins), que Raquel furtara de seu pai Labão, devem ter tido pequenas dimensões, pois ela os pôde esconder sob a sela de um camelo (Gn 31.19,34).

Já os terafins que Mical, filha de Saul, colocou na cama para fazer crer que era Davi seu marido (1 Sm 19.11-14), devem ter tido dimensões maiores. Portanto, seja como for, os terafins não são seres animados, vivos de uma ordem criada e, sim, fabricados. Os comentadores apenas acham dificuldades em conciliarem a passagem de Ezequiel 21.21, que diz: "...aguçará as suas frechas, consultará os terafins, atentando nas entranhas" e Zacarias 10.2, que diz: "Porque os terafins têm falado vaidade... etc". Ora, estes dois textos nos levam a entender que se trata de seres vivos e não mortos, mas isso não anula as outras passagens mais abundantes, tais como: Gênesis 31.19,30,32,34,35; 35.4; Juizes 17.3,4,5; 18.14,17,20; 1 Samuel 19.13,16; 2 Reis 23.24; Oséias 3.4 e outros contextos similares.

Os OVNI's

"... Haverá também coisas (espantosas), e grandes sinais do céu" (Lc 21.11b). A palavra grega para "sinal" é "semeion" derivada do hebraico "ôth" ou "môphêth", que significa "marca distintiva". Esta, por sua vez, trazia em si o significado de um fenômeno sobrenatural destinado a indicar ao observador uma verdade profunda. Já o termo grego para "céu" pode indicar três coisas - a atmosfera ao redor da terra, o espaço externo e o lugar em que habita Deus. Creio que desde que estas palavras foram

pronunciadas por Jesus já se começou a observar algumas das condições estranhas nos céus previstas por nosso Senhor Jesus Cristo. Um desses fenômenos são os Objetos Voadores não Identificados. Acreditamos que a origem deste fenômeno é algum tipo de ser estranho de grande inteligência e poder.

Segundo a Bíblia, um demônio ou mesmo um anjo decaído é uma personalidade espiritual em luta contra Deus. Antes, porém, de suas disposições hostis, opondo-se a Deus e aos homens, seus sintomas são sentidos ao nosso redor. No presente argumento, devemos ter presente vários elementos essenciais à fé e à razão, pois há coisas no mundo espiritual que nós não as entendemos, mas as aceitamos pelas luzes da fé e da razão natural (Hb 11.3,27). A fé e a razão natural se combinam entre si em cada detalhe! Com efeito, quando entramos no mundo invisível, como iremos fazê-lo agora, se faz necessário que estes dois elementos estejam presentes.

Quando tratamos do estudo dos Discos Voadores que, segundo se afirma, é negado por alguns respeitáveis cientistas e afirmado por outros, perguntamos: existe realmente tais seres chamados "Discos Voadores?".

Quem são eles? Alguns cristãos sinceros, cujas opiniões se baseiam numa forte adesão às Escrituras e a outros escritos paralelos, sustentam que esses estranhos OV-NIs são anjos. Mas serão mesmo? Outros, porém, são de opinião que de fato sejam anjos: mas anjos das trevas. Serão eles os possíveis pilotos da "força aérea espiritual" do Dragão que será utilizada pelo Anticristo durante seu reinado de terror? (Ap 13.2).

Certas passagens da Bíblia (especialmente em Isaías, Ezequiel, Zacarias, Lucas e Apocalipse), estabelecem paralelos similares para tais aparições dos misteriosos "Discos Voadores".

Identificação

A palavra comumente usada para identificação e classificação dos tais objetos não identificados é o vocábulo "disco". Em alguns casos, entretanto, não se fala em Discos Voadores, mas em Objetos Voadores não Identificados (Unidentified Flying Objects, segundo os americanos).

Esse termo é realmente muito mais apropriado. A designação de Disco Voador é oriunda de uma tradução do inglês "Flying Saucer" que traz

a idéia em si de "disco", "pires", "prato", etc. Segundo as opiniões dos cientistas, esta denominação inglesa de "Flyng Saucer" se originou de interpretação dada por um dos que primeiro presenciou o fenômeno e relatou o fato a um jornalista. Havia essa testemunha dito que os movimentos do objeto se assemelhavam às oscilações de um pires (saucer) imerso n'agua; por uma conjunção interpretativa, surgiu a denominação universal de Pires-Voadores, que generalizou-se com facilidade na falta de outra mais expressiva.

Atualmente, a imprensa mundial trata-os como sendo "Discos Voadores", ou, em algumas vezes, pela sigla OVNI's. Portanto, a designação mais adequada é a de Objetos Voadores não Identificados, já que nada se pode precisar cientificamente com segurança sobre sua natureza formal.

Forma Discoidal

Já tivemos ocasião de ver, na secção precedente, que a palavra mais comumente usada para identificação e descrição de tais seres é o vocábulo "disco". Mas isso se prende a tradução da expressão italiana que sugere a forma "discoidal", para facilidade de acoplamento no espaço. Algumas testemunhas fidedignas já os viram também com outro formato. O dr. Martin Gellff, perito em aerodinâmica na General Eletric, diz que na imaginação humana vem logo tal ideia em primeiro lugar, por várias razões:

Primeira: Algumas pessoas, que tiveram encontros com tais seres, os descreveram assim.

Segunda: A forma discoidal possui boa capacidade para funcionar em atmosfera densa, nas regiões de ar rarefeito e no espaço vazio.

Terceira: A forma discoidal é superior a todas concepções de asas rotativas, do ponto de vista da decolagem vertical, descida e cruzeiro.

Quarta: Entre a altitude de 270 Km dos aviões de reação de hoje e as órbitas de 320 Km e ss dos satélites que giram em volta da Terra, há uma região desconhecida; o disco é muito capaz de voar nesta zona de atmosfera rarefeita.

De acordo com as testemunhas entrevistadas em todo o mundo, afirma-se que existem dois tipos (tipo não é forma) completamente distintos de Discos Voadores:

Um charuto gigante

Uns teriam a aparência de um gigantesco charuto, sendo sempre encontrados a uma distância enorme do globo terrestre.

Um disco gigante

Os outros seriam pequenos (quer dizer, pequenos em relação aos primeiros mencionados), têm aparência arredondada, como de um prato ou mesmo de um disco; aproximam-se mais da superfície terrestre.

No que diz respeito a seus nomes, muitas siglas são usadas pelos cientistas, tais como: "OVNI - Objeto Voador não Identificado; UFO - Objeto Voador não Identificado; OVI - Objeto Voador Desconhecido; MOC - Objeto Celeste Misterioso".

Não é ilusão

Nem tudo - frisa o dr. Russo (diplomado pela Escola Politécnica da França, historiador, cientista e conselheiro do Centro Católico da Unesco) - é ilusão ou fraude. Temos que manter a nossa mente aberta para aceitarmos a existência de objetos que ainda não conseguimos identificar ou reconhecer. Todavia, sinto-me inquieto, pois a questão parece incitar uma curiosidade doentia no público. Não nego a existência dos UFOS, mas creio que o assunto deve ser cuidadosamente estudado.

Cientistas de todo o mundo têm indagado: "O que será tais objetos? De onde procedem?" As aspirações de tais objetos tão estranhos a cruzar os nossos céus, não podem ser levados à conta de simples alucinações. A personalidade das testemunhas e, especialmente, a concordância dos seus relatórios repelem a ideia da alucinação. De acordo com as comunicações divulgadas pela imprensa mundial, os Discos têm sido vistos no mundo inteiro e nas mais variadas condições.

Dentro deste imenso campo de declarações, várias opiniões foram formuladas a respeito desse fenômeno. Uns afirmaram ser balões de sondagem atmosférica, outros diziam que não passavam de miragem,

muitos julgavam ver nesses Discos Voadores subprodutos desconhecidos, resultantes de experiências atômicas.

O dr. Giorgio Abeti, professor de Astronomia da Universidade de Florença e diretor do Observatório de Arcetri, afirma que os objetos aparecidos em toda parte, não passam de "minúsculos planetas" que se deslocam rapidamente entre estrelas, deixando atrás de si uma esteira luminosa. Segundo ele, esses planetas em miniaturas podem perfeitamente aproximar-se da terra durante alguns dias, para desaparecerem de novo em circunstâncias misteriosas.

O dr. Max. Sussol, entretanto, pergunta: "Até aqui tudo bem (isto é, comentando a explicação feita pelo dr. Giorgio Abeti), o que não compreendemos é a sabedoria e sagacidade destes 'planetóides', pois sempre desaparecem enquanto são observados ou perseguidos. Estes seres (continua o dr. Max Sussol), com suas fugas sempre oportunas, confirmam que há neles, ou por trás deles uma inteligência a guiá-los". Portanto, conclui o dr. Sussol: "Não podem ser apenas objetos naturais e, sim, seres racionais, dotados de inteligência além da nossa imaginação".

Uma hipótese

A imaginação humana, levada pela febre que ocasiona a curiosidade científica e até fora dela, já pensou que tais Discos Voadores são "táxis siderais" que, segundo tal hipótese, teriam suas bases de pouso nos planetas Marte, Vénus e Júpiter.

Teologicamente falando, tal ideia não tem fundamento bíblico e cientificamente falando, a Ciência Aerodinâmica explica não ser também isso possível. Alguns comentadores de renome até pensaram nisso baseados na passagem de Obadias, versículo 4, que diz: "Se te elevares como águia, e puseres o teu ninho entre as estrelas, dali te derribarei, diz o Senhor". Estas Escrituras, entretanto, não nos autorizam a fazermos das estrelas campos de pouso para tais seres.

Com efeito, estes Discos Voadores não podem ser veículos naturais vindos de outras galáxias pelos motivos a seguir:

Velocidade

Um veículo que voasse a três mil quilômetros por hora gastaria uns dois anos para chegar, vindo de Vénus ou Marte. Para que isso fosse possível, era preciso que ambos os planetas estivessem em conjunção, isto é, entre o Sol e a Terra; se estivessem em oposição, com o Sol no 1/2, então gastaria doze anos pelo menos e outros tantos para voltar. Vindos de Júpiter levariam vinte e cinco anos, e se saíssem de lá quando a menor distância nos separa, na ida e volta gastariam cinquenta anos .

A velocidade só correspondida a que alguns têm calculado dentro dos limites sensíveis da sua visão: três mil quilômetros horários pode ser uma velocidade superior a tudo o que conhecemos na *nossa dinâmica*, mas não seria a velocidade necessária a tal empresa se ela existisse. Para vencer a força de gravidade e viajar livremente pelo espaço, qualquer aparelho que tente essa façanha precisa atingir 40.320 quilômetros por hora. Com essa velocidade chegariam à Terra em poucos dias, mas, teriam de enfrentar um outro problema:

Material

Nós não conhecemos ainda um material que resista a tão alta velocidade. Conhecê-lo-ão os habitantes destas dimensões mencionadas? Com que liga, ou metal, constroem esses Discos, se fossem possíveis tais máquinas naturais?

Suprimento

Esses hipotéticos espiões do espaço devem transportar víveres e combustíveis para quatro anos pelo menos. Que combustível usarão? Atômico? perguntaram os cientistas do espaço. De acordo com esta pesquisa, isto é, para admitir a possibilidade que tais seres são máquinas naturais procedentes de outros planetas, surge novamente a pergunta: De que se alimentam esses seres? Que líquido bebem? Se tivessem de alimentar-se como nós, teriam de transportar mais de uma tonelada de alimentos por tripulante e por ano de vôo.

Direção

Todas as figuras que desses "discos" nos tem sido apresentadas são redondas. Um disco só pode locomover-se girando sobre seu eixo, o que o obrigará a movimentar-se em grande círculo. Para levá-los a um lugar

definido, necessariamente, precisa-se de um leme, coisa que até agora ninguém imaginou em colocar-lhes.

Não há possibilidade

Se a ciência nos afirma a impossibilidade da existência desses "piratas do espaço" (quando vistos do ponto de vista natural - se fosse o caso), teologicamente, também, não podemos pensar em tais veículos que nos visitam, mesmo que fossem tripulados por seres bondosos que pertençam a uma "terceira espécie". Que desejo, então, teriam de manter relações comerciais, políticas ou eugênicas conosco? Pensar numa coisa destas seria admitir que nesses mundos existem os mesmos males que vemos na Terra. Mas, humanamente falando, é afastada qualquer possibilidade de habitantes naturais em outros planetas.

Habitantes de outros planetas?

Tal hipótese, conforme era difundida pelos antigos povos, não encontra respaldo bíblico ou mesmo científico. Se os habitantes de outros planetas são realmente felizes, como eles afirmavam, não podem invadir a Terra para se fixarem aqui, como ensina a fantasia dos que acreditam ser os Discos Voadores provenientes de outros planetas povoados. Se vêm aqui para conquistar a Terra é prova de que por isso não são tão felizes como os tais profetas nos fazem crer; ou se o são, também seriam bem mais curiosos do que nós. O que certamente seria contrário à revelação da Palavra de Deus. Se realmente esses aparelhos são veículos naturais de outros mundos, então teremos que *rever* toda a nossa Ciência física e teológica, uma vez que esses "discos" fossem vindos de qualquer planeta do nosso sistema ou de outro, deitariam por terra as afirmações de toda a Ciência e até da Religião. O que é impossível!

O reverendo Francis Cannel, reitor da Universidade Católica de Teologia de Washington, comentando o aparecimento dos Discos Voadores, foi forçado a apresentar o velho ponto de vista que a Teologia Liberal tem quanto à pluralidade dos mundos habitados. O reverendo esclarece que esses habitantes extraterrenos não são precisamente filhos de Adão e Eva.

Se fossem, afirma ele. tudo seria tremendamente complicado no Universo inteiro. Para aclarar porém, a existência de seres (tais como anjos

e demônios) que habitam noutra dimensão, lançou quatro hipóteses e somente uma delas corresponde à verdadeira realidade teológica. As outras três varreriam a Deus do mundo da natureza e nos deixariam em eterna confusão.

1. "Os seres dos outros mundos receberam de Deus um 'destino', do mesmo modo que Adão e Eva, antes do pecado. Por ocasião da sua criação foram dotados de qualidades sobrenaturais, como, por exemplo, a imortalidade do corpo e um espírito puro (essa afirmação não é do autor: É do sr. F. Cannel). Mas como Adão e Eva pecaram, e eles perderam os atributos naturais. Seria o problema (segundo essa teoria) dos seres humanos transplantados puros e simplesmente para os outros planetas. De ser isto possível, faria contradizer a harmonia de todo o universo".

2. "As criaturas extraterrenas foram criadas por Deus em estado de 'natureza', o que quer dizer, com a diferença de Adão e Eva antes do pecado, sem nenhuma das atribuições sobrenaturais contidas na primeira hipótese.

"Depois de sua morte conheceriam a felicidade eterna, sem, todavia, terem a possibilidade de ver a Deus face a face (essa teoria é um tanto absurda). Seria uma tremenda injustiça e absurdo maior ainda, pelos motivos a seguir:

"Primeiro: Esses seres teriam de morrer sem ter pecado? Nenhuma teologia aceita semelhante resultado;

"Segundo: Depois da ressurreição esses seres teriam de fixar toda a eternidade esperando ver o autor da 'felicidade' que gozavam e jamais o poderiam ver. Seria esse estado feliz?" Pergunta o dr. Francis Cannel em seu argumentei;

3. "Esses seres extraterrenos recebem os mesmos dons sobrenaturais que Adão e Eva, mas não pecaram. Vivem em condições paradisíacas e podem muito bem ter dominado todas as ciências há muito tempo. É razoável supor que estão muito adiantados sobre nós e as viagens interplanetárias não lhes apresentam nenhum problema. Se considerarmos de que dispõem, como Adão e Eva antes do pecado, da imortalidade do corpo, é absolutamente inútil atacá-los com nossas armas ou aviões a jato.

Também seria razoável pensar que sendo puros, nada tenham contra nós e sua intenção seja a melhor possível;

4. "O reverendo admite implicitamente que não devemos depositar confiança (no sentido de nossa integridade) nesses seres vindos do mundo além, porque pode tratar-se de seres racionais que pecaram contra Deus e perderam a sua graça, ficando sem a possibilidade de redenção".

Este ponto de vista, portanto, deve ser exatamente aquele que se harmoniza com a natureza dos tais Discos Voadores e do pensamento das Escrituras, pois, como sabemos, jamais suas aparições trouxeram benefícios para aqueles seres por eles visitados.

Os primeiros a serem vistos

Os ufologistas têm fixado diversas datas para o aparecimento do "primeiro Disco Voador". Sendo que, segundo se afirma, o maior e talvez o primeiro Disco Voador que a História Mundial nos apresenta apareceu cerca de 1034 de nossa era nos céus da China. Era um verdadeiro Disco, maior que as estrelas e tão brilhante que chegava a ser visível durante o dia. Ficou ali alguns dias; depois desapareceu rapidamente como tinha chegado.

Assustou todo o povo, que lhe deu a interpretação mais chegada à mentalidade daqueles tempos. Nos céus do Brasil por exemplo, o primeiro aparecimento destes seres estranhos já tem mais de 100 anos, pois data de 1846. Foi o capitão de fragata Augusto Leverger, quem presenciou o fenômeno numa viagem entre Cuiabá (Capital do Estado de Mato Grosso) e Assunção (Capital Federal da República Paraguaia) e o descreveu na GAZETA OFICIAL de novembro de 1987. A narração completa, entretanto, só foi transcrita no JORNAL DO COMÉRCIO de 7/9/1922.

Em todos os séculos, observaram-se fenômenos estranhos no céu, às vezes parecidos com discos, outras vezes com o que hoje chamamos de charuto, ou com outros objetos. Porém, é evidente que essas aparições eram observadas paulatinamente e não incessantemente como na época atual.

Por tal razão frisa o dr. F. Biraour: "O caso multiplicado por um grande número gera a certeza". Em nossos dias os casos de Discos Voadores são tão frequentes por todas as partes que Michel Corrouges (1963), a propósito da "vaga" que tocou a França, em setembro e outubro de 1954, "vaga" que foi caracterizada pelas observações de inúmeras

aterragens, faz o seguinte comentário: "Parece normal que os pilotos de discos se tenham aproximado, cada vez mais da Terra e até das cidades e dos habitantes para os observar de mais perto". Grandes "vagas" destes seres desconhecidos têm chegado até nós. Se fôssemos anotar estas aparições, formaríamos, sem dúvida, uma lista interminável.

As "vagas".

Chama-se "vaga" ao recrudescimento notório das observações de OVNI's. Só nos apercebemos destes fenômenos pela multiplicação inusitada dos relatórios. Mas precisamente, as "vagas" são constituídas pelo maior número de relatórios de observação que não puderam ser explicados em termos naturais ou convencionais. Os homens sempre davam a esses objetos desconhecidos nomes conforme sua semelhança com os objetos conhecidos na terra. E conforme as diferentes crenças e opiniões dos vários povos. Também deram a tais fenômenos celestes explicações 130 que lhes pareciam mais verossímeis. A Bíblia, se estudada cuidadosamente, revela qual a origem e natureza dos tais fenômenos (cf. Is 34.16). Há dois mil anos atrás, por exemplo, apareceram corpos semelhantes aos Discos Voadores de hoje, nos céus do antigo Império Romano.

Dois dos maiores sábios e escritores de então, Plínio e Sêneca, descreveram-nos em seus livros, conforme relata o periódico do Vaticano LATINITAS. Naquele tempo, não os chamaram Discos Voadores, mas Escudos Voadores.

Segundo os testemunhos obtidos da Imprensa Mundial, a partir de 9/2/1978, dia-a-dia avistam-se em todo o mundo objetos voadores não identificados que foram denominados UFOS, famosos a cerca de 30 (para outros 100) anos, tendo seu "boom" a partir do ano citado. Os testemunhos mais vívidos, entretanto, só tiveram seus pontos sistematizados a partir de 1947 - ano em que Kenneth Arnold alegou ter sido quase destruído em 26/7/1947, perto do monte Rainier, em Washington, USA, por um Objeto Voador de vidros iluminados, que passou raspando seu avião e que tinha a forma de um pires - afirma o piloto acima citado.

De acordo também com as informações das testemunhas, os ocupantes de tais aparelhos são descritos assim: "Todos tinham cabelos longos e soltos, olhos brilhantes, grandes e arredondados, etc". Há uma outra descrição que os descrevem assim: "Estes Discos Voadores são

tripulados por minúsculas criaturas, menos altas de estatura do que a maioria dos habitantes do pequeno planeta de onde provém. Medem, em geral, *30 centímetros* de altura. São assim, fisicamente, porque não precisam de corpos grandes. Porque não precisam de usar o esforço físico. Bastam-lhes pequenos corpos" - Conclui o relatório.

À luz da Bíblia quem são eles?

Com efeito, os anjos e os demônios maus sempre estiveram ativos no mundo desde o raiar da História da Humanidade; mas, quando tiveram oportunidade, tornaram-se mais ativos de vez em quando.

A presença do Senhor da glória no mundo, o seu Criador e Aquele contra o qual eles se rebelaram no passado, como já tivemos ocasião de ver em uma outra secção deste livro, parece que despertou uma manifestação de oposição até então desconhecida. Até o próprio Satanás, depois de tentar por três vezes o Filho de Deus para que se tornasse independente do Pai, cuja vontade Ele veio realizar, esperando assim levá-lo a participar da mentira, abandonou o Salvador apenas nestas condições: "E, acabando o diabo toda a tentação, ausentou-se dele por *algum tempo*" (Lc 4.13).

O combate final aconteceu na Cruz onde foi esmagada a cabeça daquele que, segundo a predição, teve permissão de ferir "o calcanhar" do Salvador prometido (Gn 3.15). Devemos, portanto, ter em mente que o mundo espiritual, especialmente o mundo das trevas, aumentará seu potencial assustadoramente.

Um aumento semelhante de atividade dos demônios foi predito para o final desta dispensação e na Grande Tribulação; isso se dará em grau supremo (2 Ts 2.2; Ap 9.1 e ss). Tudo isso alcançará a sua consumação suprema quando Satanás e seus sequazes forem expulsos dos lugares siderais que agora ocupam e ficarem confinados à Terra. Então será pronunciado o destino da terra e do mar e uma alegria será ouvida no Céu (Ap 12.12).

Em nossos dias todos sabem que uma onda negra de encantamentos, magias e espiritismo em todas formas tem invadido o mundo. Nos dias do poderoso caçador, em oposição à face do Senhor, Ninrode, já se começou a sentir-se esta influência daninha entre a humanidade. Babilônia nasceu quando Ninrode (cujo nome significa "nós nos revoltaremos"), que foi o

primeiro "poder mundial", edificou a cidade na Planície de Sinear, com o objetivo de construir seu império (Gn 10.8-10).

A expressão referente a Ninrode "este começou a ser poderoso na terra" define, provavelmente, o estabelecimento de um primeiro Estado organizado autocraticamente. Babel, conhecida popularmente como Babilônia, e cuja existência histórica é indubitavelmente comprovada, foi o centro do poder autocrático de Ninrode. A imposição do seu poder sobre outros povos cujos membros devem ter afluído à Babilônia, quer livremente, quer como escravos, originou o episódio referente à torre de Babel, símbolo do primeiro centro de ocultismo mundial. O autor sagrado (Moisés) dá uma explicação popular do nome Babel, que é a capital das cidades com torres: o nome Babel com sentido de *confusão* está aproximado, em razão da raiz "balai", que significa "confundir". Na realidade Babel, etimologicamente vindo do acádico, significa "porta de Deus" "Bâb-ili" (Babilônia provém do plural "bâb-ilâni", porta dos deuses).

A esposa deste monarca rebelde chamava-se Semíra-mis, figura bastante conhecida na história secular, uma prostituta. "Quando seu marido foi assassinado, ela assumiu a posição de imperatriz do governo. Para manter-se no poder... ela criou um mito ao redor da figura do seu marido, Ninrode, atribuindo-lhe o nome de Zoroastrita, que quer dizer "A semente da mulher". A partir daí, tudo quanto está ligado direta ou indiretamente a Babilônia e seus derivados, é sempre ligado ao ocultismo, magia, espiritismo, etc.

Lendo o livro do profeta Daniel, já percebemos como estes poderes do mundo invisível predominavam. As palavras "...magos, astrólogos, encantadores e caldeus" já eram proeminentes (cf. Dn 2.2 e ss). De acordo com o professor de línguas semíticas, estas palavras traziam em si os seguintes resultados:

Os magos. Esta primeira classe, traduzida por "magos", significa os escribas sagrados - uma ordem de sábios que tinham a seu cargo os escritos sacros, que vieram passando de mão em mão desde o tempo da Torre de Babel.

Algumas literaturas, das mais primitivas que se conhecem na terra, eram constituídas desses livros de magia, astrologia, feitiçaria, etc (Cf. At 19.19).

Os encantadores. A outra palavra é "encantador", e significa murmurador de palavras - de onde vem "esconjurar", "exorcismar". Eram encantadores que usavam fórmulas mágicas, atuadas por espíritos médiuns. Simão, o mágico, de Samaria, e Elimas, o "encantador", da Ilha de Pafos, pertenciam a essa classe (cf. At 8.9; 13.8). Esses "escravos da iniquidade" usavam até cantarolas, em som baixo, e o profeta Isaías informa que neste momento os espíritos se apresentavam falando fraco de "debaixo da terra" (Is 29.4).

Os feiticeiros. Este terceiro grupo é dos denominados "feiticeiros"; eram dados à magia negra. A mesma palavra emprega-se a respeito dos encantadores egípcios Janes e Jambres que resistiram a Moisés na corte de Faraó (Êx 7.11; 2 Tm 3.8). Por magia negra, reproduziram vários milagres operados por Moisés naquele país. Só depois é que Deus capacitou Moisés para realizar milagres que eles não puderam reproduzir e assim fracassaram diante do supremo poder pessoal de Deus (Êx 8.28,29).

Os caldeus. A última palavra, "caldeus", denominava a casta sacerdotal deles todos; onde se vê a palavra "caldeu" (menos a exceção dos nascidos na Caldeia) pode-se traduzir igualmente por "astrólogo". Vários lingüistas de renome concordam unanimemente neste ponto, a saber, que os caldeus estudavam o dia do nascimento de uma pessoa, indagando até a hora, então lançavam o horóscopo do seu destino. A prática foi levada para Roma, onde os Césares consultavam os águers (peritos em magia negra, espiritismo e astrologia).

Nos dias de Jesus na terra, a prática tinha se desenvolvido em toda a Ásia Menor (hoje, atual porção da Turquia Asiática) e, atualmente, tem-se proliferado no mundo inteiro. Com efeito, esta linha da atividade demoníaca se vê no mais Ismo da raça humana, que a Bíblia chama de posse de "espíritos familiares". Atualmente, tem sido apropriadamente chamado de espiritismo. É demonismo na Bíblia que os condena (cf. Lv 20.6-27; Dt 18.11-14; Is 8.19, etc).

A apostasia nos últimos tempos

"Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios" (2 Tm 4.1).

Na passagem em foco, Paulo diz que "nos últimos tempos apostatarão alguns da fé..." Esta expressão no grego do Novo Testamento significa "levar à revolta", "desviar"; quando usado o verbo "aphistemi", na voz transitiva, significa "afastar-se", "retirar-se", "apostatar", etc. Este verbo significa rejeitar uma posição anterior, aderindo a posição diferente e contraditória à primeira; perder a primeira fé, repelindo-a em favor de outra crença; Paulo afirma que isso pode se dar, motivado por espíritos malignos cuja atividade consiste em enganar aos homens, desviando-lhes a atenção para longe de Cristo.

Era uma ideia muito comum, no judaísmo, que por detrás das práticas idólatras havia espíritos enganadores, que prejudicavam os homens, no relacionamento com o verdadeiro Deus e a verdadeira adoração.

Esta deve ser uma das razões por que, na atualidade, já existe, tantas fórmulas de engano. De acordo com o dr. C. Larkin (em O Mundo Espiritual), uma condenação incondicional de Deus repousa sobre o espiritismo. Sua isca, através da qual ele atrai os que estão à sua disposição, é o interesse natural que a mente humana tem naquilo que está além da presente esfera da vida; especialmente este interesse se reanima quando alguém da família morre.

Um sinal dos tempos. Nos últimos dias este sistema antigo tem-se reanimado sob o disfarce de investigação e sob o patrocínio dos homens da ciência falsa (cf. 1 Tm 6.20). Um afastamento especial da fé foi predito para os últimos dias da Igreja na terra, como bem podemos detectar nas palavras do Espírito Santo que foram escritas por Paulo: "O Espírito expressamente diz...". O grego nesta passagem diz "lego", que significa "falar", "dizer", "afirmar", etc. Este verbo é a palavra cognata de "retor", que significa "orador", aquele que discursa em público. O Espírito falava claramente, com autoridade, à maneira de um orador. Não podia haver dúvidas quanto ao que Ele queria dizer. O afastamento da verdade revelada sem dúvida se apresentará de múltiplas maneiras. As doutrinas dos demônios com suas seduções, também foram determinadas para o mesmo

período. A abolição do casamento que foi mencionada nada é que a destruição daquilo que Deus ordenou solenemente. Além de tudo isto, a verdade que existe por trás da adoração aos ídolos encontra-se declarada em 1 Coríntios 10.19-20: "Mas que digo? Que o ídolo é alguma coisa? Ou que o sacrificado ao ídolo é alguma coisa?"

Antes digo que as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios, e não a Deus. E não quero que sejais participantes com os demônios".

A questão. A questão ainda levantada, direcionada a possessão demoníaca, ainda hoje prevalece. Evidentemente, respondemos que sim! Mas isso se prende a uma manifestação demoníaca dentro (ou processada) na esfera humana aqui na terra. No caso dos misteriosos Discos Voadores, porém, podemos racionalmente concluir que eles (os tais seres), são pilotados por anjos e demônios do reino de Satanás. Os tais, como seu monarca, estão adaptando o seu modo de agir à luz deste século e de acordo com o lugar. Paulo declara que "...o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz..." e "...que os seus ministros se transfigurem..." também (2 Co 11.14,15). Portanto, Paulo diz: "Não ignoramos os seus ardis" (2 Co 2.11b).

Acreditamos ainda, embora a Bíblia não lance maiores luzes sobre isso, que, segundo os testemunhos vindos até nós por pessoas gabaritadas, possivelmente haja duas classes de Discos Voadores: Uma nave maior e outra menor. Deduzimos também que as naves maiores sejam dirigidas por anjos caídos, visto que pertença a uma ordem superior aos demônios, e que as menores sejam dirigidas por demônios que agem sob a inteira direção de Satanás. Uma coisa posso afirmar: os tais seres não são enviados de Deus! (cf Tg 1.17).

Seres rebaixados

As Escrituras nos levam a entender que os demônios já pertenceram a classe angelical no passado. Porém, tudo indica que, na punição imposta pelo Criador, tiveram sua posição rebaixada para uma segunda categoria. Eles são "espíritos", mas não são "anjos" (At 23.9). Por esta razão, eles não são portadores de corpos na ordem espiritual, e seu maior anseio (desejo ardente) é a possessão de um corpo. Eles sempre têm em si tal tendência. Eles são constantemente encontrados assim. Especialmente no Novo Testamento. "E os demônios rogaram-lhe, dizendo: Se nos expulsas, permite-

nos que entremos naquela manada de porcos. E ele lhes disse: Ide. E, saindo eles, se *introduziram* na manada dos porcos..." (Mt 8.31-32a). Está evidente que eles não estão agora menos inclinados do que antes a entrar em um corpo e dominá-lo. A influência demoníaca, tal como a atividade de Satanás no presente século, tem duas motivações:

- a) Atrapalhar o propósito de Deus para com a humanidade;
- b) Estender a autoridade de Satanás onde for possível.

Sua motivação foi sugerida no que ficou demonstrado no seu conhecimento da autoridade e divindade de Cristo, como pelo que sabem sobre o seu destino eterno. As passagens abaixo são importantes em relação a isso, para que o leitor tenha maior compreensão do significado do pensamento: "E, tendo chegado à outra banda, à província dos gergesenos (gadarenos), saíram-lhe ao encontro (de Jesus) dois endemoninhados, vindos dos sepulcros; tão ferozes eram que ninguém podia passar por aquele caminho. E eis que clamaram, dizendo: que temos nós contigo, Jesus Filho de Deus? Vieste aqui (do céu?) atormentar-nos antes de tempo?" (Mt 8.28,29). "E estava na sinagoga deles um homem com um espírito imundo, o qual exclamou, dizendo: Ah! que temos contigo, Jesus nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus" (Mc 1.23-24).

"Respondendo, porém, o espírito maligno, disse: conheço a Jesus, e bem sei quem é Paulo; mas vós quem sois?" (At 19.15). Nossa opinião de que os Discos Voadores não sejam armas de Deus, prende-se ao fato de que jamais suas aparições ou visitas trouxeram benefícios ou ajuda a qualquer pessoa ou até mesmo a objetos por eles visitados. Seus resultados visíveis em pessoas, objetos, animais, água, floresta, solo, ar, etc, sempre têm produzido efeitos nocivos; daí vem a dedução de que não sejam agentes de Deus como são os anjos bons, cuja missão e natureza é: "...espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação" (Hb 1.14b), e, sim, agentes do Dragão Vermelho que, durante o reinado sombrio do Anticristo, serão utilizados em suas conquistas. Das mais de 140 formas que já foram presenciadas por testemunhas em todo o mundo, todas elas, sem exceção, inspiram "cisma" e "extremo terror".

O Anticristo, o homem do pecado, sabe que Deus dispõe de uma força angelical de combate (SI 68.17; Ap 12.7), a qual será colocada à disposição de seu Ungido, e até nisso ele procurará a imitar Cristo, o Ungido do Senhor, e, segundo vaticínio de passagens escatológicas, o que ele fará ali já existem prenúncios na atualidade. Portanto, não é em vão que a Bíblia nos adverte, quando diz: "...já o mistério da injustiça opera" (2 Ts 2.7). Com efeito, esta figura sombria (o Anticristo) contará com o apoio de forças sobrenaturais do mundo exterior. Dele está escrito: "...até fogo faz descer do céu à terra" (Ap 13.13).

Necessariamente, portanto, seus agentes são "...as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". Prova disto é que o maior e mais frequente campo de aterragem destes Objetos Voadores não Identificados tem sido na Europa Ocidental; especialmente, dentro dos limites do Antigo Império Romano.

De acordo com testemunhos verídicos, alguns seres vivos (homens, animais, etc), que foram visitados pelos tais Discos Voadores, sofreram os seguintes efeitos negativos: cegueira, mudez, insanidade mental, ferimentos, deformidades, etc. Exatamente os mesmos que são causados pelos demônios, quando escravizam as pessoas: cegueira (Mt 12.22), mudez (Mt 9.32-33), insanidade mental (Lc 8.26-35), ferimento (Mc 9.18), deformidade (Lc 13.11-17), etc. Há, portanto, uma solene realidade neste campo conjuntivo de passagens bíblicas. Especialmente, aquelas que dizem respeito ao fim desta presente Era e a introdução do mundo vindouro. Representa a intrusão de espíritos decaídos no mundo sensível. Tal intrusão é natural uma vez que Satanás é aquele que colocou o mundo no atual estado.

O juízo destes seres

"Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo" (2 Pd 2.4). E, no contexto de Judas, versículo 6, lemos: "E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão, e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia". As expressões de Pedro e Judas: "...até ao juízo daquele grande dia", ou seu equivalente, determinam o grande dia em que Deus há de julgar as suas criaturas. Aquele dia é o dia mais importante de

todos. É o dia decisivo da sorte eterna! Temos aqui uma expressão rabínica que indica o julgamento final.

Alguns estudiosos da Bíblia têm afirmado que as passagens de 1 Pedro 3.18,19 e 4.6, respectivamente, referem-se, de relance, a estes seres espirituais do mundo tenebroso: os anjos e os demônios. "São 'espíritos' que formam o contingente do exército oposto - que são seres espirituais". O termo grego "pneuma" é, então, usado por eles aqui livremente para indicar qualquer tipo de "espírito", como a "alma humana", a porção imaterial do homem, os "espíritos angelicais", "os espíritos demoníacos", ou mesmo o "Espírito Santo". No texto em foco, sendo generalizado por eles, não há, então, distinção mediante uma consideração do vocábulo, à parte do contexto.

Aqueles que aqui identificam os "espíritos em prisão" como anjos caídos esperando pelo "juízo daquele grande dia", provavelmente fazem-no por causa da observação que, em algumas histórias da *descida* de nosso Senhor, na literatura judaica-helenista, está em foco a restauração de anjos caídos, e, presumivelmente, pois a história de Pedro poderia estar descrevendo tal coisa. Mas estes textos em parte alguma indicam redenção de anjos, ou de demônios, e introduzir tal pensamento aqui é algo fora de lugar, mesmo que pudesse demonstrar que esse é um dos resultados positivos dos sofrimentos de Cristo. Já tivemos ocasião de afirmar, em outras notas expositivas deste livro, que, invocando 2 Pedro 2.4, jamais haverá redenção da parte de Deus e nem da parte de ninguém para os anjos decaídos. O texto procura provar que os sofrimentos de Cristo tiveram tais resultados positivos, a fim de convencer aos crentes que o bem pode advir do sofrimento de Cristo e se o nosso é baseado nEle, podemos então ter confiança.

O pensamento que a descida de Cristo ao Hades foi boa, de algum modo, não deve ter sido ruim, para aliviar o sofrimento humano, seria um argumento mais lógico do que dizer que isso teria sido destinado aos anjos caídos. As passagens, portanto, de 1 Pedro 3.18 e ss; 4.6 afastam totalmente a possibilidade de que tais seres sejam "os anjos caídos".

Cristo pregou aos "mortos" (4.6), isto é, aos "espíritos humanos desencorporados", chamados "mortos" por terem deixado seus corpos mortais. O termo "mortos" na presente secção, jamais poderia ser aplicado

a anjos caídos. Portanto, sem sombra de dúvida, estes seres estão, de fato, "reservados para o juízo".

Nas passagens de 1 Coríntios 6.3, 2 Pedro 2.4, Judas, versículo 6, e Apocalipse 20.12, deixam-nos transparecer que haverá "um julgamento final" para os seres espirituais do mundo tenebroso. Paulo afirma isso por amor de seu argumento: "Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos?" (1 Co 6.3). Enquanto que Pedro e Judas, respectivamente, afirmam que uma parte aguarda este julgamento "...em prisões eternas até o juízo daquele grande dia" (2 Pe 2.4; Jd v.6). Com efeito, os anjos que aqui estão em foco para julgamento, não devem ser entendidos como sendo os anjos bons, e sim, os anjos maus que, num passado distante, aderiram à revolta de Satanás.

No que diz respeito ao julgamento dos demônios, algumas passagens bíblicas nos traduzem tal pensamento. Em Mateus (8.29; 2 Tm 4.1, etc.) e em outras passagens similares, inferem talvez essa possibilidade. Os tais, quando se defrontaram com Jesus, perceberam ser Ele aquele que um dia havia de prendê-los: "...Jesus Filho de Deus? Vieste aqui (na terra) atormentar-nos antes (do juízo?) de tempo?" (Mt 8.29b). Acreditamos que em Apocalipse 20.12 fica subentendido no expressivo: "...vi os mortos, grandes (os anjos e demônios) e pequenos (os homens), que estavam diante do trono...", o julgamento dos tais espíritos. Só unicamente o Diabo não comparecerá ali! (Jo 16.11).

Nossa luta

O Apóstolo Paulo, e outros escritores do Novo Testamento, afirma que vivemos num mundo espiritual em que se movimentam milhões de seres hostis tanto a Deus como a seus santos.

Em vários de seus elementos doutrinários, Paulo nos adverte, dizendo que estamos em meio a uma grande tempestade que se arma, a fim de intensificar a batalha entre o bem e o mal. Ele via através do Espírito Santo que o firmamento se enegrecia, e já se podia ouvir o choque de exércitos hostis, ante a aproximação dos exércitos divinos em defesa do Céu.

Então Paulo conclama as forças de Deus a se posicionarem para tal batalha: "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim

contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais... portanto tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir..." (Ef 6.12,13a). A oposição dos poderes das trevas à vontade e às forças divinas é presenciada desde o Antigo Testamento. Daniel, um profeta do cativeiro babilônico, descreve isso em seu livro: "Mas o príncipe do reino da Pérsia se pôs defronte de mim vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia" (Dn 10.13). Devemos ter presente nesta secção quatro pontos importantes:

a) Esse "príncipe" opositor do mensageiro celeste não era simplesmente o rei da Pérsia ou qualquer outro oficial na terra, porque o anjo não pôde vencê-lo sem o auxílio do Arcanjo Miguel, o anjo guerreiro da vasta expansão celestial (1 Ts 4.16; Jd v. 9; Ap 12.7).

b) Como Deus tem anjos a seu dispor, também, Satanás os tem (Mt 25.41; Ap 12.7). Seu exército de combate é o que Paulo chama de "...forças espirituais da maldade...". No grego, temos, portanto, a palavra "pneumatikos", acompanhada de "mal", o que dá a entender "seres espirituais malignos". O que fica entendido é que esses seres são tão numerosos que tornam o poder de Satanás muito extenso.

c) Os filhos de Deus, na presente era, têm de lutar, não contra a "carne e o sangue", isto é, forças visíveis, mas contra as hostes de anjos e demônios iníquos que infestam a atmosfera terrestre e parte da celestial. Esses elevados poderes das trevas são chefiados por Satanás.

d) Não se pode vencer tais seres invisíveis com armas humanas (2 Co 10.4). Essas forças são forças espirituais, são forças do mal, que só podem ser enfrentadas por uma força superior, o Espírito de Deus; fora disso, tudo fracassa!

Daniel teve a resposta de sua oração "interceptada" por um destes poderes, por "vinte e um dias" (Dn 10.2), embora ela tivesse saído de Deus "desde o primeiro dia" (Dn 10.12). Essa deve ser uma das demoras em que muitas de nossas orações parecem que não estão sendo atendidas (cf. Hc 2.3; Lc 22.41,45; Ap 6.10,11, etc). Já no fim de capítulo dez de seu livro, Daniel recebe uma extraordinária revelação de como tanto os anjos quanto os seres humanos estão profundamente envolvidos numa só luta, pelejando

lado a lado contra os mesmos inimigos. Além disso, as hostes celestes precisam do apoio de Deus para as suas grandes conquistas. Tudo isso nos revela que, além de mensageiros, os anjos são patronos e guardiões de comunidades e nações aqui na terra. Já vimos o anjo Gabriel com uma solicitude especial para com Daniel. Notamos, também, os vigilantes que se ocupam com a disciplina e com o bem-estar do monarca Nabucodonosor (Dn 4.13). Miguel, como já tivemos ocasião de explicar em outras secções deste livro, aparece como o anjo guardião de Israel, como nação (Dn 12.1).

Mas há também, no sentido inverso, aqueles que são chamados de "o príncipe do reino da Pérsia" e outro, que segundo se afirma é "...o príncipe da Grécia" (Dn 10.13,20). Neste conflito espiritual, Paulo recomenda a não se negligenciar na oração. Então ele diz: "Orando em todo o tempo!..." (Ef 6.18a). "Orando sem cessar" (1 Ts 5.17). Através desta oração incessante, os anjos virão ao nosso socorro! O mensageiro disse a Daniel "...é por causa das palavras (de oração) que eu vim" (Dn 10.12b). O Apóstolo Paulo, entretanto, nos adverte que essas fortalezas espirituais só poderão ser destruídas, se estivermos "...em Cristo" porque Ele é aquele que tem todo poder, nos céus e na terra (Mt 28.18; Ef 1.19-23). Tal expressão aponta para aquele poder espiritual que nos é dado mediante a "comunhão mística com Jesus e os santos", tal comunhão denota o expressivo "em Cristo".

Este expressivo "em Cristo" é empregado 164 vezes nas epístolas de Paulo, servindo de "nota chave" de sua teologia. O cristianismo bíblico não repousa meramente sobre preceitos, ritos ou cerimônias formais. Mas é basicamente uma questão de comunhão com a Trindade Divina, em cuja proteção estamos abrigados. Era costume entre os romanos e gregos, depois de se terem revestido de suas armaduras, comerem juntos e precederem o ataque com uma súplica feita aos deuses, pedindo sucesso.

Paulo, então, passa aqui, também, a lembrar estes exemplos a seus leitores, pois somente assim, afirma ele: "...estareis firmes contra as astutas ciladas do diabo".

O Diabo é o líder supremo do reino das trevas, bem como de seus poderes inúmeros e potentíssimos. Ele é a essência mesma do mal. Seus aliados são mencionados no versículo 12 de Efésios 6. Sua depravação é consumada, e mostra-se extremamente inteligente em sua perversidade.

Por toda parte o Novo Testamento dá a entender que ele tem "personalidade", sendo identificado como um ser real, não se utilizando de seu nome como mera figura simbólica para as formas mais concentradas da maldade. Seu nome expressa exatamente aquilo que ele é: "acusador", "caluniador". Suas atividades, relativas ao crente, consistem em atacá-lo, procurando destruir-lhe a alma, através de acusações falsas e tentações.

A história da humanidade, porém, mostra-nos como Deus, o Bem supremo, conquista a lealdade dos homens e de outros seres racionais, protegendo-os das garras de Satanás, e como seres morais finalmente aprendem, por experiência própria, que o caminho de Deus é melhor que o caminho de Satanás, escolhendo o bem por vontade própria. É assim que os homens vêm a compartilhar da natureza essencial de Deus e não apenas preferi-lo.

Entre os principais esquemas do mal que o Diabo usa, destaca-se o "esquema do erro" que, como teia de aranha bem tecida, procura cauterizar a mente daquele que está procurando se afastar do erro. O império de Satanás é governado com uma norma fixa, e sua guerra é levada a efeito com um sistema estratégico que procura tirar vantagem de cada oportunidade de ataque. As múltiplas combinações do erro, as várias artes da sedução e da tentação, as variadas formas de engano da injustiça, constituem as "ciladas do diabo". A Bíblia, entretanto, nos apresenta vários métodos em que, através dos quais, nossa vitória estará assegurada: através "...do sangue do Cordeiro" (Ap 12.11a), "...da nossa fé" (1 Jo 5.4b), "...do testemunho de Cristo" (Ap 12.11), "...pelo novo nascimento" (Jo 3.7b; 1 Jo 5.4), "...de Deus mesmo" (Rm 8.37). É Ele, portanto, que "...sempre nos faz triunfar em Cristo" (2 Co 2.14!).

Nossa vitória

Somente "em Cristo" e "por Cristo", é que nossa vitória estará assegurada! Cristo nos faz triunfar, porque Ele é vitorioso em tudo quanto é e faz. Ele é "o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que *venceu...*" (Ap 5.5). Cristo é vencedor por vários motivos:

Primeiro, através de seu ofício real;

Segundo, através de sua descendência real como filho de Davi segundo a carne (Rm 1.3);

Terceiro, através do seu supremo poder pessoal, inerente, na qualidade de Leão da tribo de Judá (Ap 5.5);

Quarto, através do equilíbrio de seu caráter;

Quinto, através de sua missão terrena, que foi completada, incluindo a expiação. Essa grande vitória de Cristo é abrangente e universal.

Nossa vitória através de Cristo, não se prende à luta física, pois, necessariamente, se assim fosse, seria então fracasso e não vitória. Um dos maiores e mais habilidosos vultos do passado foi Alexandre Magno. Ele conquistou pela força e brutalidade o Império Medo-persa, e reinou com grande poder (Dn 8.3,4). Alexandre foi, de fato, um guerreiro habilidoso dentro do contexto humano, porém, tudo quanto fez e conquistou foi derramando sangue (dos outros) e pela sua ferina espada.

Ele foi, portanto, a antítese (oposição entre palavras ou ideias) do verdadeiro Cristo, que tudo quanto fez e conquistou foi derramando o seu próprio sangue, e manifestando seu grande amor. Há, portanto, um negativismo da parte de Alexandre e um positivismo da parte de Cristo à luz de cada contexto, quando os dois são confrontados: o primeiro exemplifica o homem carnal; o segundo, porém, exemplifica a confiança total em Deus. Observemos, portanto, o caráter negativo de Alexandre e o caráter positivo de Cristo: "Jesus e Alexandre morreram aos trinta e três anos. Um deles viveu para si mesmo, o outro por mim e por você. O grego morreu num trono; o judeu morreu numa cruz. A vida de um foi triunfante (aparentemente); a do outro, uma derrota (aparentemente). Um deles comandou imensos exércitos armados, o outro teve apenas um pequeno grupo, desarmado. Um derramou o sangue alheio sem piedade, o outro derramou o seu próprio sangue, e o derramou por amor ao mundo. Alexandre conquistou o mundo em vida; Jesus perdeu a sua vida para ganhar vida para seus seguidores. Um morreu na Babilônia, o outro morreu no Calvário. Um conquistou tudo para si, e o outro a si mesmo se deu. Alexandre, enquanto viveu, conquistou todos os tronos; Jesus, na morte e na vida, conquistou o Trono de Glória. Um deles sendo servo se fez Deus; o outro sendo Deus se fez servo (Fl 2.6,7). Um deles ganhou um grande nome: Alexandre! O outro 'um nome que é sobre todo o nome: JESUS!' (Fl

2.9). Um deles viveu para se gloriar; o outro para abençoar. Quando o grego morreu, seu trono, conquistado pela espada, ruiu para sempre. Jesus, quando morreu, ganhou o trono que permanece para sempre (SI 93.2).

"O grego fez de todos escravos; o judeu a todos (que o aceitaram ou aceitam) liberta da escravidão do pecado (Jo 8.32,36). Um deles construiu um trono forrado de sangue; o outro edificou o seu com amor. Um deles veio da terra: é terreno! (1 Co 15.47). O outro veio do Céu: é celestial! (1 Co 15.47-49). O grego morreu para sempre; o judeu para sempre vive! Perde tudo aquele que só recebe, e tudo ganha aquele que sempre dá!".

Rendição total

Para que tenhamos vitória total em nossas vidas, precisamos nos esvaziar de tudo o que se opõe à vontade expressa de Cristo. Devemos também renunciar a tudo o que impede de vivermos mais perto de Deus. Jesus disse: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo... e siga-me" (Lc 9.23b). Para se alcançar tal objetivo, se faz necessária a mortificação da velha natureza. Nas palavras de Paulo, ele delineia a oposição da "velha natureza" com a "nova natureza" regenerada por Cristo. A experiência do Apóstolo atende a questão vital, isto é, como pode a velha natureza ser domada pela nova.

Vamos seguir seus passos na passagem de Romanos 7.15-24: "Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois (eu, Saulo) não faço o que (eu, Paulo) prefiro, e, sim, o que (eu, Paulo) detesto. Ora, se (eu, Saulo) faço o que (eu, Paulo) não quero, consinto com a lei (ou vontade de Deus para mim), que é boa. Nesse caso, quem faz isto já não sou eu (Paulo), mas o pecado (Saulo) que habita em mim. Porque eu sei que em mim (Saulo), isto é, na minha carne, não habita bem nenhum; pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque (eu, Saulo) não faço o bem que (eu, Paulo) prefiro, mas o mal que (eu, Paulo) não quero, esse (eu, Saulo) faço. Mas, se (eu, Saulo) faço o que (eu, Paulo) não quero, já não sou (eu, Paulo) quem o faz, e, sim, o pecado (Saulo) que habita em mim. Então, (eu, Paulo) ao querer o bem, encontro a lei de que o mal (Saulo) reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior (eu, Paulo), tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei (Saulo) que, guerreando com a lei da minha mente (o Paulo que tem prazer na lei de Deus), me faz prisioneiro da lei do pecado (Saulo) que está em

meus membros. Desventurado homem (cristão) que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte".

Vejamos agora que o "eu" desamparado e derrotado está em evidência em caso, e o "eu" suficiente e vitorioso pelo Espírito Santo está em evidência no outro. Mas essa suficiente vitória dar-se apenas "por Jesus Cristo, nosso Senhor!"

Os Anjos na Vida Diária

Sempre perto de nós

Hoje em dia, nos caminhos da vida (declara o doutor V. R. Edman), podemos nos encontrar com os anjos. Eu estou falando literalmente e não por metáfora.

Conhecemos e amamos amigos e parentes piedosos os quais às vezes chamamos de "anjos", mas sabemos serem seres humanos, cuja bondade e gentileza revelam o Salvador que habita neles. Além dessas considerações humanas, estou convencido, por meio das Escrituras, e dos testemunhos contemporâneos de milhares de santos, que os anjos estão presentes neste mundo de tanta dor e sofrimento.

Geralmente, em alguns casos, não são percebidos pelos olhos humanos, mas o seu trabalho é muito real para o cristão, que é "um herdeiro da salvação" (Hb 1.14). Algumas vezes o seu trabalho exige que apareçam em forma humana, dentro do contexto vivido por nós, e nada em suas roupas ou palavras poderiam diferenciá-los das outras pessoas presentes. Só o coração atento e sensível percebe, e geralmente muito tempo depois, que o estranho que o ajudou Pedro: "Agora sei verdadeiramente que o Senhor enviou o seu anjo!"

Doutor Arno Clemens Gaebelein

O doutor A. C. Gaebelein, relata em seu livro como em uma certa ocasião um anjo de Deus o socorreu.

"Há alguns anos, quando viajavamos para o Norte, entregamo-nos de maneira especial nas santas mãos de Deus. Havia um sentimento de perigo no coração. O Senhor nos deu uma noite de repouso. Mas de manhã ouvimos contar o que tinha acontecido durante a noite.

O trem estava com horas de atraso e o pessoal nos contou que perto da meia-noite, o trem fora interceptado por um fazendeiro, fazendo-o parar a menos de quatro metros e meio de um profundo abismo. Uma tempestade mais ao norte enviara suas águas pelo rio abaixo e carregara a ponte de madeira.

Um pouco antes o fazendeiro estava dormindo. Uuviu uma voz angelical que o chamava para que se levantasse. Ouviu o ruído das águas e vestiu-se apressadamente, acendendo uma lanterna, quando percebeu a aproximação do trem, que finalmente conseguiu parar a tempo de salvar a composição. Sempre acreditamos, que um anjo de Deus agiu naquela ocasião".

Corrie Ten Boom

Corrie nos conta como, durante a rebelião de Jeunes-se, no Congo, como Deus interveio através de seus anjos. "Quando os rebeldes avançaram contra uma escola onde viviam duzentos filhos de missionários, planejavam matar crianças e professores.

Lá dentro da escola, todos sabiam do perigo e por isso puseram-se a orar. Sua única proteção era uma cerca e dois soldados, enquanto o inimigo, que se aproximava cada vez mais, atingia diversas centenas. Quando os rebeldes já se encontravam bem perto, de repente, aconteceu uma coisa: Voltaram-se e saíram correndo para outra direção! No dia seguinte aconteceu a mesma coisa e no terceiro outra vez.

Um soldado dos rebeldes foi ferido e o levaram ao hospital da missão. Enquanto o médico se ocupava em atar-lhe os ferimentos, perguntou: 'Por que vocês não atacaram a escola conforme o planejado?' -

'Não pudemos fazê-lo porque vimos centenas de soldados de uniformes brancos e ficamos com medo.' Na África os soldados jamais usaram uniformes brancos; portanto, deviam ser anjos!"

Ken Weathers

Outra história emocionante sobre intervenção angelical, aconteceu com Ken Weathers, da Wycliffe Bible Translators, que dirigia uma escola entre os chenaltos do México. Um jovem aluno mintontic, chamado Erasto, freqüentava a escola. Aceitou a Cristo e então, pregou o Evangelho a um seu companheiro chamado Vicente.

Vicente foi grandemente usado por Deus, e enquanto o poder do Espírito Santo se manifestava, muitos pagãos se arrependeram e creram em Cristo. Então o poder das trevas começou a coordenar suas forças para o contra-ataque. A perseguição cresceu a tal ponto que a vida dos cristãos mintontics estava constantemente ameaçada.

Finalmente os homens esconderam suas esposas e filhos numa caverna para protegê-los. Mas os inimigos da igreja conheciam o esconderijo dos crentes, e certa noite decidiram atacar e matar todos os que encontrassem ali.

Os inimigos disseram depois que, quando chegaram perto da caverna, a uma distância de alguns metros da entrada, foram atacados por homens com técnicas completamente diferentes daquelas usadas por eles, de tal modo, que os compararam à cães ferozes.

O testemunho dos cristãos, porém, foi diferente e dizem que viram os homens armados se aproximando ousadamente, mas, quando chegaram a uma distância de alguns metros da caverna, subitamente pararam, apavorados com as manifestações divinas simultâneas com a presença angelical; partiram apavorados e gritando com medo.

Numa outra ocasião, alguns homens planejaram ir à casa de Vicente para matá-lo. Mas, quando se aproximaram da casa, encontraram-na rodeada de um verdadeiro exército de soldados armados! Os possíveis assassinos e o povo da cidade vizinha foram tomados de pânico, pensando que iam ser atacados pelos protetores do Vicente.

A Bíblia começa sua história falando em Deus (Gn 1.1) e termina falando no homem: mas do homem santo! (Ap 22.21).(") Porém, tal revelação não exclui os seres angelicais que, na Bíblia inteira são proeminentes. E, pelo menos, em alguns casos, a sua presença traduz claramente a presença do próprio Deus (Êx 23.20-22).

Prezado leitor, espero que este livro: Os Anjos - sua Natureza e Ofício, enriqueça sua confiança na proteção divina através do auxílio angelical. Portanto, não esqueça! Se assim o fizer "nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda".

Porque [Deus] aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.

"Eles te sustentarão nas suas mãos..." (Sl 91.10-12a).

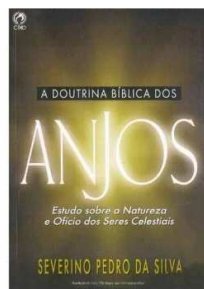
Este cuidado dos anjos a nosso respeito, começa logo na infância e continuará por toda nossa vida. E quando um cristão morre, os anjos ali estão para confortá-lo, dando-lhe paz e alegria até mesmo nessa hora decisiva, e prontos a conduzi-lo à imediata presença de Deus (Lc 16.22).

Quero agradecer ao irmão Nelson A. Alessi, que datilografou o original deste livro.

Também ao pastor Nemuel Kessler, pela apresentação e, de igual modo, o pastor José Wellington Bezerra da Costa, meu amigo e meu pastor por excelência, por ter prefaciado esta obra.

Aqui termino. Agradeço a Deus. Amém.

Nota do Digitalizador: Este livro está sendo publicado hoje com uma nova capa e um novo Título (A Doutrina Bíblica dos Anjos) mas, o seu conteúdo é o mesmo. Ver abaixo:



Bibliografia

ALLMEN, J. J. V. *Vocabulário Bíblico*, 2ª Edição. Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, São Paulo, SP, 1972

APPUI, BLOOMFIELD, A. E. *Apocalypse - O Futuro glorioso do Planeta Terra*, Editora Betânia, Belo Horizonte, MG, 1980

BROWN, C. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia*, 4º Volumes. Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1981 A 1985

BUBECK, M. I. *O Adversário*. Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1985

CHAFER, L. S. *Teologia Sistemática*, 1ª Edição. Imprensa Batista Regular, São Paulo, SP, 1986

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. 6 volumes, 1ª Edição, 3ª Impressão. Distribuidora Cultura Ltda. (MILENIUM); São Paulo, SP, 1982

COOKE, W. *Teologia Crista*, 5ª Edição, op. cit. em 1947

CORSINI, E. *Apocalypse - O Apocalipse de São João*, Edições Paulinas, São Paulo, SP, 1984

DAVIS, J. D. *Dicionário da Bíblia*, 11ª Edição. Editora JUERP, Rio de Janeiro, RJ. 1985

DURRANT, H. *Les Dossiers des OVNI* (Os Estranhos Casos dos OVNI). Éditions Robert Laffont, S. A., Paris, França, 1973

PHILLIPS, Mc. C. *O Mundo Espiritual*, Wheaton, 1970 GAEBELEIN, A. C. *Os Anjos de Deus*. op. cit. 1947 GRAHAM, B. *Anjos: Os Agentes Secretos de Deus*, 1ª Edição. Editora Record, Rio de Janeiro, RJ. 1975 HALLEY, H. H. *Manual Bíblico de Halley*, 5ª Edição.

Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1983 LADD, G. E. *Apocalypse - Introdução e Comentário*. Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1980

- LARKIN, C. *O Mundo dos Espíritos*, op. cit. 1947
- LOCKYER, H. *Apocalipse - O Drama dos Séculos*. Editora Vida, Miami, Flórida, 1982
- MILLER, C. L. *Tudo sobre Anjos: O outro lado do mundo e dos espíritos*, V Edição. Editora Vida, São Paulo, SP, 1978
- NEVIUS, J. L. *Possessão Demoníaca e Temas Conexos*. Nova Iorque, Revell, 1893
- RIDEERBOS, J. *Isaías, Introdução e Comentário*, 1ª Edição. Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1986
- SCOFIELD, C. I. *Bíblia anotada por Scofield*. Imprensa Batista Regular, São Paulo, SP
- SEISS, J. A. *O Apocalipse*, 3 Volumes, Filadélfia, 1865
- SHEDD, R. P. *O Novo Comentário da Bíblia*, 3ª volumes, 1ª Edição, 3ª Reimpressão. Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1979
- SHEDD, R. P. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2º Volumes, 1ª Edição, 4ª Reimpressão. Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1983
- SILVA, S. P. *Apocalipse: Versículo por Versículo*, 4ª Edição do autor, Rio de Janeiro, RJ, 1987
- SILVA, S. P. *Daniel: Versículo por Versículo*, 2ª Edição. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, Rio de Janeiro, RJ, 1986
- SUMMERS, R. *Apocalipse - A Mensagem do Apocalipse*. Editora JUERP, Rio de Janeiro, RJ, 1978
- TAYLOR, J. B. *Ezequiel, Introdução e Comentário*, 1ª Edição. Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1984
- VANNI, H. *Apocalipse - Uma Assembléia Litúrgica Interpreta a História*. Edições Paulinas, São Paulo, SP, 1984

Bíblias Consultadas

A BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Corrigida no Brasil. Editora Vida, Miami, Flórida, 1981

A BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Corrigida no Brasil. Imprensa Bíblica Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, 1977

A BÍBLIA SAGRADA (Vida Nova). Edição Revista e Atualizada no Brasil. S. R. Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1980.

LA SANTA BÍBLIA (Língua Espanhola). Antigua Version de Casiodoro de Reina (1569), Revisada por Cipriano de Valera (1602); Revision, Barcelona, Espanha, 1977

LA SAINTE BIBLE (Língua francesa). Traduite des textos originaux hébreu et grec par louis SEGOND, docteur em Théologie, Version revue, 1975, La Maison de 1^a Bible, Paris, 1979.